



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA



Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

ANDRÉA DOMINGUES DA SILVA SOUZA

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: Um estudo dos
Trabalhadores em Reabilitação Profissional do INSS**

SANTOS
2016

ANDRÉA DOMINGUES DA SILVA SOUZA

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: Um estudo dos
Trabalhadores em Reabilitação Profissional do INSS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de
São Paulo – Campus Baixada Santista, para obtenção do
Título de Mestre em Ciências da Saúde.
Área de concentração: Educação em Saúde na
Comunidade.

Orientadora:
Professora Doutora Maria de Fátima Ferreira Queiróz

Santos
2016

	Souza, Andréa Domingues da Silva, 1982-
S7293o	A Organização do Trabalho: Um estudo dos trabalhadores em Reabilitação Profissional do INSS. / Andréa Domingues da Silva Souza; Orientadora: Prof ^a . Dra. Maria de Fátima Ferreira Queiróz. – Santos, 2016. 98 p.; 30 cm.
	Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação) – Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista, Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde, 2016.
	1. Saúde do Trabalhador. 2. Reabilitação Profissional. 3. Organização do Trabalho. I. Queiróz, Maria de Fátima Ferreira, Orientador. II. Título.
	CDD 610.7

ANDRÉA DOMINGUES DA SILVA SOUZA

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: Um estudo dos
Trabalhadores em Reabilitação Profissional do INSS**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a): Claudia Maria França Mazzei Nogueira
Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista – UNIFESP

Prof.(a) Dr.(a): Juliana Andrade de Oliveira
Fundacentro – Ministério do Trabalho e Previdência Social

Prof.(a) Dr.(a): Rosilda Mendes
Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista – UNIFESP

SANTOS
2016

Dedico esta pesquisa aos trabalhadores que estão no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS, em especial na Agência da Previdência Social de Guarulhos, pois foi a partir do contato diário com esse público que foi despertado o interesse no Mestrado Profissional como possibilidade de enfrentamento das dificuldades encontradas no campo de atuação, bem como o caminho para a construção de uma intervenção inovadora e educativa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que sempre esteve presente em minha vida, dando-me força para jamais desistir.

Ao meu marido Rogério, que acredita na minha busca, compartilha e compartilhou comigo momentos difíceis de escolhas, que me fizeram crescer como pessoa e profissional. Ao meu amado filho Thiago, que foi gestado nesse processo de estudo, e que desde muito pequenininho, tenho a certeza, me fortalecia para continuar na luta, e que com sua pureza e sorriso me faz continuar a acreditar que é possível construir uma sociedade mais justa. Aos meus familiares, amigos (as), que estiveram sempre ao meu lado e que compreenderam por muitas vezes a minha ausência, em momentos importantes para nossa trajetória.

Agradeço também a Equipe de Reabilitação Profissional e aos colegas Assistentes Sociais do Serviço Social da Agência da Previdência Social de Guarulhos, pelo incentivo ao desenvolvimento dessa pesquisa, e em especial às profissionais Karen Akemi (Terapeuta Ocupacional), Luciana Martim (Assistente Social) e Renata Soraia de Paula (Assistente Social), pelas contribuições para a realização da pesquisa de campo, pois proporcionou crescimento profissional. A equipe do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – CEREST Guarulhos, pela parceria que muito enriqueceu a pesquisa e ampliou o olhar para novas ações conjuntas.

As minhas amigas e companheiras de mestrado, Bárbara Mello, Débora Âlcantara e Rosimeire Aparecida Bezerra Gois, por toda cumplicidade, conhecimento trocado, paciência, cuidado e carinho com a minha gestação que ocorreu nesse processo. Muitas idas e vindas de São Paulo a Santos que muito nos enriqueceram e deixou saudades. A turma do Mestrado Profissional 2013 que saudades também deixaram, além da constante troca de conhecimento.

Aos Professores que contribuíram de maneira primordial com a minha formação, aprimorando a cada encontro o exercício ético e o comprometimento com a profissão, e em especial a Professora Dra. Maria de Fátima Ferreira Queiróz, da qual eu tive o prazer de ser orientanda, e a oportunidade de apreender e trocar conhecimentos que com certeza levarei para toda a vida.

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo fomentar o debate, em grupo, dos trabalhadores acidentados e adoecidos que encontram-se na Reabilitação Profissional da Previdência Social, no que se refere aos aspectos sobre a organização do trabalho, o gênero masculino e a saúde dos trabalhadores, possibilitando assim adequado enfrentamento de sua limitada condição no trabalho e reconhecimento de seus direitos e potencialidades transformadoras, tendo em vista não haver esse espaço atualmente no INSS. A pesquisa teve como hipótese que o homem ao compreender que o processo saúde-doença sofre interferências da relação capital x trabalho, e nesse contexto, o papel culturalmente atribuído ao masculino, permitiu-se refletir sobre os direitos adquiridos visando exercitar o papel de cidadão e descobrir potencialidades para uma melhor vida no trabalho e fora dele e, se é possível, efetivamente exercitar a reabilitação profissional. Para tanto, o método teve como base a pesquisa qualitativa, pesquisa intervenção, com o recurso de oficinas. Ocorreram dois grupos, sendo totalizado a participação de 23 trabalhadores do sexo masculino, sendo um grupo com 11 participantes e outro com 12 participantes, com idades de 35 a 46 anos, que passaram em atendimento no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS – Agência da Previdência Social de Guarulhos, no período de agosto/2013 a janeiro/2014. As oficinas ocorreram no Centro de Referência de Saúde do Trabalhador – Guarulhos, com duração de duas horas e total de seis encontros por grupo. Na análise optou-se pelo método do discurso do sujeito coletivo. Os dados coletados apresentam resultados apontando que os trabalhadores reconhecem que o trabalho e o trabalhar são vitais ao homem, estabelecendo com ele uma relação de identidade, dignidade, e quando não se veem mais nesse processo há um sentimento de inutilidade, perde-se o sentido da vida. O trabalho é reconhecido pelo homem como condição de sua existência, porém, devido às mudanças ocorridas no mundo do trabalho pelo interesse do capital, o trabalhador não se reconhece no trabalho para além da relação de troca, e, portanto, se aliena no mundo do trabalho, que cada vez mais intensifica as formas de exploração da classe trabalhadora. Apresentam a realidade da organização atual do trabalho que se caracteriza como precarizada, opressora, além de haver a superexploração do trabalhador que, às vezes, se submete a determinadas atitudes tanto por medo do desemprego como pela demasiada concorrência no mercado de trabalho, que coloca o trabalhador em uma realidade competitiva tanto no ambiente de trabalho como na busca por recolocação. Reconhecem que as condições de trabalho, bem como, as exigências atuais do mercado de trabalho, podem influenciar no adoecimento ou acidente de trabalho, e assim consequentemente, ocorrer o afastamento. Os trabalhadores reconhecem que trabalhar traz prazer, satisfação, crescimento pessoal, que levarão para toda vida. Mas apresentam “marcas” negativas que também levarão para uma vida inteira, pois geram sofrimento, culpabilização, além da dor emocional relacionada ao julgamento social decorrente do afastamento, e pelo sentimento de abandono em relação às empresas quando ocorre o afastamento do trabalho. O estudo também aponta a insegurança em relação à continuidade ou não do benefício, e, como o homem trabalhador se sente humilhado por não mais suprir as necessidades da família devido o baixo valor do benefício. Avaliaram o processo de estudo que participaram como positivo, e que o grupo possibilitou um espaço de vivência, de troca de experiência e de escuta. O presente estudo ainda possibilitou a abertura de um debate na equipe de Reabilitação Profissional para a construção de ações em grupo, e da importância de ações intersetoriais, bem como o processo de educação e educação em saúde junto aos trabalhadores afastados em decorrência de acidente ou doença relacionada ao trabalho.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador; Reabilitação Profissional; Organização do Trabalho; Identidade de Gênero; Seguridade Social.

ABSTRACT

This study aimed to encourage discussion in group of injured and sickened workers who are in the Vocational Rehabilitation of Social Security, in relation to aspects of the organization of work, the male and the health of workers, thus enabling appropriate coping their limited condition at work and recognize their rights and transformative potential, given that there is currently space INSS. The research has hypothesized that man to understand that the health-disease suffer interference from the capital x labor relations, and in this context the role culturally assigned to men, it will reflect on the rights acquired order to exercise the role of citizen and may find potential for better work life and out of it and, if possible, effectively exercise professional rehabilitation. Therefore the method was based on qualitative research, intervention research, with workshops feature. There were two groups, totalized the participation of 23 male workers, and a group of 11 participants and the other with 12 participants, aged 35-46, who spent on care in Vocational Rehabilitation Services, INSS - Agency Social welfare Guarulhos, from August / 2013 to January / 2014. The workshops took place in Occupational Health Reference Center - Guarulhos, lasting two hours and a total of six meetings per group. In the analysis it was decided by the collective subject discourse method. The data collected show results pointing out that workers recognize that work and work is vital to man, it establishes with him a relation of identity, dignity, and when you do not see more in this process, there is a feeling of worthlessness shall lose if the meaning of life. The work is recognized by man as a condition of its existence, however, due to changes in the world of work by the interests of capital, the worker does not recognize the work beyond the exchange relation, and thus alienates the world work, which increasingly intensified forms of exploitation of the working class. Present the reality of the current labor organization characterized as precarious, oppressive, and be worker exploitation that sometimes undergoes certain attitudes both by fear of unemployment as by too much competition in the labor market, which places worker in a competitive environment both in the workplace and in the search for replacement. Recognize that working conditions as well as the current requirements of the labor market can influence illness or accident at work, and so consequently the withdrawal occurs. Workers recognize that work brings pleasure, satisfaction, personal growth that will lead to life. But they have "brands" negative which will also lead to a lifetime because they generate suffering, guilt, beyond the emotional pain related to social judgment due to the remoteness, and the feeling of abandonment for enterprises when the removal of the work occurs. The study also points out the uncertainty regarding the continuation or not of benefit as well, as the working man feels humiliated by not meet the family's needs because of the low value of the benefit. They evaluated the study process who participated as positive, and that the group enabled a living space, exchange of experience and listening. This study also allowed the opening of a debate in the Vocational Rehabilitation team for the construction of group actions, and the importance of intersectoral action and the process of education and health education with the workers away due to accident or illness related to work.

Keywords: Occupational Health; Vocational Rehabilitation; Labour Organization; Gender Identity; Social Security.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura das oficinas realizadas com os trabalhadores acidentados e adoecidos da Reabilitação do INSS, Guarulhos, 2014	34
Quadro 2 – Processo de seleção para participação nos grupos	44
Quadro 3 – Perfil dos trabalhadores que participaram do Grupo 1	45
Quadro 4 – Perfil dos trabalhadores que participaram do Grupo 2	45

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Boneco Trabalhador construído durante as oficinas do Grupo 1	36
Figura 2. Boneco Trabalhador construído durante as oficinas do Grupo 2	37
Figura 3. Boneco Trabalhador (grupo 1) marcado com frases relacionadas a oficina Sou “cabra-macho” sim senhor!	40
Figura 4. Boneco Trabalhador (grupo 2) marcado com frases relacionadas a oficina Sou “cabra-macho” sim senhor!	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Empregos formais, por setores de atividade econômica	22
Tabela 2. Número de Empregos Formais em 31 de Dezembro de 2014	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAT – Comunicação de Acidente do Trabalho.

CEREST – Centro de Referência de Saúde do Trabalhador.

CID – Classificação Internacional das Doenças.

CIF – Classificação Internacional de Funcionalidades.

CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes.

CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas.

CNPS – Conselho Nacional de Previdência Social.

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo.

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social.

NTEP – Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário.

OIT – Organização Internacional do Trabalho.

P.L.E - Participação dos Lucros da Empresa.

SUS – Sistema Único de Saúde.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. HIPÓTESE	28
3. OBJETIVOS	29
3.1 Objetivos Específicos	29
4. MÉTODOS	30
4.1 Procedimentos Metodológicos	30
4.1.1 Detalhamento das Oficinas	34
5. RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	44
5.1 Caracterização dos Grupos de Trabalho	44
5.2 Definição dos Temas para Descrição dos Discursos	48
5.3 Discurso dos Trabalhadores	50
6. DISCUSSÃO	66
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	89
APÊNDICE	94

1. INTRODUÇÃO

A motivação para o desenvolvimento da Pesquisa em questão se deu considerando a trajetória profissional da pesquisadora como Assistente Social, em diferentes áreas de atuação, as quais favoreceram a ampliação e trocas de conhecimentos tanto com outras profissões, quanto com os usuários e as comunidades que possibilitaram a atuação e intervenção.

Esse arcabouço de conhecimento construído e em construção diária, resultou em reflexões e indagações latentes sobre o novo desafio profissional proposto, ou seja, a intervenção profissional no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS, Agência da Previdência Social de Guarulhos.

Ressalta-se uma breve apresentação do Município de Guarulhos onde está inserido o Serviço de Reabilitação Profissional. A cidade de Guarulhos foi fundada em 8 de dezembro de 1560 pelo Padre Jesuíta Manuel de Paiva, com o nome de Nossa Senhora da Conceição, somente em 1880 se emancipou de São Paulo, passando a ser chamada Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos. O nome atual só foi adotado após a promulgação da Lei nº 1.021, de 6 de novembro de 1906. (WIKIPÉDIA, 2016 e PREFEITURA DE GUARULHOS, 2016).

Guarulhos pertence à Região Metropolitana de São Paulo, e é município do Estado de São Paulo, é considerada a segunda cidade mais populosa do estado, a 13ª mais populosa do Brasil e a 53ª mais populosa do continente americano, além de deter o 2º maior Produto Interno Bruto - PIB de seu estado e o 13º maior do país. Está localizado em Guarulhos o maior aeroporto da América do Sul, o Aeroporto Internacional de São Paulo-Guarulhos Governador André Franco Montoro. (WIKIPÉDIA, 2016 e PREFEITURA DE GUARULHOS, 2016).

No decorrer dos 1960/1970, a cidade de Guarulhos foi marcada pela estruturação de atividades industriais que influenciaram a migração para o Estado de São Paulo. *“Guarulhos foi considerada a 9ª cidade mais rica do Brasil, em 2007, com um (PIB) na ordem de 27,4 bilhões de reais, o que representava 1,01% de todo PIB brasileiro na época”*. Estão instaladas na cidade de Guarulhos, diversas indústrias como: Lincoln Electric, Bauducco, Bardella, Valleo, Aché, Maggion, Pfizer, Yamaha, Tecfil, Gerdau, Borlem, Usiminas, Levorin, Pepsico, Sew, Continental, Fragon e Cummins, além dos Centros de Distribuição como da Riachuelo, C&C, Ponto Frio e outros. (WIKIPÉDIA, 2016). Portanto, Guarulhos caracteriza-se como um território industrial e com movimentação intensa de trabalhadores, sejam eles moradores ou não da cidade.

A atuação nessa instituição, complexa e integrante da Política de Seguridade Social, e mais especificamente no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS, possibilitou o contato diário com trabalhadores que estão afastados do trabalho, temporariamente, por motivos de acidentes ou doenças relacionadas ao trabalho, ou por doenças sem relação com o trabalho.

Importante esclarecer que, na última situação citada, os segurados¹ da Previdência Social acessam o benefício auxílio-doença² previdenciário, diferentemente da situação de acidente de trabalho, na qual os segurados acessam o auxílio-doença acidentário, e tem a garantia de alguns direitos trabalhistas como à estabilidade no emprego, por no mínimo um ano, após a cessação do benefício. Todavia, segundo dados do Ministério da Previdência Social (2013), ambos para acessar o direito ao benefício necessitam comprovar, em perícia médica, a incapacidade para o trabalho, além disso, o trabalhador tem que ter contribuído:

[...] com a “Previdência Social por, no mínimo, 12 meses anteriores à data da concessão do benefício, sem perda da qualidade de segurado. Esse prazo não será exigido em caso de acidente de qualquer natureza ou de doença profissional ou do trabalho, desde que o acidente ou a doença ocorram após a filiação à Previdência e estar na qualidade de segurado³.

Esses trabalhadores que estão afastados temporariamente do trabalho, além da necessidade de apresentarem e comprovarem as mesmas condições acima citadas, para acessarem o benefício auxílio-doença, é também identificado no contato diário com esse público, que há outra questão central entre eles, ou seja, o trabalho e como o afastamento do trabalho tem afetado a vida desses trabalhadores. Nesse sentido é importante esclarecer sobre a categoria trabalho, o qual será aprofundado no decorrer da pesquisa.

¹ Cidadãos ou cidadãs, a partir de 16 anos de idade, que contribuem mensalmente para a Previdência Social são chamados de Segurados ou Seguradas. Eles tem direito a benefícios e serviços oferecidos pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), como aposentadoria, salário maternidade, auxílio-doença, entre outros (Ministério da Previdência Social, 2013).

² Auxílio-doença é o benefício que todo segurado da Previdência Social recebe, mensalmente, ao ficar temporariamente incapacitado para o trabalho, por motivo de doença ou acidente. Pode ser previdenciário (sem relação com o seu trabalho) ou acidentário (resultante de um acidente de trabalho). (MONTENEGRO, 2011, p. 01)

³ Mantém a qualidade de segurado:

Sem limite de prazo, quem estiver recebendo benefício;

Até 12 meses após cessar o benefício por incapacidade ou o pagamento das contribuições mensais.

Esse prazo pode ser prorrogado para até 24 meses, se o trabalhador já tiver pago mais de 120 contribuições mensais sem interrupção que acarrete perda da qualidade de segurado;

Para o trabalhador desempregado, os prazos anteriores serão acrescidos de mais 12 meses, desde que comprovada a situação por registro no Ministério do Trabalho e Emprego;

Até 12 meses após cessar a segregação, para o segurado acometido de doença de segregação compulsória;

Até 12 meses após o livramento, para o segurado preso;

Até três meses após o licenciamento, para o segurado incorporado às Forças Armadas;

Até seis meses após interrompido o pagamento, para o segurado facultativo. (MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2013).

O trabalho enquanto etimologia apresenta como significado o termo do latim vulgar *tripalium*, que segundo Woleck:

Tripalum era um instrumento feito de três paus aguçados, com ponta de ferro, no qual os antigos agricultores batiam os cereais para processá-los. Associa-se a palavra trabalho ao verbo tripaliare, igualmente do latim vulgar, que significava "torturar sobre o trepalium", mencionado como uma armação de três troncos, ou seja, suplício que substituiu o da cruz, instrumento de tortura no mundo cristão. Por muito tempo, a palavra trabalho significou experiência dolorosa, padecimento, cativo, castigo. (BUENO, 1988, p. 25 *apud* WOLECK, 2012, p.3). [...] pode-se observar em diferentes línguas (grego, latim, francês, alemão, russo, português) que o termo trabalho tem, em sua raiz, dois significados: esforço, fardo, sofrimento e criação, obra de arte, recriação (WOLECK, 2012, p. 03).

Ao remeter-se a história do trabalho na sociedade, verifica-se que esta se apresenta como importante precursor do processo de humanização do homem, do ser social com a natureza, da socialização humana, e de acordo com Marx e Lukács, o trabalho pode se afirmar:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana (MARX, 1983, p. 172) [...] tem lugar uma dupla transformação. Por um lado, o próprio homem que trabalha, é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza; “desenvolve as potências nela ocultas” e subordina as forças da natureza “ao seu próprio poder”. Por outro lado, os objetos e as forças, da natureza são transformados em meios, em objetos de trabalho, em matérias-primas etc. (LUKÁCS, 1980, p.16, *apud* ANTUNES, 2005, p. 68).

No entanto, ao longo do tempo, o trabalho foi sofrendo mutações de acordo com o sistema econômico vigente de cada época, e dessa maneira se deslocou do lugar de realização humana, para meio de subsistência e mercadoria tendo como objetivo a valorização do capital.

Sobre o assunto, Marx ressalta ainda que:

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, 2004, p. 82).

É nessa condição degradante que o trabalhador vem sendo submetido às relações de trabalho no sistema capitalista, e tal realidade, além de estabelecer uma condição de alienação e escravidão pelo trabalho, apresenta histórico de morbidades e mortalidade decorrentes da relação capital e trabalho.

Segundo dados do Ministério da Previdência Social (2013):

[...] em 2011, ocorreu cerca de 1 morte a cada 3 horas, motivada pelo risco decorrente dos fatores ambientais do trabalho e ainda cerca de 81 acidentes e doenças do trabalho reconhecidos a cada 1 hora na jornada diária. Em 2011 observamos uma média de 49 trabalhadores/dia que não mais retornaram ao trabalho devido à invalidez ou morte.

Nesse aspecto, embasado por Antunes (2004) é importante também destacar que, com a mundialização do capital, a organização do trabalho se apresenta com novos arranjos, e porque não dizer, armadilhas para o trabalhador. A organização atual do trabalho está ancorada no sistema capitalista vigente, e apresenta o trabalho ainda mais precarizado, a realidade do subemprego, do desemprego estrutural, das terceirizações, dos subcontratados, entre outras formas que resultam em uma exploração intensificada do trabalhador. Além disso, traz novos mecanismos de controle e coerção, como: concorrência, competitividade, assédio moral no trabalho, captura da subjetividade dos trabalhadores para além do ambiente de trabalho, discurso participacionista, de integração, de colaboração, o que acaba por influenciar a anulação da liberdade humana.

Tal configuração tem implicado na condição de saúde do trabalhador, pois este tem adoecido para além das doenças profissionais clássicas, como por exemplo, a intoxicação química, ou seja, novas morbidades surgem, e sobre esse fato Mendes afirma que:

As modificações dos processos de trabalho em nível “macro” (terceirização da economia), e “micro” (automação e informatização), acrescentados à eliminação dos riscos nas antigas condições de trabalho, provocam um deslocamento do perfil de morbidade causada pelo trabalho: as doenças profissionais clássicas tendem a desaparecer, e a preocupação desloca-se para as outras “doenças relacionadas com o trabalho” (*work related diseases*). Passam a ser valorizadas as doenças cardiovasculares (hipertensão arterial e doença coronariana), os distúrbios mentais, o estresse e o câncer, entre outras (MENDES, 1991, p. 344).

Considerando essa realidade, o Ministério da Saúde, em 2001, desenvolveu o Manual de Procedimentos da Saúde: Doenças Relacionadas ao Trabalho, para subsidiar e orientar os profissionais da saúde, sobretudo da atenção básica, em relação à saúde do trabalhador. Além disso, tal publicação ressaltou dados já contidos na Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho, elaborada em cumprimento da Lei nº 8.080/1990.

Importante destacar que, no citado Manual do Ministério da Saúde, há um capítulo relacionado aos Transtornos Mentais e do Comportamento, pois se compreendeu que o acidente / doenças relacionadas ao trabalho é pertinente tanto às questões biológicas como as

psíquicas, pois a vivência do corpo não está dissociada, principalmente se incorporamos o olhar da integralidade do sujeito.

No âmbito da Previdência Social, os Transtornos Mentais e do Comportamento também passaram a ser considerados como doenças relacionadas ao trabalho, e, além disso, a partir de 2007, a perícia médica passou a ter como instrumento auxiliar, o Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário⁴.

Todavia, conforme citado anteriormente, o trabalhador para acessar a proteção social da Previdência Social, que é estabelecida pela Política de Seguridade Social, necessita ter contribuído com o Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, e estar na qualidade de segurado. Além disso, necessita comprovar, em perícia médica, a perda da capacidade para o trabalho e dessa maneira a necessidade do afastamento e consequente acesso ao benefício.

Sobre esse fato sabe-se que o papel do perito médico da Previdência Social é unicamente comprovar a incapacidade para o trabalho, não indicando tratamento ou realizando outros encaminhamentos de saúde, pois é entendido que essa responsabilidade é do Sistema Único de Saúde.

Dessa maneira, podemos compreender que, o perito médico na avaliação do trabalhador, se baseia na relação entre CID (Classificação Internacional das Doenças) e potencial para o trabalho, limitando assim o olhar integral em relação ao trabalhador que está adoecido, ou seja, não procede a uma avaliação considerando os aspectos biopsicossociais, como inclusive está previsto na Classificação Internacional de Funcionalidades –

⁴ Em 2004 o Conselho Nacional de Previdência Social – CNPS aprovou a Resolução nº 1.236/2004 com uma metodologia para flexibilizar as alíquotas de contribuição destinadas ao financiamento do benefício aposentadoria especial e daqueles concedidos em razão do grau de incidência de incapacidade laborativa decorrente dos riscos ambientais do trabalho. Essa metodologia buscava fortalecer o tema prevenção e proteção contra os riscos derivados dos ambientes do trabalho e aspectos relacionados à saúde do trabalhador. A metodologia aprovada necessitava de uma fonte primária, que aliada à CAT, minimizasse a sub-notificação dos acidentes e das doenças do trabalho e a consequente bonificação para sonegadores de informação. Estudos aplicando fundamentos estatísticos e epidemiológicos, mediante o cruzamento dos dados de código da Classificação Internacional de Doenças – CID 10 e de código da Classificação Nacional de Atividade Econômica – CNAE, permitira identificar forte associação entre diversas lesões, doenças, transtornos de saúde, distúrbios, disfunções ou a síndrome de evolução aguda, subaguda ou crônica, de natureza clínica ou subclínica, inclusive morte, independentemente do tempo de latência (formas que convencionou se denominar, no âmbito da Previdência Social de “agravo”) e diversas atividades desenvolvidas pelo trabalhador. A partir da identificação das fortes associações entre agravo e atividade laboral foi possível construir uma matriz, com pares de associação de códigos da CNAE e da CID-10 que subsidia a análise da incapacidade laborativa pela medicina pericial do INSS: o Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário – NTEP. O NTEP surge, então, como mais um instrumento auxiliar na análise e conclusão acerca da incapacidade laborativa pela perícia médica do INSS. (www.mps.gov.br. Acesso em: 07 out. 2013).

CIF.⁵ Assim, é a partir do olhar basicamente biológico, que o segurado deve aguardar o deferimento ou não do benefício, pela ação única de um perito médico.

Nas situações em que o perito médico avalia que, o trabalhador possui uma incapacidade temporária para o trabalho, haverá a concessão do benefício auxílio-doença, e se necessário, procede-se à mudança de função do trabalhador, e esse deverá ser encaminhado para o Serviço de Reabilitação Profissional do INSS.

Importante mencionar que, a Previdência Social, conforme descrito anteriormente, compõe a Política de Seguridade Social juntamente com a Saúde e Assistência Social, e a noção de Seguridade supõe a proteção social do cidadão que está em vulnerabilidade, bem como em seu ciclo de vida e trajetória de trabalho. No entanto, se faz necessário destacar que, para o trabalhador acessar o direito a proteção pela Previdência Social é preciso ter recolhido contribuições, pois se trata de uma política contributiva, como esclarecido ao longo do texto.

Como responsabilidade no âmbito da Segurança e Saúde do Trabalhador, a Previdência Social tem por obrigação e responsabilidade oferecer o Serviço de Reabilitação Profissional, conforme fundamentação legal disposta na Constituição Federal de 1988, artigo 203, incisos II e IV; Lei nº 8.213/91, artigos 89 a 93; Decreto nº 129/91 – promulgando a Convenção 159 da OIT, de 1º de junho de 1983; Decreto nº 3.048/99, artigos 136 a 141 e alterações; Decreto nº 4.729/2003, artigo 137, inciso III. Os objetivos da Reabilitação Profissional, de acordo com o Manual Técnico de Procedimentos de Reabilitação Profissional (2011) são:

[...] contribuir cada vez mais com a melhoria da qualidade de vida dos segurados da Previdência Social. O resgate da cidadania, dos direitos básicos, a (re) qualificação profissional e a possibilidade da reinserção destes segurados no mercado de trabalho estão em consonância com a Política Nacional de Segurança e Saúde no Trabalho e constituem o objetivo maior do Serviço de Reabilitação Profissional do INSS. (MANUAL TÉCNICO DE PROCEDIMENTOS DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL, 2011, p. 13).

⁵ A CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde) é o modelo atual usado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para saúde e incapacidade, e constitui a base conceitual para definição, medição e desenvolvimento de políticas nesta área. Por representar um modelo biopsicossocial, a CIF apresenta uma visão coerente das diversas perspectivas da saúde: biológica, individual e social. Este modelo facilita também a divulgação de informação na área dos cuidados de saúde pessoais, da prevenção, promoção da saúde e aumento da participação, destruindo barreiras sociais e incentivando os apoios e facilitadores sociais. A CIF aborda a funcionalidade e a incapacidade de acordo com as condições de saúde, indicando o que um indivíduo pode ou não pode fazer no cotidiano, de acordo com as funções dos órgãos ou sistemas e estruturas do corpo. Este modelo apresenta grandes vantagens quando implementado e pode ser muito importante quando usado nas práticas clínicas, no ensino e na pesquisa (<http://www.significados.com.br/fob-e-cif/>. Acesso em: 06 out. 2013).

Todavia, é importante ressaltar que a história da Reabilitação Profissional, na Previdência Social, é anterior a Constituição de 1988, pois Segundo Bregalda:

[...] em 1943, a Portaria Nº 83 do, então, Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio determinou que os Institutos de Aposentadoria e Pensões organizassem serviços de reeducação e readaptação de segurados e aposentados por invalidez, o que ocorreu somente em alguns IAP de São Paulo e Minas Gerais, dadas as características contencionistas da previdência (BRAGALDA, 2012, p.43).

Após 1945, houve a redemocratização da Previdência Social e em 1960 a criação da Lei 3.087, a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS), que unificou o sistema previdenciário para todos os trabalhadores com carteira assinada, e incorporou novas atribuições entre elas à assistência reeducativa e de readaptação profissional aos segurados que recebessem auxílio-doença, aposentados e pensionistas inválidos.

Sobre esse fato Maeno, *et al*, relatam que o Decreto-Lei nº 48.959/1960 apresenta a seguinte informação:

O termo reabilitação profissional foi institucionalmente consolidado como resposta pública à questão da incapacidade e detalhado, abrangendo a “assistência educativa e de readaptação profissional”, com vistas a proporcionar aos “beneficiários da Previdência Social, quando doentes, inválidos ou de algum modo física ou mentalmente deficitários, com a amplitude que as possibilidades administrativas, técnicas e financeiras e as condições locais permitirem, os meios de reeducação ou readaptação profissional indicados para que possam trabalhar em condições normais” (MAENO *et al*, 2009, p. 54).

Considerando esse contexto inicia-se a implantação do Centro Reabilitação Profissional, e segundo Bregalda o primeiro Centro de Reabilitação Profissional foi o de São Paulo, sendo inaugurado em 25 de setembro de 1960, e tal Centro:

Tinha uma direção geral que era um médico ortopedista, uma chefia administrativa que era uma assistente social [...] e depois tínhamos os setores administrativos de compras e pagamentos [...], tinha o pessoal de administração de recepção e registro, de arquivo médico e estatística, tinha a cozinha e uns setores que eram diretamente ligados a nós. Todos eram funcionários, ninguém era terceirizado à época e nós tínhamos setor de órteses e próteses, mercado de trabalho, pesquisa e mercado de trabalho e os grupos de serviço social, psicologia, farmácia, enfermagem, e setor de fisioterapia, setor de terapia ocupacional e oficina de Reabilitação Profissional. A chefe da oficina era uma terapeuta ocupacional. [...] o Centro de Reabilitação Profissional de São Paulo contava com 354 funcionários divididos em 19 equipes, havendo um médico, um psicólogo e um assistente social em cada equipe e, no decorrer do tempo, passou a haver um terapeuta ocupacional e um fisioterapeuta para cada uma delas, depois para cada duas, sendo observada a redução gradativa desse número de profissionais, com as aposentadorias e a ausência de novas contratações específicas. (STRUFFALDI, 2011, p. 1, *apud* BREGALDA, 2012, p 45).

A partir de 1963, os serviços de Reabilitação Profissional que funcionavam nos Institutos de Aposentadorias de Pensões - IAPs foram centralizados na Superintendência dos Serviços de Reabilitação Profissional da Previdência Social, e dessa forma a prestação dos serviços passou a ser centralizada por regiões, “incluindo o treinamento profissional nas oficinas de reabilitação da previdência, em empresas ou entidades de ensino profissionalizante” (BREGALDA, 2012, p. 44).

Importante destacar que no final da década de 70, o Centro de Reabilitação Profissional, funcionava como centros interdisciplinares, e tinham como atendimento prioritário aos trabalhadores contribuintes da previdência social e que apresentavam situações relacionadas a acidentes de trabalho. Assim, os profissionais intervinham com ações de recuperação, reabilitação, e habilitação profissional, isso anterior ao término do tratamento clínico. “Os Centros e os Núcleos de Reabilitação Profissional, unidades de maior e menor porte, respectivamente, dispunham de setores assistenciais terapêuticos, oficinas de ensino e treinamento profissionalizante, pesquisas de mercado, bem como recursos materiais e humanos” (BREGALDA, 2012, p. 45).

No ano de 1974 foi criado o Ministério da Previdência e Assistência Social, e com a Constituição Federal de 1988, foram redefinidas atuações específicas para as Políticas de Assistência Social, Saúde e Previdência Social, e criou-se o Instituto Nacional do Seguro Social – INSS.

Essas mudanças subsidiaram a Lei Orgânica da Saúde nº 8.080 de 1990, e no que se refere a reabilitação direcionada à reinserção no trabalho, ficou determinado que a reabilitação física passe a ser de competência do Sistema Único de Saúde (SUS), e o INSS se torna responsável pela Reabilitação Profissional e pelo pagamento dos benefícios previdenciários aos segurados da Previdência Social (BRASIL, 1990).

Essa nova determinação sobre a divisão de competências entre SUS e INSS, no âmbito da Reabilitação Profissional culminou na reestruturação dos Centros de Reabilitação Profissional, sobretudo a partir de 1990, por meio do Decreto 2.172/1997 que dentre diversas ações determinava o fim de qualquer atividade terapêutica das equipes de Reabilitação Profissional, e a implantação do subprograma Reabilita (BREGALDA, 2012).

O Centro de Reabilitação Profissional da cidade de São Paulo encerrou suas atividades em janeiro de 2002, e os profissionais que restara, e que possuíam nível superior foram descentralizados para as Gerências Executivas do INSS, que possuía como uma das metas implantar os Serviços de Reabilitação Profissional (BREGALDA, 2012).

O Decreto, 3.048/99, Artigo 137, determina que a equipe de Reabilitação Profissional, preferencialmente, passa a ser composta por equipe multiprofissional especializada em medicina, serviço social, psicologia, sociologia, fisioterapia, terapia ocupacional e outras afins ao processo (BRASIL, 1999, s/p).

No caso da Agência da Previdência Social de Guarulhos a equipe, atualmente, é constituída por: Peritos Médicos do INSS, Fisioterapeuta, Psicólogos e Analistas do Seguro Social com formação nas áreas de Serviço Social e Terapia Ocupacional.

Na unidade de Guarulhos, a equipe da Reabilitação Profissional, tem realizado os atendimentos individualmente com os segurados, e a avaliação do potencial para o trabalho, ocorre primeiramente pelo perito médico e posteriormente, ocorre à avaliação sócio-profissional, com as demais profissionais da Reabilitação Profissional. Cada profissional acompanha um quantitativo de segurados, limitando à ação multiprofissional, pois cada profissional é considerado um “responsável pela orientação profissional” e realiza o acompanhamento de alguns segurados da Previdência Social.

Atualmente não há no INSS um espaço de grupo, que possibilite reflexões juntamente com os trabalhadores afastados temporariamente do trabalho, e inseridos no Serviço de Reabilitação Profissional, conforme citado anteriormente os atendimentos ocorrem de maneira individual.

A equipe de Reabilitação Profissional tem como atribuição, realizar a avaliação sócio-profissional e do potencial para o trabalho do segurado, visando desenvolver o processo de habilitação e reabilitação profissional⁶. Para tanto, tem como diretriz o Manual Técnico de Procedimentos de Reabilitação Profissional (2011), que estabelece a seguinte definição:

[...] a avaliação do potencial laborativo, com vistas à definição da real capacidade de retorno de segurados ao trabalho, consiste na análise global dos seguintes aspectos: perdas funcionais; funções que se mantiveram conservadas; potencialidades e prognósticos para o retorno ao trabalho; habilidades e aptidões; potencial para aprendizagem; experiências profissionais e situação empregatícia; nível de escolaridade; faixa etária e mercado de trabalho. (MANUAL TÉCNICO DE PROCEDIMENTOS DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL, 2011, p. 14).

⁶ Reabilitação Profissional: RP é a assistência educativa ou reeducativa e de adaptação ou readaptação profissional, instituída sob a denominação genérica de habilitação e reabilitação profissional, visando proporcionar aos beneficiários incapacitados parcial ou totalmente para o trabalho, em caráter obrigatório, independente de carência, e às “pessoas portadoras de deficiência”, os meios indicados para o reingresso no mercado de trabalho e no contexto em que vivem (art. 89 da Lei 8213/91 e art. 136, do Decreto 3.048/99). Habilitação: a ação de capacitação (escolaridade/ curso) do indivíduo para o desenvolvimento das atividades laborativas. / Readaptação Profissional: avaliar a complexidade da função para procurar tornar o indivíduo apto para retornar às atividades profissionais compatível com a suas limitações (MANUAL TÉCNICO DE PROCEDIMENTOS DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL, 2011, p. 14).

Com relação a principais atribuições da Reabilitação Profissional, o Decreto 3.048/99, que regulamenta a previdência social brasileira, define como principais atribuições as seguintes atividades (BRASIL, 1999):

Art. 137. O processo de habilitação e de reabilitação profissional do beneficiário será desenvolvido por meio das funções básicas de:

I - avaliação do potencial laborativo;

II - orientação e acompanhamento da programação profissional;

III - articulação com a comunidade, inclusive mediante a celebração de convênio para reabilitação física restrita a segurados que cumpriram os pressupostos de elegibilidade ao programa de reabilitação profissional, com vistas ao reingresso no mercado de trabalho; e

IV - acompanhamento e pesquisa da fixação no mercado de trabalho (s/p).

A participação no Programa de Reabilitação Profissional⁷, é obrigatória sob pena do segurado ter o benefício suspenso, e na conclusão do processo de habilitação ou reabilitação profissional, “a previdência social emitirá certificado⁸ individual, que indica as atividades que poderão ser exercidas pelos beneficiários, nada impedindo que este exerça outra atividade para a qual se capacitar” (BRASIL, 1991, s/p).

No entanto, cabe ressaltar que dificuldades são encontradas no processo de readaptação e reabilitação profissional dos segurados, pois nem sempre a readaptação nas empresas é viável, e quando se segue com o propósito de qualificação profissional o INSS tem encontrado barreiras administrativas para a compra de cursos, e a oferta de cursos na rede de serviços/comunidade nem sempre atende a demanda necessária.

Cabe ainda destacar que em alguns casos há a necessidade da elevação de escolaridade visando o curso de interesse, bem como situações de segurados que estão aguardando próteses / órteses para retorno ao trabalho, e ainda situações que requerem um período maior tanto para Avaliação do Potencial Laborativo como para a devida inserção no Programa de Reabilitação Profissional, devido a peculiaridade de cada caso. Dessa forma, todo esse contexto influencia no tempo de permanência do trabalhador no Serviço de Reabilitação Profissional.

⁷ O desenvolvimento no Programa Profissional consiste no contato do Responsável pela Orientação Profissional com a empresa de vínculo do segurado e/ou encaminhamento para cursos / treinamento na comunidade no caso dos segurados sem vínculo empregatício (MANUAL TÉCNICO DE PROCEDIMENTOS DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL, 2011, p. 35).

⁸ Este certificado permite ao segurado concorrer à reserva de vagas de empresas para beneficiários reabilitados ou pessoa com deficiência, habilitadas, estabelecidas no Decreto 3.048/99, Art. 141 (MANUAL TÉCNICO DE PROCEDIMENTOS DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL, 2011, p. 35).

Com relação ao público atendido no Serviço de Reabilitação Profissional, da Agência de Guarulhos, este é prioritariamente masculino, sendo essa realidade, reflexo do acesso ao benefício auxílio-doença, pois de acordo com dados do Ministério da Previdência Social, em 2013, foram registrados, no Brasil, 717.911 acidentes de trabalho, sendo que, desse total, 494.746 corresponderam às pessoas do sexo masculino, e 223.152 às pessoas do sexo feminino, o que corresponde a 69% e 31%, respectivamente, do total de acidentes de trabalho registrados.

Desse total de acidentes de trabalho registrados no Brasil, a realidade de Guarulhos corresponde a 6.929 acidentes de trabalhos, e 25 óbitos, durante o ano de 2013. (MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2016).

Tal contexto demonstra que ainda é majoritária a inserção do homem no mercado de trabalho formal, pois em Guarulhos, segundo dados do SEADE, no ano de 2014, 217.885 homens estiveram inseridos no emprego formal, sendo que na mesma situação foram 139.532 mulheres. (SEADE – FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 2016)

Com relação a essa realidade é importante ainda destacar que as atividades econômicas predominantes da cidade de Guarulhos, conforme Tabela 1, são nos setores da Indústria, Comércio Atacadista e Varejista e do Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas, e Serviços, e que de acordo com dados do Ministério de Trabalho e Emprego (2016), demonstrados na Tabela 2, esses setores tem como prevalência a contratação de homens.

Tabela 1. Empregos formais, por setores de atividade econômica

Localidades	Períodos	Participação dos Empregos Formais da Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura no Total de Empregos Formais (Em %)	Participação dos Empregos Formais da Indústria no Total de Empregos Formais (Em %)	Participação dos Empregos Formais da Construção no Total de Empregos Formais (Em %)	Participação dos Empregos Formais do Comércio Atacadista e Varejista e do Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas no Total de Empregos Formais (Em %)	Participação dos Empregos Formais dos Serviços no Total de Empregos Formais (Em %)
Guarulhos	2012	0,03	33,21	3,14	20,71	42,91
Guarulhos	2013	0,03	31,47	4,67	20,44	43,39
Guarulhos	2014	0,02	29,86	3,33	20,95	45,84

Fonte: . SEADE – FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS, 2016.

Tabela 2. Número de Empregos Formais em 31 de Dezembro de 2014

Total das Atividades			
IBGE Setor	Masculino	Feminino	Total
1 - EXTR MINERAL	542	39	581
2 - IND TRANSF	73.469	29.527	102.996
3 - SERV IND UP	4.549	2.546	7.095
4 - CONSTR CIVIL	10.422	964	11.386
5 - COMERCIO	43.325	32.351	75.676
6 - SERVICOS	76.306	58.148	134.454
7 - ADM PUBLICA	9.175	15.935	25.110
8 - AGROPECUARIA	97	22	119
Total	217.885	139.532	357.417

Fonte: RAIS/MTPS

O fato do público que acessa o auxílio-doença, e consequentemente, o direito ao serviço de Reabilitação Profissional, ser do gênero masculino majoritariamente, nos faz refletir sobre a relação do homem com o trabalho e a saúde. E esse contexto é aflorado nos atendimentos, pois nas falas dos segurados, estão presentes preocupações, angústias e sofrimentos, frente ao significado social e cultural do “masculino” na sociedade e esse associado ao trabalho. Nesse sentido, é importante retomar o significado social construído em relação ao ser homem na sociedade.

A construção histórica social quanto à questão de gênero, associada à questão do afastamento do trabalho, e o significado do trabalho para esses homens, tem influenciado negativamente na vida desses sujeitos, e de acordo com Saffioti (1987), ressalta-se que a sociedade brasileira apresenta em sua história um contexto patriarcal, no qual estabeleceu uma relação de domínio do homem sobre a mulher, e isso assim se caracterizou considerando as relações de poder no campo da política, pois grandes decisões políticas foram tomadas por homens, bem como durante algum tempo foi “território” masculino, no qual as mulheres não tinham direito de posição política, como o voto, por exemplo. Dessa maneira, o homem seguiu durante milênios exercendo um papel de dominação e de poder na sociedade.

Segundo Boris *et al*:

Historicamente, as diversas sociedades sempre criaram instituições ou instâncias hierarquizadas de *poder* com o objetivo de exercer o necessário controle sobre seus cidadãos por meio de mecanismos de inclusão e de exclusão. A meta principal e comum a tais ritos de instituições é transformar o estatuto de menino para torná-lo homem. Quer se trate da pedagogia homoerótica da Grécia antiga, da educação viril dos cavaleiros da Idade Média, dos “rituais de iniciação masculina” de meninos e adolescentes nas sociedades ditas “primitivas”, ou mesmo das manifestações atenuadas e disfarçadas - mas ainda presentes - nas sociedades contemporâneas (Castoriadis, 1995), todas visavam a instalar e a garantir a masculinidade de seus

filhos. Os rituais de iniciação, de passagem ou de confirmação da masculinidade geravam, ao mesmo tempo, terror e fascinação nos jovens, pois o reconhecimento como *macho* era não apenas uma meta a ser dolorosamente alcançada, mas, também, ansiosamente desejada. (BORIS; *et al*, 2012, p. 19).

Assim, o homem se constituiu com a representação do poder, não sendo a ele permitido chorar, sentir medo, pois ele é viril, deve ter a coragem para desafios e situações perigosas, bem como a busca de autoridade e respeito, pois a dor, a subjetividade é expressão da mulher. Nesse sentido Boris *et al* afirmam que:

Para Loraux (1984), a virilidade é exposta por meio das marcas do corpo masculino. Neste sentido, todo homem deve comprovar que é um guerreiro para ser reconhecido, pois o *macho* precisa sempre estar disposto a morrer e a enfrentar o perigo. Duby (1990) nos lembra de que “a dor é antes de tudo assunto de mulheres. (...) O homem deve desprezá-la, sob pena de se ver desvirilizado e de ser rebaixado ao nível da condição feminina” (p. 205-206). Os homens, ao sentirem dor, devem suportá-la e nunca se queixar e se lamuriar, como é culturalmente permitido às mulheres. (BORIS; *et al*, 2012, p. 20).

Esse contexto de poder, virilidade e dominação, que foi e ainda é reproduzido socialmente começou a ser questionado pelo gênero feminino que conseguiu, por meio de movimentos feministas, transformações significativas e garantia de direitos em relação à questão de gênero. No entanto, a representação do homem na sociedade é ainda presente, inclusive no ideal masculino, que acaba por oprimir a si próprio quando não atende ao papel do homem, macho e viril, que ele mesmo espera possuir. Ainda de acordo com Boris *et al*:

[...] “a terrível violência dos homens em nossa sociedade começa por essa primeira violência, a que se pratica sistematicamente contra si mesmo, e todos os homens, inclusive eu, a dirigem contra a própria sensibilidade” (CORNEAU, p. 47 *apud* Boris; *et al*, 2012, p. 23). Por vezes, “encurralados” por essas novas cobranças socioculturais, particularmente as advindas das mulheres, e não podendo, não conseguindo ou não querendo atendê-las, ou, ainda, criticados por persistirem em adotar posturas consideradas ultrapassadas, pois pautadas no modelo patriarcal de virilidade – certos homens reagem com violência ou buscam outros escapismos defensivos menos visíveis, mas, certamente, reveladores da confusão em que se encontram por conta das inquietantes transformações nas *relações sociais de gênero*, especialmente no que diz respeito às conquistas e aos avanços femininos, entendidos por alguns deles como uma ousadia ou um atentado contra o *poder* viril que acreditam deter e que ainda consideram inquestionável. (BORIS; *et al*, 2012, p. 26).

Além disso, há uma culpabilização pessoal por não conseguir mais desempenhar o papel de provedor da família, devido o afastamento do trabalho. Mas, na maioria das vezes essa culpa o acompanha sem que ele consiga realizar a reflexão sobre qual condição de trabalho estava submetido, que inclusive, interferia no cuidado da própria saúde e também estabelecia com ele a relação de exploração e poder.

O processo de discutir e refletir sobre as condições de trabalho que geram acidentes e adoecimentos, e desmitificar a extrema culpabilidade do trabalhador em respeito ao seu corpo adoecido, insere-se como uma abordagem ancorada na temática da educação em saúde. A educação em saúde, segundo Machado *et al*:

[...] está ancorado no conceito de promoção da saúde, que trata de processos que abrangem a participação de toda a população no contexto de sua vida cotidiana e não apenas das pessoas sob risco de adoecer. Essa noção está baseada em um conceito de saúde, considerado como um estado positivo e dinâmico de busca de bem-estar, que integra os aspectos físicos e mentais (ausência de doença), ambiental, pessoal e social. (MACHADO; *et al*, 2007, p. 339).

Além disso, de acordo com Gazzinelli *et al*:

Pensar uma intervenção em Educação e Saúde, deve-se levar em conta as representações dos sujeitos, entendidas como noções e modos de pensamento construídos ao lado das trajetórias de vida dos sujeitos, influenciados, por conseguinte, pela experiência coletiva, pelos fragmentos das teorias científicas e dos saberes escolares, expressos, em parte, nas práticas sociais e modificados para servir à vida cotidiana. (GAZZINELLI; *et al*, 2005, p. 201).

Cabe também mencionar que com relação à saúde, é verificado que além do não cuidado devido à imersão no trabalho diante da nova organização do trabalho, o homem apresenta menor predisposição para o cuidado e de acordo com Boris *et al*:

Apesar dos homens terem as mesmas necessidades psicossociais das mulheres, a ilusão viril ainda continua proibindo ou limitando os homens na expressão de suas reais necessidades e na adoção de algumas atitudes verdadeiramente humanas. Farrell (1974) e Feigen-Fasteau (1980) já apontavam os perigos físicos que rondam o “homem duro”, induzido a sofrer acidentes ao praticar esportes, “hobbies” ou mesmo vícios arriscados, pautados nos símbolos socioculturais da virilidade. Além disto, considere-se a obsessão pelo desempenho sexual, a vivência da violência pessoal e coletiva e a competição e o estresse profissionais, comuns entre muitos homens, e teremos uma idéia mais clara das imposições que ainda rondam e dão um significado de “fortaleza” ao *macho* humano, mas que, por outro lado, o fragilizam, pois, frequentemente, se encontra acometido de ansiedade, de angústia, de temor do fracasso e de clara dificuldade com a expressão de seus próprios sentimentos, muitas vezes tendo como consequência o desenvolvimento de doenças psicossomáticas – uma espécie de auto-violentação - ou a manifestação de comportamentos compensatórios de violência, cujas principais vítimas acabam sempre sendo as mulheres, seus filhos e seus congêneres. (BORIS; *et al*, p. 25).

Diante de tal situação, são avaliados alguns fatores, sobretudo quando analisados pela ótica da integralidade do sujeito, podendo-se destacar dois fatores importantes na abordagem da problemática em estudo.

O primeiro refere-se ao afastamento do trabalho e às contraindicações no retorno ao trabalho, pois por vezes o impede de retornar à ocupação exercida anteriormente, e assim se sentem sem identidade. A esse contexto de fragilidade, também está associado o significado cultural e social do “masculino” na sociedade, e tal realidade interfere nas relações sociais e familiares estabelecidas por esses homens.

O segundo fator está relacionado à insuficiência ou morosidade para acessarem os serviços de saúde, e assim também fragiliza emocionalmente esse cidadão que está afastado do trabalho, pois não consegue realizar de maneira adequada, e em tempo necessário, os cuidados de saúde que precisa para melhorar sua qualidade de vida, e de trabalho.

Considerando o exposto sobre a questão de gênero, é importante destacar que, se verifica diariamente nos atendimentos realizados, com os homens inseridos na Reabilitação Profissional do INSS, sobretudo os nascidos em meados dos anos 1960 e 1970, que estão presentes as representações da identidade masculina citada anteriormente, e quando esse papel não é desenvolvido, há um sofrimento psíquico, que influencia na situação da doença, como no reconhecimento de outros potenciais e/ou habilidades.

Assim, procede-se a uma avaliação com vistas a uma intervenção que possa estabelecer um olhar integral desses trabalhadores segurados, visando possibilitar espaços de cuidado, reflexões e porque não dizer, de quebra de paradigmas, no que se refere à relação trabalho, gênero e saúde.

A abordagem com o olhar integral para o ser humano, e trabalhador, visa contribuir com novas possibilidades de intervenção profissional, tendo em vista que a atuação do(a) Assistente Social na Reabilitação Profissional do INSS é um desafio para a profissão, pois quando analisado os objetivos dessa Reabilitação, também depara-se com a intenção econômica de manutenção do capital. Dessa forma, é preciso atentar para não reproduzir essa lógica perversa junto aos trabalhadores, atuando apenas com a intenção de retorná-los ao mercado de trabalho, desconsiderando todas as expressões da questão social que se apresenta na relação entre capital x trabalho x gênero.

Assim, essa pesquisa também pretende contribuir com a categoria profissional de Assistentes Sociais no sentido de trazer reflexões pautadas no Projeto Ético e Político da Profissão, bem como potencializar esse espaço de atuação profissional, além de proporcionar um momento de escuta das demandas dos trabalhadores em relação à temática apresentada e de reflexões sobre seu lugar no mundo do trabalho.

O questionamento central que direciona a pesquisa, ora apresentado, é: Como desenvolver o processo de Reabilitação Profissional, dos segurados afastados do trabalho, se

durante a intervenção apresenta-se a necessidade de abordar o cuidado com a saúde geral, em especial a saúde mental dos trabalhadores, decorrentes de fatores sociais que estabelecem relações entre trabalho, gênero, e saúde?

2. HIPÓTESE

O homem, ao compreender que o processo saúde-doença sofre interferências da relação capital x trabalho, e nesse contexto o papel culturalmente atribuído ao masculino, se permitirá refletir sobre os direitos adquiridos visando exercitar o papel de cidadão e poderá vir a descobrir potencialidades para uma melhoria de vida no trabalho e fora dele e, se possível, efetivamente exercitar a reabilitação profissional.

3. OBJETIVOS

Fomentar o debate, em grupo, dos trabalhadores acidentados e adoecidos que estão na Reabilitação Profissional da Previdência Social do INSS, no que se refere aos aspectos da organização do trabalho, do gênero e da saúde do trabalhador, possibilitando assim adequado enfrentamento de sua limitada condição no trabalho e reconhecer seus direitos e potencialidades transformadoras, tendo em vista não haver esse espaço atualmente no INSS.

3.1 Objetivos Específicos

- Estabelecer um espaço de pesquisa sobre a relação trabalho e saúde do trabalhador;
- Possibilitar a descoberta e reconhecimento das potencialidades para melhor vida no trabalho e fora dele;
- Compreender como o trabalhador reconhece a relação trabalho e organização do trabalho, além de detectar as “marcas” que o trabalho pode ter deixado na vida do trabalhador.

4. MÉTODOS

O projeto de pesquisa em questão foi definido a partir de reflexões gestadas no campo profissional, e tal contexto foi discutido na introdução do projeto. Dessa forma, o método que permite desenvolver o espaço de escuta adequada, aproximação e reflexão junto aos trabalhadores, amparam-se na pesquisa qualitativa, pois favorece uma relação dialética com o processo de pesquisa, uma análise crítica e social dos fenômenos abordados, os quais são analisados para além da ótica da quantificação, desvendando significados sociais relevantes, que devem ser compreendidos para subsidiar intervenções junto aos sujeitos pesquisados.

Assim, partindo desse pressuposto e associado aos objetivos da pesquisa, ocorre-se a escolha da pesquisa qualitativa, e dentre esta, a eleição de estudo com base no método da pesquisa intervenção. Segundo Paulon *et al*, na pesquisa intervenção:

Forças instituintes fazem funcionar outros registros de atuar, de pensar, que burlam a racionalidade, a busca da verdade e a homogeneização do pensamento. Essas forças são convocadas na pesquisa-intervenção pela desnaturalização permanente do objeto que se pretende conhecer, pela implicação do pesquisador, pelas contingências que acompanham as situações e seus efeitos e pelo acontecimento. [...] Não é somente uma proposta de ser um agente de mudanças e alterar os campos de pesquisa, mas inicialmente de alterar a nós mesmos. “Não temos como ponto de partida a mudança do outro, mas sim a alteração de nossas práticas e da lógica implicada na oferta de trabalho. A questão da mudança nessa perspectiva não se fez prioritariamente por conscientização do outro, mas por contágio”. (ROCHA; UZIEL, 2008, p. 536 *apud* PAULON; *et al*, 2010, p. 95).

4.1 Procedimentos Metodológicos

Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa amparada na pesquisa-intervenção e na realização de oficinas de trabalho em grupo.

O desenvolvimento do método contou com o recurso de oficinas, e de acordo com Amaral *et al*:

Afonso caracteriza a Oficina como “uma prática de intervenção psicossocial, seja em contexto pedagógico, clínico comunitário ou de política social” e a conceitua como um processo estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir”. (AFONSO, 2002, p. 11 *apud* AMARAL; *et al*, 2005, p. 169).

A realização das oficinas de trabalho, em grupos, se definiu por ser uma técnica possível no campo da pesquisa qualitativa, por não haver o espaço de grupo atualmente no INSS, e por compreender que o mesmo favorece tanto a troca de experiências, como o fortalecimento do individual para o coletivo, pois de acordo com Chiesa *et al.*

[...] A partir do relato dos participantes acerca das suas construções, desencadeia-se a discussão visando a partilha dos conhecimentos e vivências, bem como o processo de problematização. Nesse momento, é possível trabalhar no sentido da superação do “senso comum” buscando uma compreensão da realidade que estabeleça as articulações entre as dimensões singular, particular e estrutural da realidade; analisando o conhecimento científico e resgatando o conhecimento empírico, ampliando-se as possibilidades de interpretação dos problemas e a busca de seus enfrentamentos tanto do ponto de vista individual como coletivo (CHIESA, 2001, p. 40).

Durante as oficinas, foram utilizados materiais de estímulos para auxiliar e criar um ponto de partida para as reflexões das temáticas abordadas e, ao término de cada encontro, houve avaliações que visaram auxiliar o desenvolvimento da atividade proposta e a construção dos encontros subsequentes.

A proposta inicial da pesquisa tinha como objetivo realizar as oficinas em grupo no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS – Agência da Previdência Social de Guarulhos, porém, devido um incêndio ocorrido nessa Agência, em 28 de fevereiro de 2014, houve a necessidade de buscar outro local para o desenvolvimento dos encontros.

Assim, o Centro de Referência de Saúde do Trabalhador – CEREST Guarulhos, foi contatado e, considerando a parceria já existente com esse serviço, foi cedido um espaço para a realização dos encontros.

Cabe ressaltar que, tal possibilidade estreitou a relação intersetorial entre os serviços, e, além disso, todos os trabalhadores participantes dessa pesquisa foram cadastrados no CEREST e, conseqüentemente, realizados os encaminhamentos necessários para cada trabalhador, no que se refere à Saúde do Trabalhador. A parceria com o CEREST Guarulhos definiu a seleção dos trabalhadores que participaram da pesquisa.

No INSS, os atendimentos na Reabilitação são para os trabalhadores com adoecimento tendo o trabalho como causa e, também para aqueles que adoeceram de doença comum, ou seja, não relacionada ao trabalho.

No CEREST, o atendimento se limita a ação para os trabalhadores que foram acometidos por acidente ou doença relacionada ao trabalho. Assim, a seleção dos trabalhadores foi definida para aqueles que estão em atendimento no INSS e, que seu acometimento de saúde estivesse exclusivamente relacionado ao trabalho, ou seja, acidente de

trabalho ou doença relacionada ao trabalho. E esta seleção incluiu o CEREST Guarulhos no processo de pesquisa.

Como critério de inclusão também se considerou os trabalhadores do sexo masculino, na faixa etária de 35 a 46 anos, que passaram em atendimento, no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS – Agência da Previdência Social de Guarulhos, no período de agosto/2013 a janeiro/2014. O tempo que os trabalhadores estavam em benefício não foi critério de seleção para o pertencimento do grupo.

Os critérios de exclusão referem-se às trabalhadoras do sexo feminino, afastadas do trabalho e inseridas no Serviço de Reabilitação Profissional, bem como os trabalhadores homens que não contemplam a faixa etária proposta na pesquisa e também aqueles que estão afastados por doença sem relação com o trabalho.

Cabe também ressaltar que, a definição dos sujeitos de pesquisa considerou o fato do público majoritário do Serviço de Reabilitação Profissional do INSS – Agência da Previdência Social de Guarulhos, ser do sexo masculino, como também a identificação de maior prevalência do conflito entre, trabalho e gênero, aparecer, sobretudo entre os nascidos em meados dos anos 1960 e 1970, e ainda quanto as possibilidades de inserção no mercado de trabalho frente às exigências atuais em relação à faixa etária.

Como procedimentos metodológicos foram realizados dois grupos. Cada grupo teve 14 (quatorze) trabalhadores convidados a participar, no entanto, após assinatura do Termo de Consentimento e início dos encontros, o grupo 1 contou com a participação de 11(once) trabalhadores e o grupo 2 contou com a participação de 12 (doze) trabalhadores, o que totalizou 23 participantes. Todos os voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de Autorização para gravação de áudio / filmagem e uso de imagem. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número CAAE: 30333414.1.0000.5505.

Os encontros ocorreram semanalmente em momentos distintos com cada grupo, e a duração foi de no máximo, duas horas. Ocorreram seis encontros por grupo, tendo início em maio de 2014 e término em julho de 2014.

Todos os encontros foram gravados, e ao longo dos grupos ocorreram anotações de impressões, gestos, observações imediatas sobre as discussões do grupo sobre as temáticas abordadas, enfim, situações consideradas relevantes ao contexto, ao processo.

As anotações de impressões foram efetivadas utilizando o “diário de campo”. Segundo o Pezzato *et al* (2011, p. 1303), nas “*pesquisas de cunho qualitativo, o diário pode estar vinculado a diferentes paradigmas e abordagens teórico metodológicas, e pode receber*

diversas adjetivações”. Sendo a pesquisa apresentada inserida no campo da intervenção, é possível compreender a partir de Pezzato *et al*, a importância do diário de pesquisa, pois:

[...] seria a narrativa do pesquisador em seu contexto histórico-social, um pesquisador implicado com e na pesquisa, e que reflete sobre e com sua atividade de diarista. Trata-se de uma técnica capaz de restituir, na linguagem escrita, o trabalho de campo, possibilitando “produzir um conhecimento sobre a temporalidade da pesquisa”, aproximando o leitor da cotidianidade do que foi possível produzir num dado contexto, evitando interpretações “ilusórias”, “fantasiosas” da produção científica (LOURAU, 1993, p. 51). Nesse sentido, o diário de pesquisa “permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo (não o ‘como fazer’ das normas, mas o ‘como foi feito’ da prática)”. (PEZZATO; *et al*, p. 77 e 1302).

As oficinas tiveram como recursos, dinâmicas e materiais de estímulos que facilitaram as discussões dos temas, além de serem recuperados ao longo dos encontros, trazendo aos participantes a lembrança do processo anterior.

As temáticas abordadas foram relacionadas à relação capital x trabalho, associado a esse contexto o lugar do masculino na sociedade, e como essas questões sociais têm interferido no processo de saúde-doença do trabalhador. As oficinas foram planejadas com o objetivo de abordar tais assuntos, porém, não foram realizadas de maneira rígida / linear, ou seja, foram se moldando a cada encontro de acordo com a dinâmica de cada grupo. Assim, ao término de cada encontro e planejamento do próximo, foi cuidadosamente analisado se a proposta inicial para o desenvolvimento da oficina seria mantida ou alterada.

As decisões sobre os próximos encontros foram amparadas nos diários de campo, observações surgidas no decorrer das oficinas, bem como as próprias reflexões desenvolvidas nas oficinas possibilitaram o replanejamento das mesmas, o que enriqueceu o estudo, pois possibilitou um constante processo de construção permitindo aos sujeitos pesquisados se tornarem de fato participantes do processo, bem como transformações da pesquisadora que vivenciou um caminho flexível a singularidade de cada processo.

A seguir está apresentada a estrutura e detalhamento das oficinas:

Quadro 1. Estrutura das oficinas realizadas com os trabalhadores acidentados e adoecidos da Reabilitação do INSS, Guarulhos, 2014.

Oficina	Tema	Objetivo	Estratégia / Material de Estímulo
1ª Oficina	Acolhida e escuta dos trabalhadores	Iniciar a discussão das problemáticas e firmar contratos com os trabalhadores	Roda de conversa com os trabalhadores e coleta de dados
2ª Oficina	O trabalho dignifica o homem?	Abordar as relações de poder (Capital x Trabalho)	Criação de boneco de maneira coletiva, o qual acompanhou os encontros – Material de estímulo – Música Admirável Gado Novo – Zé Ramalho e Construção – Chico Buarque
3ª Oficina	O trabalho dignifica o homem?	Abordar a organização do trabalho e suas mudanças, o adoecimento pelo trabalho	Retomar o boneco Material de estímulo – vídeos (<i>The last Knit</i> – <i>Laura Neuvonen</i> , e o clip da música Admirável Gado Novo – Zé Ramalho).
4ª Oficina	Sou “cabra-macho” sim senhor!	Abordar a relação de gênero, sobre o masculino no tecido social	Retomar o boneco Material de estímulo – Música Guerreiro Menino – Gonzaguinha
5ª Oficina	É possível recomeçar?	A descoberta de potencialidades laborais que vão na contramão do sistema capitalista, como partir para essa descoberta.	Retomar o boneco Material de estímulo – Música Titãs: Comida
6ª Oficina	Avaliação	Como entrei e como saí desse processo?	Utilizar estratégias de avaliação de processo.

4.1.1 Detalhamento das oficinas

1ª Oficina – Tema: Acolhida e escuta dos trabalhadores

Na primeira oficina, os sujeitos da pesquisa receberam esclarecimentos em relação aos objetivos e a metodologia utilizada para o presente estudo. Foram estabelecidos os contratos para o desenvolvimento dos encontros, tais como: dia, horário e local, e esclarecidos os compromissos éticos da presente pesquisa. Foi solicitada a autorização dos participantes para fotografar e gravar os encontros. Foi realizada a dinâmica de apresentação, e uma roda de conversa visando favorecer a acolhida e a escuta dos trabalhadores considerando os diferentes saberes e permitindo a troca desses conhecimentos.

Para o desenvolvimento das oficinas foram elaboradas questões norteadoras com o objetivo de facilitar as discussões, e conforme citado anteriormente algumas questões e materiais de estímulos foram modificadas ao longo do processo, respeitando o contexto de cada encontro. As questões norteadoras definidas para essa oficina foram:

- ✓ *O que é o trabalho e o que é trabalhar para mim?*
- ✓ *Como veio parar na Reabilitação Profissional do INSS?*

Para finalizar foi realizada, em todos os encontros, uma dinâmica de avaliação e assim solicitado para relatar com uma palavra sua percepção de como chegaram ao encontro e como estão saindo dele.

2ª Oficina – Tema: O trabalho dignifica o homem?

Na segunda oficina, recordamos a atividade anterior, com o objetivo de dar continuidade à reflexão sobre o trabalho e o trabalhador, e foi sugerido a construção de um boneco em papel *kraft* (um trabalhador) e seu espaço de trabalho.

Neste boneco os trabalhadores escreviam as marcas que o trabalho deixou em regiões de seus corpos. As marcas foram escritas com palavras ou traços (círculos e X) e / ou imagens recortadas de revistas que ali estavam para esta finalidade.

As condições e ambiente de trabalho foram descritas no espaço periférico ao boneco desenhado (em seu contorno). Ou seja, colocou-se o trabalhador no centro da ação do trabalho. As figuras de 1 e 2 apresentam os “bonecos trabalhadores” que foram construídos nos grupos.



Figura 1 – Boneco Trabalhador construído durante as oficinas do Grupo 1



Figura 2 – Boneco Trabalhador construído durante as oficinas do Grupo 2

Cabe salientar que, a proposta de construção do “boneco trabalhador” teve ainda a pretensão que o mesmo fosse retomado nos próximos encontros, tendo o objetivo de resgatar assuntos abordados, e favorecer o olhar integral sobre o trabalhador. Além de se ter como proposta a (re)construção de um novo olhar para este trabalhador e seu espaço de trabalho.

Como material de estímulo foram utilizadas as músicas: “Construção”, de Chico Buarque (Anexo 1), e “Admirável Gado Novo”, de Zé Ramalho (Anexo 2). Ao som das músicas foi solicitado aos participantes que refletissem como “tem sido a vida desse trabalhador” (boneco em construção), quais as marcas do trabalho que ele possui, e como é o ambiente e condições de trabalho. As questões norteadoras definidas para essa oficina foram:

- ✓ *Que marcas o trabalho deixou?*
- ✓ *Como é o ambiente e condições desse trabalho?*

Importante ressaltar que, os trabalhadores se envolveram significativamente nessa oficina, pois se projetaram no “boneco trabalhador”, expressaram marcas deixadas pela organização do trabalho e iniciaram reflexões sobre esse processo.

A riqueza desse encontro resultou no repensar da oficina seguinte, praticamente, em quase sua totalidade. Além disso, é relevante destacar que, todo o contexto apresentado pelos trabalhadores, nessa oficina, despertou angústia na pesquisadora, por não poder fazer nada frente aos sofrimentos apresentados, ou sentir responsabilidade por não ter respostas para minimizar tais sentimentos.

Tratou-se então de repensar o papel da pesquisadora, seus avanços nas discussões e seus limites de ação, enfim, encontrar a real contribuição do pesquisador no processo de aquisição de conhecimentos e percepções dos trabalhadores, e na possível transformação do trabalho.

3ª Oficina – Tema: O trabalho dignifica o homem?

Na terceira oficina retomamos a atividade anterior, e com o propósito de aprofundar a temática ‘Organização do Trabalho’, utilizamos como material de estímulo os vídeos – *The last Knit* (Laura Neuvonen, 2006) e o vídeo clipe da música “Admirável Gado Novo” (Zé Ramalho, 1979), e solicitado que após observarem os vídeos, retomássemos o olhar para o boneco em construção.

A proposta foi encaminhada na direção de que a música “Admirável Gado Novo” percorresse todos os encontros, pela sua própria temática, mas foi observado no terceiro encontro que ela (a “música”) como um todo, não daria conta da temática da Organização do Trabalho. Assim, foi incluído o vídeo *The Last Knit* para auxiliar na reflexão e discussão proposta. As questões norteadoras definidas para essa oficina e que também foram modificadas a partir do encontro anterior foram:

- ✓ *Como as condições de trabalho têm relação com o corpo?*
- ✓ *As marcas do trabalho se relacionam com as condições de trabalho, e como isso se relaciona com o afastamento do trabalho?*
- ✓ *Como o trabalhador se vê nesse processo?*

4ª Oficina – Tema: Sou “cabra-macho” sim senhor!

No quarto encontro, propôs-se abordar a relação do gênero masculino no tecido social. Assim, foi novamente resgatado o “boneco trabalhador” construído e então recordado o encontro anterior, com o objetivo de refletir a questão de gênero que permeia as relações de trabalho e as relações sociais. Utilizou-se como material de estímulo a música “Guerreiro Menino”, de Gonzaguinha (Anexo 3). Foi afixada ao lado do trabalhador construído a frase: “E ter que demonstrar sua coragem a margem do que possa aparecer!”. Como questões norteadoras para esta oficina utilizou-se:

- ✓ *Que trecho da música chamou a atenção. Por quê?*
- ✓ *A música ou a frase me faz recordar de alguma cena?*

Essa oficina foi de difícil desenvolvimento, pois os trabalhadores se emocionaram ao refletir sobre o homem trabalhador, e o processo de afastamento do trabalho. Além disso, abordar relações de gênero com um grupo de homens possibilitou transformações na pesquisadora, pois ampliou o olhar para a temática e o repensar de ações em grupos futuros. As figuras 3 e 4 apresentam o “boneco trabalhador” com destaque nas frases que surgiram durante a oficina.

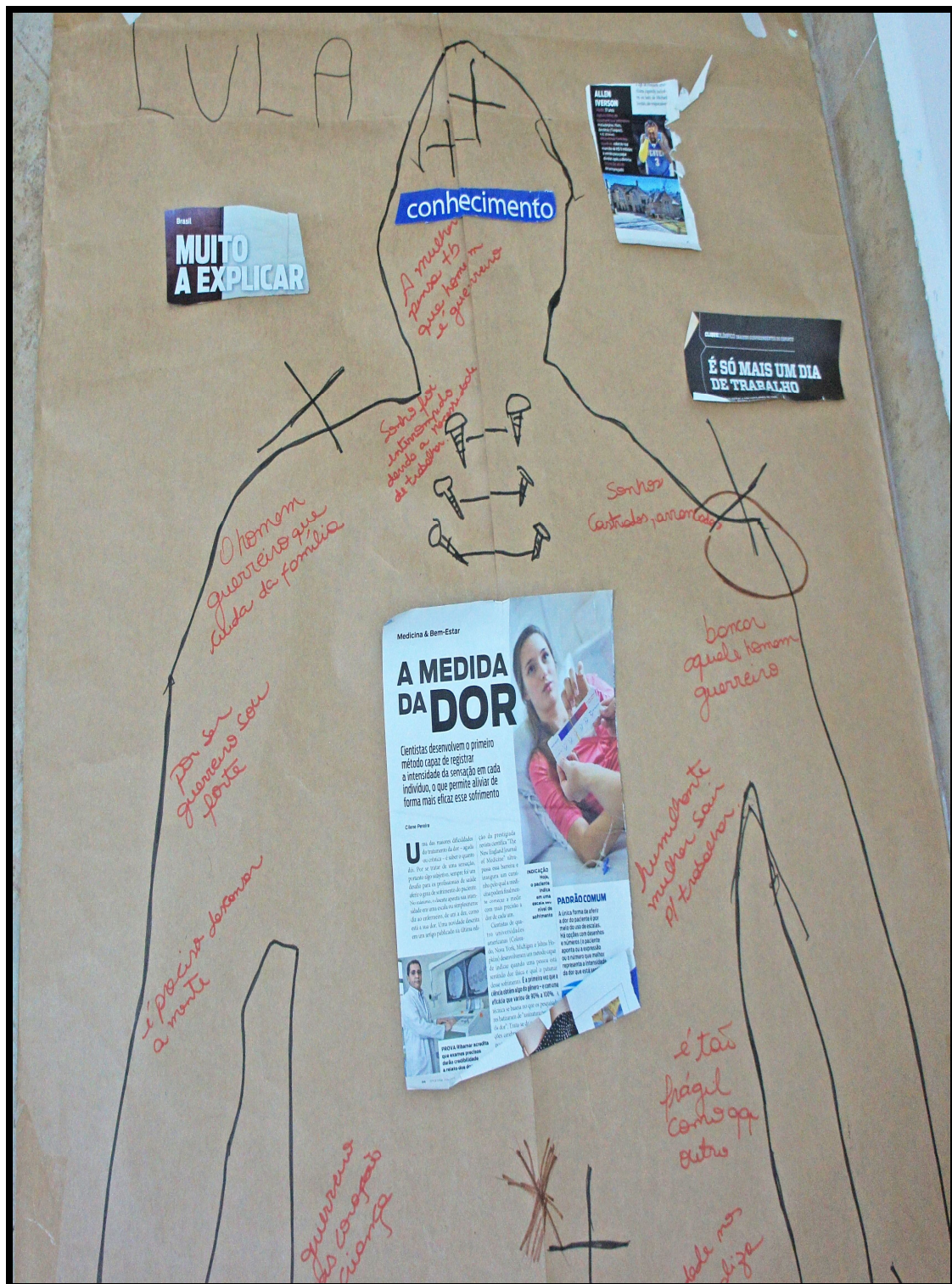


Figura 4 – Boneco Trabalhador (Grupo 2) marcado com frases relacionadas a oficina “Sou ‘cabra-macho’ sim senhor”

5ª Oficina – Tema: É possível recomeçar?

No quinto encontro relembramos, em linhas gerais, o que abordamos nos encontros passados e, considerando reflexões realizadas, foi proposto recriar o “boneco trabalhador”, ou seja, fazer novamente um trabalhador, porém, refletindo sobre o “recriar” a si mesmo enquanto trabalhador, e também refletir sobre ser cidadão / cidadania.

O material de estímulo proposto foi à música “Comida”, do Titãs (Anexo 4), e foi solicitado que ao som da música expressassem no “boneco trabalhador” como é possível “recomeçar”, o que se tem de potenciais / habilidades já descobertas ou a descobrir?

No entanto, cabe esclarecer que, não foi possível com ambos os grupos a criação do “novo boneco trabalhador”, pois os trabalhadores apresentaram dificuldades em construir a proposta, e será discutido na análise. Tal contexto foi respeitado e então trabalhado as demandas emergidas, dificuldades apontadas, e iniciada a avaliação dos encontros e dos temas abordados.

6ª Oficina – Tema: Fechamento e Avaliação!

O sexto encontro teve a proposta de realizar o encerramento e a avaliação das oficinas, dessa maneira foi solicitado para resgatarem na memória os temas, debates, reflexões realizadas nos encontros, com o objetivo de avaliar o processo ocorrido. As questões norteadoras definidas para essa oficina foram:

- ✓ *O que foi mais importante para mim? O que mudou, reafirmou, ou me possibilitou refletir?*
- ✓ *Quais dificuldades encontradas?*
- ✓ *Como foi a minha participação?*
- ✓ *O que vou levar dos encontros?*
- ✓ *O que tenho de sugestão?*

Considerando a proposta de pesquisa-intervenção, a pesquisadora também compartilhou com o grupo as suas impressões sobre o desenvolvimento dos encontros, as contribuições e favorecimentos, bem como a possibilidade de novas reflexões.

Ainda como possibilidade de encerramento e reflexões futuras, foi realizada uma dinâmica denominada “A Viagem”, que ressalta a importância de estarmos atentos ao que acontece em nosso redor, em nossa vida.

O diálogo obtido durante as oficinas foi transcrito e a técnica utilizada para realizar a análise dos dados foi pautada no discurso do sujeito coletivo

A proposta do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), segundo Lefrève (2012, p. 73), implica a utilização de quatro figuras metodológicas que auxiliaram na organização dos depoimentos e análise dos discursos. Estas figuras são: expressões-chaves, ideias centrais, ancoragem e discurso do sujeito coletivo. Considerando o mesmo autor, as expressões-chaves *“são pedaços, ou trechos, ou segmentos, contínuos ou descontínuos, do discurso, que devem ser selecionados pelo pesquisador e que revelam a essência do conteúdo do depoimento ou discurso, ou da teoria subjacente”*.

As ideias centrais podem ser entendidas como afirmações que permitem traduzir o essencial do conteúdo explicitado pelos sujeitos e seus depoimentos. A ancoragem, segundo Queiróz (2003, p. 78) *“é a expressão de uma dada teoria ou ideologia que o autor do discurso professa e que está embutida no seu discurso como se fosse uma afirmação qualquer”*.

E o discurso do sujeito coletivo (DSC) busca construir, com pedaços de discursos individuais, um só discurso como em um quebra-cabeça, tantos discursos síntese que se fizerem necessários para expressar a representação social sobre um fenômeno.

5. RESULTADOS – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados e análises dos dados relacionados a essa pesquisa apresentam-se a seguir e, conforme citado anteriormente, as análises dos dados ocorreram a partir do discurso do sujeito coletivo (DSC), que foi agrupado em temáticas com o objetivo de favorecer a apresentação dos dados, bem como demonstrar a relevância das discussões realizadas com os trabalhadores participantes da pesquisa.

5.1 Caracterização dos Grupos de Trabalho

Os trabalhadores selecionados para participarem dos encontros foram afastados por acidente de trabalho ou suspeita de doença ocupacional, seguindo a direção definida na parceria com o CEREST Guarulhos⁹.

A inclusão nos grupos ocorreu por duas entradas, ou seja, seleção a partir da pesquisadora e das profissionais que também trabalham no INSS no serviço de Reabilitação Profissional. O quadro 2 demonstra o processo de seleção para o pertencimento aos grupos.

Quadro 2 – Processo de seleção para participação nos grupos.

GRUPO 1		GRUPO 2	
Seleção		Seleção	
A partir da pesquisadora	Já haviam apresentado a demanda da temática trabalho, gênero e saúde	A partir da pesquisadora e profissional da Terapia Ocupacional e Profissional Assistente Social	Não haviam apresentado a demanda da temática do trabalho, gênero e saúde

Conforme citado anteriormente, os trabalhadores selecionados foram do sexo masculino, na faixa etária de 35 a 46 anos, que passaram em atendimento, na Unidade de Reabilitação Profissional do INSS – Agência da Previdência Social de Guarulhos, no período de agosto/2013 a janeiro/2014, e totalizando a participação de 23 trabalhadores, divididos em dois grupos.

Os quadros 3 e 4 apresentam o perfil desses trabalhadores que participaram das oficinas.

⁹ No CEREST o atendimento limita a ação para os trabalhadores que foram acometidos por acidente ou doença relacionada ao trabalho, e no INSS os atendimentos na Reabilitação Profissional são para trabalhadores com adoecimento relacionados ou não ao trabalho.

Quadro 3 – Perfil dos trabalhadores que participaram do Grupo 1.

GRUPO 1				
Idade	Escolaridade	Tempo de Afastamento	Ocupação	Motivo do Afastamento
40	Ensino Médio completo	3 anos e 8 meses	Ajudante de Produção	Sequela de fratura exposta dos ossos do antebraço direito
42	Ensino Fundamental II Incompleto	11 anos e 5 meses	Meio oficial de pedreiro	Lombalgia Crônica / Artrodese lombar
39	Ensino Médio Incompleto	4 anos e 6 meses	Auxiliar de montagem	Sequela de esmagamento de polegar D
43	Ensino Fundamental II Incompleto	5 anos e 1 mês	Ajudante Geral	Esmagamento no 2º QDE
42	Ensino Médio completo	7 anos	Operador de Cilindro	Sequela fratura mão E
44	Ensino Médio completo	2 anos e 2 meses	Motorista	Tendinopatia de ombro bilateral
41	Ensino Médio completo	8 anos e 1 mês	Pedreiro	PO luxação recidivante ombro D, cegueira em OD, lombalgia, condropatia joelhos
36	Ensino Médio completo	1 anos e 8 meses	Operador de Reator e Sais Especiais	Lombalgia
36	Ensino Médio completo	5 anos e 8 meses	Encarregado	Discopatia e Transtorno crônico dos joelhos
41	Ensino Fundamental II Incompleto	6 anos	Montador	Fratura de úmero e osso antebraço esquerdo
42	Ensino Fundamental I Incompleto	7 anos	Auxiliar de Fábrica	Amputação dedos mão direita
46	Ensino Fundamental I Incompleto	1 ano	Ajudante Geral	Hérnia de disco lombar

Quadro 4 – Perfil dos trabalhadores que participaram do Grupo 2.

GRUPO 2				
Idade	Escolaridade	Tempo de Afastamento	Ocupação	Motivo do Afastamento
42	Ensino Fundamental II Incompleto	5 anos	Ajudante Geral	Lombalgia (Artrodese L4/L5)
42	Ensino Médio completo	9 anos	Auxiliar de Carga e descarga	Lombalgia crônica pós laminectomia
42	Ensino Médio completo	9 anos e 6 meses	Motorista	Fratura MSE
35	Ensino Médio completo	5 anos e 4 meses	Virla	Fratura exposta de ombro direito
41	Ensino Fundamental II Incompleto	5 anos e 1 mês	Ajudante Geral	Lesão ligamentar joelho esquerdo
44	Ensino Médio completo	8 anos e 1 mês	Ajudante Geral	Discopatia Lombar
39	Ensino Médio completo	7 anos e 7 meses	Vigia Líder	Discopatia Lombar
37	Ensino Fundamental II Incompleto	8 anos e 4 meses	Operador de Máquina	Amputação de 2º/3º e 4º dedo de mão E
41	Ensino Fundamental II Incompleto	5 anos e 4 meses	Pintor de caminhão	Lombalgia Crônica
46	Ensino Médio completo	3 anos e 2 meses	Operador de Máquina	Discopatia Lombar
42	Ensino Médio completo	6 anos e 8 meses	Ajudante Geral	Discopatia Lombar

Analisando o perfil apresentado acima, é possível identificar que os trabalhadores em sua maioria possuíam o grau de instrução de Ensino Médio Completo, exerciam diferentes ocupações, sendo a prevalência na área de produção e motorista, e com relação ao motivo do afastamento, observa-se uma prevalência similar entre as situações de adoecimento pelo trabalho como por acidente de trabalho, sendo frequente as discopatias, lombalgias e fraturas dos membros superiores.

Apesar de um perfil bastante homogêneo dos grupos em relação aos trabalhadores que, participaram dos encontros e os discursos semelhantes em relação às temáticas definidas, é importante destacar que foram observadas diferenças entre os grupos em algumas discussões realizadas nas oficinas, sobretudo quando abordado a temática “É possível recomeçar?”, pois foi notado que no Grupo 2, o tempo em benefício¹⁰ e, conseqüentemente, o afastamento do trabalho, é maior que no Grupo 1, e o motivo do afastamento no Grupo 2, teve como maior prevalência situações relacionadas a discopatias e lombalgias, não ocorrendo o mesmo para o Grupo 1.

Os trabalhadores do Grupo 2 estão há cinco anos ou mais em benefício, e a vivência diária com a dor, que, segundo relatos, traz limitações e sofrimento psíquico, fez notar que os participantes apresentaram maior dificuldade em identificar possibilidades de mudanças, de novas conquistas relacionadas tanto ao trabalho como a melhor qualidade de vida. Apresentaram um processo de rejeição mais profundo em relação ao retorno ao mercado de trabalho, por terem dificuldades de reconhecer outras habilidades, bem como temor ao desemprego e insegurança na lei de cotas que poderão ter acesso quando forem reabilitados pelo INSS.

Outro ponto observado foi à instabilidade financeira apresentada e que está intrinsecamente ligada ao baixo valor do benefício, visto que, este não acompanha a realidade de mercado e das despesas familiares, acarretando na fragilização da estrutura familiar, resultando em separações conjugais e na fragilidade emocional do homem. Ressalta-se que, o valor do benefício tem relação com o tempo e valores de contribuição realizados ao INSS até a data do afastamento.

¹⁰ O tempo em benefício auxílio-doença não corresponde ao mesmo tempo que está no Serviço de Reabilitação Profissional, pois para esse serviço é encaminhado, pela perícia médica do INSS, quando o quadro clínico está estabilizado e com possibilidades de iniciar o Programa de Reabilitação Profissional. Cabe ainda salientar que, o tempo de afastamento não foi critério de seleção.

No Grupo 2 notou-se também que os processos de reflexões foram mais profundos, e os participantes avançavam nas discussões, a cada oficina, praticamente já introduzindo os assuntos a serem abordados nos encontros subsequentes. No entanto, os participantes do Grupo 1 apresentaram menor sentimento de culpa devido o afastamento do trabalho, por relacionarem esse fato a organização atual do trabalho que muito exige do trabalhador.

Contudo, os Grupos apresentaram semelhanças no que se refere à disponibilidade de participação, envolvimento com as temáticas abordadas, comprometimento e interesse em contribuir com a proposta de pesquisa. Nesse sentido, optou-se na pesquisa em trabalhar o conjunto de semelhanças e pontuar falas diferentes que fizeram sentido nos determinados Grupos.

Na interpretação dos discursos, por meio da escuta e leitura dos encontros foi possível detectar que os trabalhadores, em suas falas apresentaram o significado do trabalho e do trabalhar, e como isso repercute na vida do homem. Demonstraram como estão estabelecidas as relações de trabalho, as exigências e as condições de trabalho existentes no dia a dia, que acabam por interferir na garantia de direitos e na alienação pelo trabalho, pois muitas vezes o trabalhador se vê submetido a adotar determinadas atitudes devido à preocupação em garantir o sustento da família, bem como possibilitar melhor qualidade de vida a si próprio e aos dependentes.

Expressaram também como se sentem frente ao afastamento do trabalho e, como relacionam esse fato ao acidente de trabalho ou o adoecimento pelo trabalho. Quais marcas foram deixadas ao trabalhador e como isso interfere inclusive na saúde mental desse cidadão. Além disso, os trabalhadores expuseram sobre a insegurança, frustrações que os cercam por estarem em benefício auxílio-doença, por apresentarem limitações para o desenvolvimento de algumas atividades, o que interfere no retorno ao mercado de trabalho e assim temem o desemprego.

Nos discursos trouxeram ainda fragilidades encontradas no homem trabalhador, temores, anseios, e possibilidades ou não de mudanças perante a atual realidade.

Partindo dessas identificações, os discursos semelhantes foram agrupados sob os seguintes temas: (1) O significado do trabalho e do trabalhar; (2) A organização do trabalho, o adoecimento pelo trabalho e o consequente afastamento; (3) As marcas da organização do trabalho; (4) Sou “cabra macho” sim senhor!; (5) É possível recomeçar?; (6) Como ficam os direitos do trabalhador e a Seguridade Social?; (7) Avaliação da proposta de grupo.

5.2 Definição dos Temas para Descrição dos Discursos

(1) O significado do trabalho e do trabalhar

As oficinas foram planejadas com temáticas a favorecer a discussão sobre a relação capital x trabalho, associado a esse contexto, o lugar do masculino na sociedade, e como essas questões sociais tem interferido no processo de saúde-doença do trabalhador.

Compreendeu-se que, para aprofundar naquelas discussões era necessário partir de questionamentos que pudessem trazer o entendimento dos trabalhadores sobre a relação com o trabalho, e os discursos apresentaram o significado do trabalhar e do trabalho na vida desses trabalhadores. Tendo em vista a importância dos significados trazidos, a temática foi definida.

A questão norteadora, da primeira oficina, que possibilitou esses discursos foi:

- ✓ *O que é trabalho e trabalhar para mim?*

(2) A organização do trabalho, o adoecimento pelo trabalho e o consequente afastamento

A definição dessa temática se deu a partir dos discursos ouvidos tanto na primeira oficina, pois relataram como chegaram a Reabilitação Profissional, como também pela escuta dos discursos da segunda e terceira oficinas, pois trouxeram como estão estabelecidas as relações de trabalho e como são as condições de trabalho. A partir desses discursos, foi possível compreender tanto como os trabalhadores percebem a organização atual do trabalho a que estão submetidos, como sobre o processo de adoecimento ou do acidente de trabalho que resultou no afastamento do trabalho.

Considerando a importância dessas abordagens e como interferem na vida desses trabalhadores, os discursos semelhantes foram agrupados nessa temática. As questões norteadoras que auxiliaram o desenvolvimento das oficinas e consequente discursos foram:

- ✓ *Como veio parar na Reabilitação Profissional do INSS?*
- ✓ *Como é o ambiente e condições desse trabalho?*
- ✓ *Como as condições de trabalho têm relação com o corpo?*
- ✓ *As marcas do trabalho se relacionam com as condições de trabalho, e como isso se relaciona com o afastamento do trabalho?*
- ✓ *Como o trabalhador se vê nesse processo?*

(3) As marcas da organização do trabalho

Compreender a organização do trabalho vai além dos discursos sobre como estão estabelecidas as relações de trabalho ou as condições de trabalho, pois os trabalhadores apresentaram sentimentos de fragilidade, perdas, e inseguranças devido o afastamento do trabalho. Nesse sentido, se fez necessário entender as marcas deixadas pelo trabalho, assim, essa temática foi definida e os discursos semelhantes agrupados.

Entendemos também que, a presença dessa temática está relacionada a uma das questões norteadoras trabalhadas na terceira oficina, que foi:

✓ *Que marcas o trabalho deixou?*

(4) Sou “cabra macho” sim senhor!

Conforme mencionado anteriormente, as oficinas foram planejadas com temáticas que favoreceram a discussão sobre a relação capital x trabalho, e associado a esse contexto, o lugar do masculino na sociedade.

Nesse sentido, foi desenvolvida uma oficina com essa temática específica, e os trabalhadores trouxeram em seus discursos, outro entendimento desse conceito quando compreendem que a mulher se apresenta da forma machista, e que o homem também é frágil. Dessa maneira, compreendendo a importância em debater o conceito sou “cabra macho” sim senhor!, a partir dos discursos dos trabalhadores a temática foi definida.

(5) É possível recomeçar?

Os trabalhadores em seus discursos apresentaram como compreendem as possibilidades de retorno ao mercado de trabalho, o que identificam de facilidades, dificuldades, inseguranças e sonhos. Considerando esse contexto, a temática em questão foi definida devido à importância desse processo na vida dos trabalhadores e como a abordagem desse assunto foi difícil durante o desenvolvimento das oficinas.

(6) Como ficam os direitos do trabalhador e a Seguridade Social?

No decorrer das oficinas, os trabalhadores trouxeram em seus discursos, como se sentem desprotegidos em relação aos direitos trabalhistas, e submetidos a certas atitudes para garantir a permanência no trabalho. Além disso, como é inseguro a Seguridade Social que deveria atender o trabalhador quando este dela necessitar. Compreendendo a necessidade dessa discussão, a partir do discurso dos trabalhadores, a temática foi definida e os discursos semelhantes agrupados.

(7) Avaliação da proposta de grupo

Os trabalhadores avaliaram os encontros e as propostas de trabalho durante todo o processo das oficinas. Expressaram algumas opiniões sobre como o grupo impactou em suas vidas enquanto trabalhadores afastados do trabalho, em benefício e na Reabilitação Profissional. Avaliaram a importância dos encontros, dificuldades identificadas, bem como a relevância para a continuidade dos mesmos, além disso, fizeram sugestões. Compreendendo ser significativo esses discursos, sobretudo para apresentação de propostas junto a Instituição INSS, a temática foi definida.

5.3 Discurso dos Trabalhadores

(1) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: O significado do trabalho e do trabalhar

Eu fico pensando às vezes, imaginando que a explicação está em cada lugar que foi fundado, eu acredito que existe uma teoria. O pessoal fala da burguesia e dos burgueses, dos feudais e dos escravos, então, foi criado um plano, um projeto para colocar as pessoas para trabalhar, fazer com que as pessoas produzissem e fazer com que o Brasil se tornasse uma colônia produtiva, e eu, quando minha mãe estava grávida, acredito que meu pai ficava falando na barriga da minha mãe assim – cresce logo para trabalhar, cresce logo para trabalhar. Eu sofri muito assim psicologicamente quando eu não podia trabalhar porque, para mim, você tem que estar produzindo, você é uma máquina. Se você está parado você é um inútil, não serve para nada, então isso me cobraram. Eu fui treinado, desde que nasci, o único objetivo é trabalhar e produzir, eu fui criado PARA TRABALHAR. Eu não sou nada sem trabalhar, se eu não trabalho, eu ACHO que estou roubando. Sem o trabalho a

gente perde um pouco a noção da vida. Sem o trabalho você não tem uma autoestima. O trabalho para a gente também é a saúde da pessoa, se você não tiver saúde não tem trabalho.

O trabalho não é mau, o trabalho é benção, o trabalho é benção para todo ser humano, se a gente não trabalha, a gente não vive. Trabalho é a dignidade do homem, é que nem eles acabaram de falar, a gente é tachado como vagabundo. Meu pai me ensinou isso, o homem tem que ter a dignidade de viver do trabalho, do suor do seu rosto.

Identidade né, é a mesma coisa quando eu pergunto para ele como você se chama? Ai ele vai falar o nome dele e automaticamente você vai perguntar, o que você faz? Qual é o seu trabalho? Então é a sua identidade, né? Ele vai falar: EU SOU ISSO, aquela coisa da identidade, eu sou um motorista, eu sou um pedreiro, eu sou químico, é a sua identidade.

O trabalhar é o dia a dia ali o que eu vou fazer para você, se eu vou fazer bem feito, se eu vou te dar produção daquilo que eu vou fazer. O trabalho e trabalhar é uma coisa ligada à outra, porque o que é o trabalho? Trabalho é uma coisa para mim, no meu modo de ver, é uma coisa que você faz desde quando você nasce. Agora o que é trabalhar? Trabalhar é o meio, é uma busca que você faz para obter uma renda para você sobreviver, dar o melhor para sua esposa, seus filhos.

Trabalho entendo como uma função a qual nós devemos exercer, e trabalhar é o exercício dessa função, a maneira como vamos exercer essa função.

Idéia central: O significado do trabalhar está de acordo com cada plano de governo de um país, no caso do Brasil, o objetivo é a produção. Assim, desde a gestação, essa cultura é introduzida ao homem. Sem o trabalho, sem trabalhar não somos nada, é como se estivéssemos roubando, ficamos sem identidade, sem autoestima, sem a noção de vida. Trabalho também é saúde, dignidade e benção. Trabalho é vital ao homem. Trabalhar é o meio de produção para a sobrevivência própria e da família. Trabalho é função e trabalhar é a capacidade do homem de exercer uma função.

(2) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: A organização do trabalho, o adoecimento pelo trabalho e o consequente afastamento

O gado¹¹ trabalha, ele levanta cedo, madruga, trabalha o dia inteiro não é verdade? Só que deu cinco, seis horas da tarde, ele recolhe e acabou com o trabalho. Nós não, dava cinco horas da tarde, nós ainda estávamos no nosso expediente e tinha que estender isso até um pouco mais tarde, e ainda tinha o período para ir embora para casa, pior que o trabalho ainda, então, é uma vida que a gente levava, não só a gente aqui, o trabalhador em si, é pior que uma vida de gado. A vida do trabalhador, que não é só nós, é do trabalhador brasileiro, do trabalhador mundial é correria mesmo, da sociedade onde a gente vive, a sociedade onde a gente está inserido, é a sociedade moderna e não sendo pessimista, a tendência é piorar. É um capitalismo selvagem, o cliente pede e a empresa TEM que fazer o serviço, só que a empresa é o seguinte, ela não quer contratar o NÚMERO de funcionários adequados para cumprir aquilo, se tiver um funcionário que faça serviço de dois, para ela é melhor. O dia que eu for falar NÃO para eles, o que eles fazem? Me mandam embora e pegam outro ajudante geral para colocar e fazer o mesmo serviço.

¹¹ O trabalhador cita o gado fazendo referência a música do Zé Ramalho – Admirável Gado Novo, que foi utilizada como material de estímulo para facilitar a discussão de algumas temáticas.

Na entrevista eles já perguntam, você tem disponibilidade para trabalhar de sábado e domingo? Você precisa do trabalho e fala TENHO, você tem disponibilidade para trabalhar feriado? TENHO, tem disponibilidade para trabalhar em outras cidades e outros estados? TENHO. Senão você não entra. Na empresa todo dia chega currículo. Existe uma certa competitividade também entre os trabalhadores, porque você quer mostrar produtividade, eu sou melhor que ele por que? Porque se houver um corte, eu vou ficar e ele que vai ser dispensado, e a gente nessas horas não pensa que a gente está se prejudicando, mesmo irracionalmente, a gente está se prejudicando porque a gente aceita de uma certa maneira, a gente aceita essa imposição do patrão por que? Porque nós precisamos do emprego para sustentar a família, então de uma certa maneira, somos culpados também porque nós aceitamos, a gente também é omissa, mas a gente só vai se dar conta como ele falou quando nós estamos já na fase do remédio, aí já é tarde. Eu trabalhei em uma empresa, em que eu entrava das duas horas da tarde e saía no outro dia, NO OUTRO DIA, sete horas da manhã, e batia no peito e dizia: EU trabalhei todo esse tempo. Eu gerava TODO esse lucro para a empresa e falava isso com todo orgulho, e gerava desemprego também, acabava, acabei com minha saúde pela fome de lucro.

Esse condicionamento mental que eles usam com a gente têm essa cultura de você tem que trabalhar, você tem que produzir. Por que o patrão dele sempre pedia - você PODE nos ajudar? Todo jeito para você se sentir reconhecido, mas na verdade aquele cara está treinado para fazer você trabalhar, é o artifício que ele tem para trazer você numa boa achando que você é importante. É mentira, porque você é uma engrenagem que está gerando algo muito importante para eles. Hoje eu tenho essa consciência, mas foi tarde demais. O Brasil é o país que tem que trabalhar, é um país rico, mas todo mundo pobre por quê? Porque a gente gera lucro para fora.

A empresa tem lá uma meta para atingir, onde eu trabalhava mesmo, tinha que chegar fazer por dia e atingir, embuchar umas peças e atingir uma meta de mil e quinhentas se você não atingisse a meta você seria chamado no escritório para explicar porque não atingiu aquela meta, então às vezes a pessoa preocupada com a produção acaba com medo de ser demitido da empresa, acaba se machucando, eu penso ser dessa forma. As metas só vão aumentando, você chega no limite delas, eles pegam e aumentam de novo (...) se você fala pode vir que eu consigo eles vão tirar de você o máximo, às vezes você está no seu limite mas quer demonstrar que você consegue, mas é nessa brincadeira a saúde vai embora. Geralmente (...) na linha de produção tudo que chegava (...) era para ontem, até que foi na hora que eu me acidentei no meu braço. É uma pressão psicológica, prisão psicológica.

Na minha empresa tinha um programa de metas de segurança e pessoas de outras seções iam fiscalizar a gente de outras seções para apontar defeitos e aquela pessoa era OBRIGADA a fazer aquela observação, ou seja, eu tinha a obrigação de ir na seção de outra pessoa fazer a observação sobre segurança naquela seção. Mas observando o procedimento, situações como estas que você tem que caguetar o teu companheiro da outra seção (...) a gente tem que descaradamente chegar lá e falar sobre aquilo, apontava o defeito e saía todo mundo de lá com uma animosidade terrível todo mundo querendo comer o outro. Isso gerava um estresse dentro da empresa, situações como esta a gente tinha com frequência agora pequenos acidentes com os colegas isso não é anotado, mas isso prova o que? Agora vem a questão isso aí envolve dinheiro, porque a gente tinha um programa de metas de segurança que no final do ano a gente tinha uma premiação em dinheiro em relação aquilo, e era um bom dinheiro, diga-se de passagem, dessa forma a gente omite instruções para ganhar, para chegar ao fim do ano e ter alguma coisa a mais, e acaba com a sua vida.

Infelizmente junto com o trabalho vem essas coisas ruins, como todo mundo colocou, que são as doenças. Tinha 18 anos de firma, fazia um trabalho repetitivo, acabei adquirindo hérnia de disco. Começou a doer e eu fiquei praticamente 2 anos depois só trabalhando, até que chegou uma hora que não deu mesmo, fui fazer os exames e já era hérnia de disco e eu não sei se era por causa de excesso de trabalho, acho que às vezes pode ser muito pelo tipo de trabalho que eu estava fazendo. Postura,

porque na mesma leva que eu trabalhei 4 pessoas se afastaram do mesmo jeito, acho que é o trabalho repetitivo, pegando peso demais. De repente pode ser não pelo cansaço do trabalho, é mais o tipo de trabalho. O problema também é que as empresas não investem tanto no funcionário né? Não dá a possibilidade dele trabalhar mais suave. Muitas das vezes, ou quase sempre, o Alfredo¹² chega assim, nós somos vistos dessa forma, aqui é um animal. Chegamos como se fosse um animal irracional só servimos para carregar peso, e o final do Alfredo é aqui ó, à base de remédios.

A empresa tem o horário dela a hora extra é opcional, a gente que abraça entendeu? A gente abraça, a gente acha que precisa, a gente pega hora extra para fazer e realmente a gente precisa, só que a gente precisa ter o nosso controle, a gente tem que pensar MAIS na gente, pensar na outra forma de vida. Você não é obrigado, MAS se você não fizer a hora extra que eles querem também eles te botam na rua. Se você não fizer, você não serve para a empresa. Quando eu me machuquei a gente não conseguia mais dar aquele pique que tinha antes, no começo, tinha horas que o gerente que entrou queria até mandar embora, sem direitos, porque a gente não podia fazer mais o que ele mandava. Muita gente fala assim, mas uma carga de horário que eu fazia fez com que eu sofresse esse acidente, TAMBÉM, VERDADE, mas a gente não pode só jogar a culpa nisso. Não, o maior culpado somos NÓS, deixar bem claro isso, o maior culpado somos NÓS.

Os encarregados, os maiores culpados também, igual lá na firma lá, no reator que eu trabalhava, ele tem cinco metros de altura eu falei para o encarregado uma vez, eu falei assim, o exaustor não está puxando o gás de dentro ele falou, NÃO, puxa sim, eu falei, não está puxando esse reator vai explodir. Quando estava com três mil litros de aço dentro do reator que começou a formar o gás o reator foi para o alto, eu pulei de uns três metros de altura e eu me queimei todinho na empresa. Com dois meses eu voltei a trabalhar, aí eu olhei para a cara do encarregado e falei, não te avisei que ia explodir? Ele falou, mas você sabe a gente tem que cumprir o pedido tem que entregar senão a gente perde o cliente, eu falei assim, é vocês preferem perder uma vida do que perder um cliente. Então é desse jeito que nós somos tratados (...) você sabe o que pode acontecer, só que não adianta, você fala para o encarregado, mas o encarregado não te ajuda. Tem empresa que você vê tem uma placa que tem, estamos tantos dias sem ter acidentes, é mentira. Isso é fictício (...) Quando eu me queimei no reator que eu saí estava um número, quando eu voltei estava o mesmo número, quer dizer para eles não aconteceu acidente nenhum.

Apesar da gente sempre estar falando que está marcado¹³ a gente tem que ver os frutos do nosso sacrifício, os filhos na faculdade, nós estamos marcados, mas colhemos os frutos dessas marcas também de uma certa maneira. É por isso que eu não me sinto CULPADO de TER feito essa carga horária a mais na minha vida, de ter me afastado um pouco da minha família, porque isso trouxe benefício para minha família, tudo que eu levo para minha família eu não me sinto culpado. Eu me sentiria culpado, assim, se eu fosse um chefe de família não quero ver minha mulher trabalhando, e EU FALTAR com a minha RESPONSABILIDADE dentro de casa, e eu começar a ver que estava faltando as coisas, Aí que eu me sentiria culpado, mas caso contrário eu não me vejo culpado por essa carga horária. Se for ver direitinho o culpado são as duas partes NE? Um precisa e o outro também.

Sempre a gente vai adiando né, só vai mesmo no médico quando a gente não tem mais condição de trabalhar, é aquele tal negócio, se você vai no médico e leva atestado na firma a firma já te vê com maus olhos. Então a gente sempre vai adiando. As vezes dava uns problemas na canela porque a gente ficava subindo e descendo e aguentava a dor para atingir as metas, o ombro ficava um caroço de carregar aquelas escadas de madeira e não sentia nada. Passei por alguns especialistas, passei

¹² O trabalhador cita Alfredo porque se refere ao boneco que construímos durante as oficinas e que nomearam como Alfredo.

¹³ O trabalhador quando menciona marcas, está se referindo as marcas que colocaram no boneco que foi construído nas oficinas como material de estímulo para o debate das temáticas abordadas durante os encontros.

por uma (psiquiatra) que falou para mim que o trabalho para qual eu estava sendo pago acabou chegando onde eu cheguei, pois já tinha um pouco de tendência desse problema e o trabalho exacerbado simplesmente acelerou. Eu era o líder, eu tinha conquistado a posição de um líder, então eu me sentia na obrigação.

Idéia central: A vida do trabalhador é pior que a vida de gado, trabalha por dois para atender o que a empresa precisa. Se o trabalhador falar “não” é demitido. Há uma grande reserva de mão de obra no mercado de trabalho. O mercado de trabalho está competitivo e entramos nessa competição para melhor condição de vida para nossa família. O patrão cria estratégias para acreditarmos que somos reconhecidos, mas o interesse é o lucro. O trabalhador sofre pressão psicológica para cumprir metas e adocece. O excesso de trabalho, o trabalho repetitivo, o excesso de peso e as más condições de trabalho nos adoecem ou nos machucam, aí não servimos mais para a empresa. Trabalhamos por horas, fazemos horas extras e não conseguimos pagar as contas. O trabalho em excesso também possibilita frutos positivos. Há culpados pelo excesso e acidentes de trabalho. Não somos ouvidos na empresa. O homem quando adocece no trabalho ou pelo trabalho demora a procurar de cuidados de saúde, porque precisa trabalhar.

(3) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: As marcas da organização do trabalho

Eu vou começar com uma marca¹⁴ só que é positiva, que é a principal, que foi na cabeça. Por que eu coloquei a marca na cabeça? Porque eu sempre fui uma pessoa muito tímida, muito fechada para o mundo, muitas dificuldades nos relacionamentos, meio caipira, meio jeca vamos dizer assim. Então eu comecei a trabalhar com o meu pai, com nove, dez anos. Com quatorze anos eu já tinha minha carteira de trabalho e já comecei a trabalhar no Brás, numa loja, num comércio, então o trabalho ele ABRIU a minha mente, me auxiliou muito na perda da timidez, no desenvolvimento intelectual, na melhora do relacionamento com os outros, então aprendi a me relacionar melhor com outros, por isso que eu puxei a fila senão ninguém ia me fazer levantar dessa cadeira. O trabalho também me trouxe novas expectativas, não é verdade? Trouxe novas experiências, busca por crescimento, enfim, o trabalho me ajudou muito me proporcionou muito crescimento como pessoa. Hoje eu não estou exercendo uma profissão, eu mesmo não sou feliz, sou um cara muito infeliz porque podia estar hoje com uma formação muito boa e isso me torna infeliz, oito anos, se eu tivesse enfrentado uma profissão estaria bem feliz da minha vida hoje, e eu olho para trás e vejo que todo mundo as pessoas que estavam comigo naquele tempo estão progredindo e eu parei no tempo.

O trabalho também me trouxe algumas experiências negativas. Eu mesmo me culpo, tem hora que eu me culpo comigo mesmo, porque eu não conheço a lei então eu fazia tudo que a firma pedia só que se eu tivesse um pouco de conhecimento, se a empresa tivesse palestra, preventiva uma coisa que está prevenindo o funcionário a não machucar. Igual a CIPA que existe, mas não funciona, a CIPA

¹⁴ O trabalhador quando menciona marcas está se referindo as marcas colocadas no boneco que foi construído nas oficinas como material de estímulo para o debate das temáticas abordadas durante os encontros.

existe porque a empresa é obrigada a ter. Ó, isso aqui essas três fraturas que aconteceu no meu braço, isso aqui foi pressa. E quando ocorre um acidente eles falam, não precisa ter pressa, e eles que apressam.

Eu queria poder pegar aquela música que tocou¹⁵, aquela segunda, “Vocês que fazem parte dessa marcha, que fazem o progresso do futuro, eu sei o quanto é duro caminhar e dar muito mais do que receber”, e tem uma parte que fala que a ferrugem está comendo a pessoa, então, hoje eu já estava sentindo dor ali, a medida da dor é muito grande, é uma dor que vai em várias partes do corpo da gente, e para mim, no meu ponto de vista, a dor é o que mais complica porque a dor LIMITA a gente mesmo. Foi ela que tirou você daquele lugar. Mas não tinha como parar tinha que trabalhar e era só mais um dia de trabalho, e a gente ia superando a dor, até que chegou um dia que não teve mais jeito, teve que operar. Aquele círculo que eu fiz ali, quer dizer que eu tive três hérnias na coluna e tive que operar, além das três hérnias que eu tinha eu tive o acidente da firma e acabou prejudicando mais ainda. Através do acidente eu tive (problemas com minha esposa), sobre a relação do homem com a mulher, aí separei da minha esposa.

Essa máquina não era a que eu trabalhava, (...), foi quando o carregador me chamou para abastecer a máquina com o material, eu peguei, para não dizer não e depois não dizer que eu não servia para a empresa, digo FAÇO, só que ele me pôs para trabalhar, não me deu orientação nenhuma, fui lá trabalhando, quando eu ponho ali uma peça amassada desliguei a máquina, quando eu ponho a mão para tirar a peça ela me repicou. Beleza, só que se eu digo não, que eu não ia trabalhar ali, eles iam colocar outro e era uma época de corte também eles iam pegar e me mandar embora, porque eu só podia trabalhar na máquina que me colocaram, então, por isso fui trabalhar e infelizmente aconteceu isso. É um trauma que eu vou levar para sempre, para o resto da minha vida, e hoje o psicólogo me perguntou se eu sou triste, eu digo, como triste? Sobre depois do acidente, assim triste. Triste eu vou ser para o resto da vida, se eu chegar e mostrar minha mão já tem uns que já olham espantados, então para mim é uma coisa que fica, muito triste. A tristeza vem, porque você acabou com a sua vida, aquelas perspectivas que você tinha, naquele período, elas vão embora todas, você se isola das pessoas.

As pessoas perguntam para a gente o que é que você tem? Você não vê nenhum defeito físico, as pessoas não imaginam o que passa na sua cabeça, as pessoas que tem problema na coluna não imagina o nosso universo, a gente passa por dificuldades terríveis, tem que superar muita coisa, quando você danifica a coluna sua vida vai a ZERO, suas perspectivas vão a ZERO, e você tem que ser muito forte, grande parte cai em depressão. Aí você fala para a pessoa que não pode pegar um saco de arroz e ela tira um barato da sua cara. Você cansa de contar a mesma história sempre, coisa que a gente vai ter que carregar o resto da vida. Entre as marcas do trabalhador vem também a marca da discriminação, que é discriminado dentro da empresa. Quando a pessoa retorna ao trabalho, já no meu caso foi assim, separava todo mundo para fazer uma coisa aí só via a zueira no pátio o ((cita próprio nome)) está bichado.

Eu durante o tempo que trabalhei fazia hora extra quase 24 horas dentro da empresa, minha intenção era conseguir alguma coisa, e eu consegui comprar um terreno, porque eu pagava aluguel, foi quando aconteceu o acidente e eu tive que ficar seis meses sem receber, aí o terreno tudo que eu consegui eu tive que vender para não passar apurado com a minha família. Eu consegui tudo pelo trabalho porque eu me esforcei e vendi, até hoje eu não consegui. Eu coloquei a marca no joelho estourado, e foi a marca negativa que para mim, eu não esqueço do que eu CONSEGUI e perdi ao mesmo tempo, e ficou a marca na minha vida por um tempo. É interessante que muitas das vezes o sonho ele é castrado através do trabalho, ou seja, a pessoa põe na cabeça que ele tem um sonho, mas, para realizar isso

¹⁵ O trabalhador está fazendo referência a música do Zé Ramalho – Admirável Gado novo, que foi utilizada como material de estímulo para facilitar a discussão de algumas temáticas

ele tem que trabalhar e muita das vezes dependendo do que ele vai fazer esse sonho ele não consegue alcançar, ele não consegue realizar devido ao próprio trabalho.

Naquele momento que você está trabalhando você só pensa na empresa, só no seu empregador, você faz hora extra, trabalha, trabalha, você ESTÁ sempre trabalhando. E no momento que você se acidentou, você ficou afastado, de repente o seu empregador virou as costas para você, aí sua família começa a te apoiar. Você sempre ficou focado no trabalho e trabalho, e a sua família está sempre do seu lado, ali, só que você nunca percebe e aí você vai perceber nesse momento, nesse momento em que você está afastado, que você vê caramba, eu dediquei minha vida todinha para a empresa e fiz tudo errado entendeu?

Eu comecei a pensar quando a empresa deu o desprezo para mim. Quando eu fiquei afastado, que eu fui para o INSS, eu fui procurar meu patrão, e foi o desprezo que o patrão deu para mim. Ele falou para mim que eu não era funcionário dele não, que eu era do INSS. Eu dediquei minha vida para a empresa por muitos anos e mantinha ele na cadeira, em paz, porque eu resolvia os problema e quando eu procurei ele deu desprezo para mim. Já entraram em contato com ela pedindo uma função, eu pessoalmente fui até a empresa, falei vocês tem um monte de lugar aqui eu já fiz curso de computação já terminei o ensino médio, caramba arruma um lugar para mim dentro da empresa. Não tem nem uma outra função que a gente pode te encaixar, deixa a gente lá embaixo. Tem uma fábrica ali na marginal, aí ficava aquele monte de carro velho, quer dizer os carros velhos estão tudo lá e é nossa vida que eu estou vendo ali, enquanto você está RODANDO você está bom, quando você parar de rodar te jogam lá no canto, fica lá encostado num canto, quer dizer, você não serve para nada, é quando você se sente uma pessoa inútil aí quando você começa a se sentir inútil é quando você desanima da vida, você não tem pique para isso, não tem pique para aquilo, aí acaba tudo ali. É o que acontece, o Lula¹⁶ ele sofre essas questões, o Lula está ligado a tudo isso aí psicologicamente.

Você é um trabalhador, viu que a empresa não abandonou, leva cesta básica, convênio médico, eles me deixam por cima por quê? Porque eles sabem que o acidente que aconteceu não foi proposital, eles sabiam que a máquina estava com defeito. A empresa emitiu o CAT para mim, às vezes eu falo assim, mas a empresa foi negligente só que é que nem a perita falou, nesse dia, pelo porte da empresa ela não tem bombeiro para fazer a segurança dentro da empresa, (...) eles tem consciência do dever da empresa, então até aí não tem nem como eu reclamar desse assunto com eles, e o patrão sempre fala ((cita o próprio nome)) um funcionário exemplar é difícil hoje. Eu não vou criticar a empresa eles tem sido atenciosos comigo, meu convênio eles pagam até hoje, cesta básica.

Idéia central: O trabalho deixa marcas positivas e negativas na nossa vida. Me culpo pelas marcas deixadas pelo trabalho. A dor me limita ao trabalho. Sofremos preconceitos da sociedade e da empresa. Sem o trabalho sofro e não vejo perspectivas. Perdi a família porque me afastei do trabalho. O trabalhador pode conquistar e perder bens / sonhos por causa do trabalho. A empresa nos abandonou após o afastamento do trabalho.

¹⁶ Lula – o trabalhador faz referência ao boneco que foi construído ao longo dos encontros, e no qual projetavam suas experiências como trabalhadores, considerando as temáticas abordadas em cada oficina.

(4) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: Sou “cabra macho” sim senhor!

Como é difícil, você era um chefe de família, você que bancava todas as despesas da casa, você que pagava todas as contas de repente você se torna uma pessoa, entre aspas, inútil, sua esposa tem que começar a trabalhar, você tem que cortar todas as despesas da sua casa para poder viver com aquele salário que você recebe do INSS, tem que aguentar desaforo. Humilhação. Todos somos autônomos e queremos passar segurança, seja para a família, seja para nós mesmos, comprar terreno, construir, sair do aluguel, continuar os estudos, virar doutor, virar professor de matemática. Tudo é autonomia e segurança, e quando você vai lá receber o benefício no terceiro dia e último mês? A segurança é mínima, a autonomia? Quase nada, sua mulher começa a ganhar mais que você e começa a tirar um sarro da sua cara. Não é questão de ser machista porque um cabra machista não deixa nem a mulher sair de casa para trabalhar, a questão não é essa, a questão minha era que se eu não estivesse no INSS hoje, se eu não tivesse sido operado, meu salário estava em torno de quatro a cinco mil, hoje eu não ganho nem dois salários mínimos então é difícil. Pesa muito, você vê seu filho, queria um tênis e você, não tem condições de dar, é difícil. Você tem que fazer um planejamento e não pode gastar naquele tênis agora porque você não sabe o amanhã. Essas divergências vai afetar o que? Vai afetar a vida conjugal afetou o casal, vai afetar toda a família isso é fato. E para o homem afeta muito mais porque acaba abalando ele. Com certeza. Ele acaba se achando um inútil porque não consegue fazer nada, como é que fica? É aí é onde vem a honra né. É acho que a honra é a parte mais pesada. É onde pega, é onde vem tudo isso. Não tem honra, então a sua dignidade vai lá em baixo (...). Meu Deus como é difícil, como é difícil. Você se torna humilhado e castrado, porque você não consegue controle em nada.

A pessoa que entra no INSS perde muita coisa, perde até família. Falam que a mulher fala que acabou o dinheiro acabou o amor, aí o cara perde família perde tudo. Para mim ainda foi mais difícil, porque quando eu comecei aqui eu ainda era casado, logo depois do acidente, aí a mulher foi trabalhar e nem todas as mulheres tem aquela firmeza, a gente é homem, a gente sabe aí fora, né, para mulher é difícil, então se a mulher não tiver uma firmeza, não tiver uma cabeça no lugar, uma maturidade para trabalhar, para ajudar o esposo pronto e acabou. E ela foi trabalhar, (...) aí eu fazia as coisas em casa, eu lavava roupa, eu limpava a casa, eu cuidava da minha filha que nasceu, então eu trocava a fralda dela, eu que tirei ela da fralda então até hoje eu cuido dela. Ela quis ir trabalhar, normal, foi trabalhar e eu ajudava ela em casa (...) para mim não foi uma coisa assim difícil, o difícil foi depois que ela virou a cabeça, aí ela largou mais a casa, largou como se fosse uma obrigação minha (...) até que acabou a gente se separando mesmo porque chegou uma hora que eu tive que mostrar o papel de homem porque está invertendo as coisas, eu agora sou a mulher da casa e você é o homem? Então para mim foi ruim nessa parte porque quando a gente se afasta a mulher tem que ter uma estrutura legal senão o casamento desanda, o meu desandou e hoje eu sou divorciado. Eu acredito assim que em relação à esta necessidade do casal, da mulher trabalhar fora, o que acontece eu acho que os dois tem que lançar uma pergunta entre si, por que você vai trabalhar?

Pelo que estava conversando aqui geralmente os homens, desde criança, põe na cabeça que o homem que tem que manter a casa e a mulher também pensa do mesmo jeito (...), a mulher começa a ganhar mais ou de repente você fica desempregado e não arruma trabalho aí você vai falar alguma coisa ela pega e joga na cara do próprio homem, fala, estou fazendo um papel que era seu elas tem isso também. A sociedade quanto ao homem e mulher, ela é uma sociedade machista, ou seja, isso independente de que seja homem, agora, quando a mulher passou a ser machista? É quando a gente observa que na maioria desses casos quando a mulher passa a trabalhar fora ela não vai trabalhar para querer ajudar a casa, a maioria infelizmente, tem acontecido ela vai querer trabalhar para se manter porque agora os recursos do marido não estão dando para manter ela, ou seja, manter a sua

vaidade ali e o que acontece vou trabalhar para me manter, eu vou ganhar o meu, isso aí acaba, isso aí detona. O dinheiro dela ela gastava só com ela, não gastava em casa entendeu?

O homem hoje está vivendo de uma forma (...) se sente responsável por tudo que acontecer entendeu? Eu acredito nessa outra possibilidade se você divide a responsabilidade com a sua companheira em casa, ou ela pode trabalhar ou pode fazer isso ou aquilo, o dia que você faltar tem alguém para repor, você não vai se sentir tão inútil na sua vida como se você se sentisse responsável sozinho por aquilo. O dia que você não puder dar pronto, seu mundo acabou (...) se você tiver um equilíbrio, dividir essa responsabilidade dentro de casa, deixar aquele preconceito machista um pouco de lado. Você vê muitas mulheres trabalhando aí, mas são muitas mulheres que já estava naquele mundo, e você vê muitos por aqui não admite que a mulher faça aquilo entendeu?

Eu já tive esse sentimento, hoje tive que aprender embora hoje minha esposa esteja desempregada também, então o negócio está feio de novo, mas tem que ceder, tem que ceder, tem que ajudar, hoje nós estamos em uma sociedade que não tem como bancar as coisas sozinho. O problema é ceder porque eu sou uma pessoa que quando eu saía a mulher não pagava um café sequer. A geração de hoje, as crianças de hoje, a gente não precisa nem ensinar, hoje mesmo eles procuram só as mulheres que trabalham e não as que não trabalham, a verdade é essa, então eu acho que a gente sofre muito mais do que a geração de hoje pela forma que a gente foi criado. Sai uma moça e um moleque hoje, vai almoçar, vai fazer alguma coisa os dois tem que pagar meio a meio, na nossa época ninguém aceitava isso a mulher chegar e pagar metade do almoço era difícil, era difícil, na fase que a gente trabalhava era difícil.

Se a minha esposa não tivesse evoluído profissionalmente hoje eu estaria passando um perrengue.

Graças a Deus minha mulher segurou. Quando eu me acidentei a minha esposa trabalhava, minha esposa teve que pedir as contas do serviço para poder ficar cuidando de mim. Minha esposa não me largou na época, olha eu tiro o chapéu para ela, porque foi tenso o processo da época em que eu fiquei fora de combate, foi tenso o processo. Ela podia ter pulado fora, ela foi muito compreensiva e companheira e falou, estamos juntos, e mais nada.

As nossas esposas, querem ficar em casa, mas a gente não pode deixar ficar em casa porque a gente depende muito delas, do equilíbrio delas você entendeu? Os nossos filhos dependem da gente, então a gente tem medo, quer dizer eu vou falar por mim eu tenho medo de deixar faltar o mínimo, o básico, e é muito fácil deixar faltar o básico facinho não é verdade? E eu tenho vergonha de pedir, de pedir esmola, pedir favor, e eu sempre fui produtivo.

Eu me considero um guerreiro¹⁷ porque desde os 14 anos eu já trabalho registrado (...). Me identifica essa parte de guerreiro, da luta, da batalha onde você procura conquistar, procurar o melhor para você e sua família. Hoje eu não me sinto muito guerreiro porque não foi isso que eu esperava para mim, esperava coisa melhor, eu trabalhava, ralava dentro das empresas para mim ter coisas melhores, hoje eu não me sinto mais muito guerreiro porque veio a depressão. Muitas vezes a gente põe na cabeça que por ser guerreiro eu sou forte, eu vou vencer, e de repente ele está falando e ele mesmo está passando a perna nele mesmo sabia? Ele é frágil. É um guerreiro, mas não é um robô. O homem também tem dor e sangra. A gente chora mas a gente tem que mostrar que é forte perante a família porque a gente é o pilar da família, muitas vezes se a gente deixar abalar, abala toda a família, então acho que é por isso que o homem, ele fala¹⁸ que o homem também chora, mas muitas vezes você chora ali sozinho no seu canto mas não deixa demonstrar os seus sentimentos. Tem que se

¹⁷ O trabalhador menciona ser guerreiro fazendo referência a música do Gonzaginha – Guerreiro Menino, que foi utilizada como material de estímulo para facilitar a discussão da temática “sou cabra macho sim senhor!”

¹⁸ O trabalhador está fazendo referência a música do Gonzaginha – Guerreiro Menino, que foi utilizada como material de estímulo para facilitar a discussão da temática “sou cabra macho sim senhor”!

sacrificar pela família. As pessoas não se dão conta disso, que ele é tão frágil como qualquer outra, ele acha que tem que ser forte, tem que ser forte, e aí vai querer fazer tudo ao mesmo tempo.

Idéia central: Não posso mais bancar as despesas de casa com o que recebo do INSS, isso é humilhante, traz insegurança, isso não é machismo. A esposa vai trabalhar e ganha mais que a gente. Me separei da mulher, trocamos de papéis dentro de casa. O homem e a mulher são criados pensando que o homem tem que manter a casa. A mulher é machista. A responsabilidade de manter uma casa, a família é do homem e da mulher. Hoje a mulher também trabalha e isso é normal, dependemos delas, do equilíbrio da mulher. A minha mulher ficou do meu lado o tempo todo. Me sinto guerreiro porque sempre estive na batalha. O homem é guerreiro, mas não é um robô, também sofre e chora, mas chora sozinho, escondido.

(5) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: É possível recomeçar?

Sinceramente eu mesmo sabendo que eu não estou morto, intelectualmente falando, mas eu hoje como pessoa eu sinceramente não acredito em mim. Não acredito em mim, não acredito em mim para voltar para o mercado de trabalho hoje. Eu ainda penso, tenho esperanças quanto a isso, senão eu não estaria aqui, senão não estaria no grupo terapêutico do CEREST que tem me ajudado bastante com essa questão, até porque eu também sei que eu sou novo e também sei que não estou morto, não é verdade? Mas eu tento, sinceramente, lutar contra isso contra esse trauma que ficou, para reverter essa situação aí, para tentar voltar para alguma coisa.

Da última vez que eu passei com o perito ele nunca tinha conversado comigo, daquela vez ele conversou, ele mandou tirar a camisa, ele viu meu braço, ele viu as seqüelas, ele pegou e falou poderíamos até pensar em indicar para aposentadoria, mas quantos anos você tem? Eu falei trinta e cinco ele pegou e falou assim, caramba, trinta e cinco anos para você se aposentar, você iria se aposentar por invalidez, você automaticamente não poderia estar fazendo mais atividade nenhuma, você estaria isento para fazer qualquer outro tipo de atividade, você ia ter que estar vivendo com isso para o resto da sua vida. Aquilo ali me fez pensar um pouco, me fez pensar bastante, aliás, estou pensando até hoje porque eu dentro da minha habilitação eu sempre pensei isso, caramba eu realmente não tenho condição mesmo de voltar para o mercado de trabalho até porque a situação só vem regredindo não melhora (...) e eu pensava nisso depois que eu tive essa conversa com ele eu fiquei pensando meu Deus já que a situação chega a esse ponto a tendência é procurar algum outro meio para que pudesse estar desenvolvendo outras funções, alguma outra coisa, mas o que? o que? Aí chega o ponto que eu não consigo, essa é a minha dificuldade até agora eu não descobri o que, o que eu poderia estar fazendo, em que função eu poderia estar desenvolvendo, mas não é só fazer o curso, você tem que fazer o curso, você tem que aprender aquela função, você tem que pegar uma experiência naquela função, então é tudo novo para mim é tudo novo. É diferente de algo que você se adapte e as coisas não é tão fácil quanto parece, para mim é um conflito muito grande. Eu tenho limitações, eu tenho dores, e as dores que eu tenho hoje eu queria descobrir o meu ponto produtivo, mas eu não falo - tira meu benefício lá porque eu já estou preparado - será que eu estou realmente preparado? Será que estamos? Será que podemos ser vistos assim? E quando essa medida começar a oscilar para cima e para baixo? Como é que você vai corresponder às expectativas das pessoas que

estão contando com você? Que é o pessoal que está lá, o proletariado, os burgueses que estão lá em cima, que estão manobrando a massa, então eles têm o sistema deles de trabalho e é para funcionar.

A gente fica preocupado quanto ao futuro e o que fazer? Porque a gente planeja algumas coisas e acontecem outras que impedem o que a gente queria fazer, e quando eu falo que IMPEDE é problema de saúde mesmo. Os problemas de saúde prejudicam muito principalmente quando você pega o transporte esse transporte, esse pula-pula aí que afeta mais a coluna, prejudica mais ainda.

Eu por mim acho que a pessoa tem que ser reaproveitada em alguma coisa porque a gente está vivo, precisa viver, alguma coisa tem que ser criada para a gente viver não pode parar, não estamos inválidos de tudo em uma cama, eu creio que alguma dá para fazer. Que vale a pena você se qualificar vale porque isso vai ajudar todo mundo aqui, você vai ajudar você a manter a cabeça olhando para frente e pensar que eu posso, eu consigo, eu vou fazer, pensar positivo. Que tem dificuldades vai ter, lógico.

A nossa vida gira em torno de coisas que foram perdidas num palheiro que não dá segurança das coisas. É desesperança toda vez a gente fala de um governo (...) a gente não consegue acreditar neles e a gente tem medo de tipo, você vai buscar recursos sozinho? Sem munição, sem armamento e sem conseguir pegar na caneta para escrever, sem a autoestima necessária. Eu acho que para nós deveria haver algum apoio, não sei do INSS mesmo, não é só dar um curso para a pessoa, tentar introduzir no mercado de trabalho, a gente precisa muito mais do que isso. Quando a gente se forma no curso suspende o benefício, suspende tudo, você vai se aventurar para procurar serviço, você passa mais de seis meses sem receber um dinheiro aqui, nem lá, nem em lugar nenhum e aí? Como é que fica? Então quando ele está no INSS pelo menos ele tem a garantia dele (...) porque sabe se você volta para a empresa ele cumpre a estabilidade dele depois a empresa manda embora e o que ele vai fazer da vida depois? Para eu dar o primeiro rabisco aqui¹⁹, o que eu estou na minha mente, primeiro eu tenho que acreditar no que eu estou fazendo, eu não posso falar aqui para te agradar. O que eu estou vivendo (...) é um conflito muito grande na minha cabeça. Você está ali em lugar que tem jovens saudáveis empinando pipa, ou fumando maconha, ou roubando carro de alguém, ou fazendo alguma coisa, isso é todo dia nesse momento está acontecendo isso não é verdade? E não existe uma atitude, uma melhoria para isso acabar, vamos dizer assim um projeto, não é verdade, para resgatar a nossa sociedade, enquanto no nosso caso que temos realmente uma taxa de 70% de capacidade física, ou menos ou mais, e eu me deparo em uma situação na qual eu fico pensando espremer o que para sair aqui? A verdade é que essas sequelas que a gente ficou nos trouxe uma insegurança tão grande, mas tão grande para o mercado de trabalho, a gente tem às vezes pequena possibilidade de concorrer no mercado de trabalho comum, quase impossível, até pela idade, pela escolaridade e pela sequela que a gente tem. Então tem um outro mercado de trabalho para colocar deficientes, nessa cota, (...) nós sabemos que tem, só que também tem um monte de pessoas que também tem o mesmo problema que a gente e a concorrência também é grande. Outro dia eu entrei no ônibus e tinha um negócio desse tamanho no ônibus escrito vagas para deficientes na empresa Guarulhos aí a gente sabe como a empresa é grande a cota é mínima e o tanto de candidato que tem para aquela vaga? Então a concorrência também é muito grande para esta vaga aí junta nós que tínhamos as nossas profissões, infelizmente, não estudamos o suficiente tem que começar a estudar de novo, nos qualificar de novo e começar a concorrer para essa vaga, para nós a luta é maior ainda.

Eu acho que seria mais fácil na empresa mesmo que você está afastado, no caso da minha empresa, ela existe ainda é uma empresa grande teria condições de eu estar fazendo alguma coisa lá dentro da empresa entendeu? Vamos dizer assim na área de escritório, só que o que acontece de repente a empresa não quer, ela fala não quero e acabou, eu acho que fica complicado desse modo.

¹⁹ O trabalhador quando menciona o rabisco está fazendo referência ao boneco que foi sugerido construir pensando nas possibilidades de recomeço.

Eu acho que a possibilidade de estudar as nossas capacidades eu acredito eu vejo que a gente tem que explorar, tem que largar esse comodismo e se desestacionar e começar a se mexer, eu saio com essa certeza hoje de que eu não posso ficar dependendo só disso para o resto da minha vida. Eu assisto aquelas “Pequenas empresas & Grandes negócios” e tem muitas oportunidades de você criar uma coisa que você possa, eu não sei qual que é a vontade de cada um, EU realmente, eu estou cansado desse negócio de INSS. É você tem que procurar alternativas para viver.

A reabilitação do INSS seria muito mais importante porque é uma solução que eu acho que pode até chegar a uma conclusão, porque quando o INSS liberar nós, a gente vai chegar com a carta olha TEMOS um problema entendeu? Nós temos um problema só que a empresa é obrigada a contratar nós para trabalhar de acordo com nosso problema, essa é uma única solução que eu vejo, que o INSS reabilite nós, colocar para fazer esse curso para a gente ver o que é melhor para a gente fazer, que dá para a gente fazer, aí nós vamos entrar no mercado de trabalho dessa forma.

O médico com certeza que eu passei já viu meu histórico, o cara poderia pensar esse dá para aposentar (...), mas ele não pode fazer porque ele está impedido de fazer também, acho que tem que seguir uma regra, eu penso assim, que é essa parte de ter que reabilitar né?

Idéia central: Não acredito mais em mim. Não sou incapaz, mas tenho dificuldades de identificar outra função, é um conflito muito grande. Alguma coisa dá para fazer. Temos limitações e será que isso será compreendido na hora da produção? A gente se preocupa com o futuro, porque os problemas de saúde nos limitam. O INSS manda fazer curso, fazemos, mas quando a gente se forma suspende o benefício e encontramos dificuldades de recolocação no mercado de trabalho, a lei de cotas não é garantia para nós. O INSS deveria nos apoiar para além dos cursos. Precisamos de apoio para voltar a trabalhar. Todo mundo quer fazer alguma coisa. Seria mais fácil retornar para a empresa de vínculo, mas ninguém a obriga. Não posso ficar dependendo do INSS para o resto da vida, tenho que procurar algo, ter objetivo, voltar a estudar, montar o próprio negócio, e procurar alternativas para viver. Uma solução é a reabilitação do INSS temos que aproveitar para fazer cursos, reabilitados as empresas são obrigadas a nos contratar. Não aposentam porque é lei reabilitar.

(6) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: Como ficam os direitos do trabalhador e a Seguridade Social?

Quando ela [empresa] está para dar uma promoção para o funcionário ela manda um ofício para você operar a máquina durante três meses, só que você opera três meses, ali você fica para sempre e sua promoção não chega (...) peguei meu holerite dia vinte e oito lá está ajudante de setor, então eu não fui promovido ainda como operador de cilindro, eu falei para!!!, deixei a carga cair trezentos quilos (...). Desceu gerente, desceu encarregado. “Por que?” Eu falei sou ajudante eu não sou obrigado a operar o cilindro para você, já deu meus três meses eu dei mais três meses para vocês e minha promoção não chega, aí o gerente pegou e me chamou lá em cima: “eu vou te dar um gancho [suspensão], mas quando você voltar a gente vai correr atrás da sua promoção”. Te dá uma punição

por você brigar pelos seus direitos, (...), e é descontado os dois dias, e o sábado e domingo, e se cair, por exemplo, numa quinta-feira desconta, quinta, sexta, sábado e domingo.

Eu trabalhei em uma empresa que a gente brigou pela P.L.E. [Participação de Lucro na Empresa] da empresa, e o patrão tinha que dar e não quis dar, chamamos o sindicato e tudo, o sindicato foi lá fez um acordo com o patrão, foi embora, no outro dia o patrão desceu fez uma reunião e falou – “olha não vai ter P.L.E e quem não estiver contente é só subir e pedir as contas”. E não subiu UM que foi pedir as contas, e sabe o que aconteceu? Todo mundo ficou sem P.L.E. Era um direito e todo mundo queria, mas vê se acontece. O sindicato deveria proteger o trabalhador né?

É muito fácil você falar existe um regulamento de trabalho, existe a SEGURANÇA do trabalho, existem esses tipos todos, mas na hora que você tem que levar a mistura para sua casa, na hora que você tem que zelar pela sua família, o patrão ali no tête-à-tête te coloca em uma. E você não tem muita opção, porque você tem que levar um conforto para sua casa, a manutenção da sua família, então, se a gente dissesse não para tudo que é o nosso direito, provavelmente a gente estaria puxando carrinho de papelão. Tem que abrir mão né? O grande X da questão que obriga muitas das vezes empenhar nisso ou aquilo, segurança do trabalho é o que? É você ser obrigado a dizer SIM, quando lá dentro você sabe que poderia ter dito não, mas, se você disser não vai faltar com as suas responsabilidades. O meu patrão ele manda embora MESMO, porque você quer cumprir o que é correto, mas ele quer que você satisfaça a NECESSIDADE DELE, então, o patrão trabalha por esse conceito. A necessidade é o foco.

Outro dia eu vi na televisão passando uma reportagem sobre assédio moral, e é muito bonito no papel né? E se você for cobrar aquilo ali que você viu você vai ficar em casa de aviso.

Na empresa que eu trabalhei quando o fiscal chegava na portaria alguém lá atrás já avisava, tira todo mundo que não está registrado, que já bateu o horário, já tiravam da empresa pelas portas do fundo, só para poder o perito passar. Tem muita empresa que o fiscal chega e nem vai onde o trabalhador está, já sobe direto para pegar (faz gesto de dinheiro). As vezes o fiscal não chega nem a entrar, o próprio pessoal da empresa já conversa com ele na firma, é dinheiro que é liberado na hora. Eu mesmo trabalhei na firma vinte anos, essa que eu estou afastado, como aconteceu esse acidente o INSS me deu alta várias vezes, e eu voltava para a empresa e não queiram mais eu lá, falou que eu não tinha mais capacidade para trabalhar na firma e fazer aquela função que eu fazia, aí me jogava de novo no INSS, aí ficava jogava para lá e jogava para cá, jogava para lá, aí fica um negócio meio difícil. A sociedade, o governo e a própria empresa, elas nos enxergam como um peso, e quando eu falo governo é o INSS, para eles a gente fica mamando na teta da Dilma dando prejuízo e ninguém está nem preocupado com a nossa situação, eles querem que a gente se reabilite logo e vá embora logo entendeu? Essa infelizmente é a visão que eles têm de nós, a sociedade olha para mim, olham para você e fala “esse cara não tem nada, esse cara não tem nada não é um vagabundo” (...). Então a sociedade acaba marginalizando a gente. EU contribuí com a Previdência Social, a empresa desconta do nosso salário. A empresa não paga do suor dela, ela paga do nosso suor.

Se o governo desse saúde para as pessoas eu estava trabalhando hoje porque eu fiquei três anos esperando por uma cirurgia e foi onde o joelho acabou de desgastar (...). Hoje o meu joelho você faz isso, joga de um lado para o outro, o líquido dele acabou esperando pela cirurgia, (...) fiquei não sei quantos anos esperando correndo para tudo que era lugar e aí se fosse um lugar que você tivesse condições de fazer a cirurgia talvez tivesse feito rápido igual quando eu tive a lesão, e tinha ficado bom o joelho, mas conforme a demora do nosso Brasil que não tem saúde, não é suficiente para você, aí ficou nessa daí e meu joelho não teve mais, acho que nem tem jeito mais. Se você parar para ver o Brasil hoje tem tanto de hospitais que é famoso para atender, tudo isso e aquilo outro, e quem é que desembolsa a maior parte do dinheiro na área da saúde, é o próprio trabalhador, e você não tem

aquele atendimento porque se tivesse aquele atendimento mais da metade daquelas imagens²⁰ já tinham saído tudo dali, (...) o trabalhador já estava trabalhando, a gente na estava nem aqui eu vejo mais dessa forma.

É a maior mixaria se eu estivesse trabalhando eu tinha hora extra para fazer, tinha isso, tinha aquilo, hoje eu estava com um cargo até maior, dez anos de afastamento eu não acredito que eu estava naquela mesma situação, eu estaria bem, quer dizer a minha situação financeira dava para eu me manter e ainda dava para eu pagar uma faculdade alguma coisa para os meus filhos, ou para a minha esposa, agora depender do dinheiro que a gente recebe no INSS ainda mais que só você trabalha na sua casa, só você tem aquele dinheiro como é que você vai se motivar? Como é que você vai dar o primeiro passo? Ai a gente fala, mas faculdade aí é só prestar o ENEM e você faz de graça aí pelo Estado, você já parou para pensar, passagem, livro, isso e aquilo outro.

Toda vez que passa no INSS pedindo para não tomar uma alta né? É uma humilhação, é uma frustração. É uma humilhação tão grande. Fiquei um tempo passando com os peritos, mas é difícil você saber que passar no perito hoje e amanhã pode estar sem poder voltar a trabalhar, sem ter direito ao benefício. Perito é igual os caras do MATRIX²¹ lá, os caras são robôs, ele falou assim – “seu caso seria de aposentar, mas não vou conseguir um papel para te aposentar porque você é muito novo”. Eu pensei quem é esse homem? Será que ele não conhece o chão da fábrica? A realidade? O QUE É estar sentado nessas cadeiras? Você TEM que saber o que é o ser humano né?

Idéia central: Há punição quando se briga pelos direitos trabalhistas. O sindicato não protege o trabalhador, faz acordo com o patrão. Abrimos mão dos nossos direitos, da segurança no trabalho, sofremos assédio moral para manter o emprego e levar o sustento para a família. O fiscal do trabalho é subornado pelas empresas, não existe fiscalização nas empresas, o foco é a produção. Vivemos uma situação de insegurança e a sociedade e o governo nos vê como vagabundos que fica mamando no governo. Eu contribuí com a Previdência Social para quando precisar ter o benefício. Ficamos aguardando atendimento / tratamento de saúde enquanto adoecemos mais. O valor do benefício não garante o sustento da família nem outras despesas, isso deprime. É humilhante e desumano a perícia médica, ficamos rezando para não ter alta do benefício.

(7) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: Avaliação da proposta de grupo

Para quem está afastado, a pessoa fica afastada ela fica um pouco depressiva acho que o próprio encontro aqui já é bom para a pessoa, porque começa a conversar, começa a se dar bem, começa a ver muitas coisas que quando a gente está sozinho acha que acabou, e aqui acho que sai com a cabeça mais aberta. Percebi que tem um amigo ali que passou pela mesma situação que a minha, depois do acidente veio o divórcio, ajuda a superar tudo essas coisas, além do acidente e da reabilitação. Então para mim está sendo bom sim a gente vai vendo o problema, se fortalecendo

²⁰ O trabalhador faz referência as marcas que fizeram no boneco que foi construído ao longo das oficinas, e que expressavam as marcas que o trabalho deixou.

²¹ Matrix é uma produção cinematográfica estado-unidense e australiana de 1999, dos gêneros ação e ficção científica.

também um pouco mais, a acreditar mais, a se animar, a acreditar mais que eu posso, que consigo, e que eu vou atrás (...), que tem gente que tem uma sequela mais difícil do que a minha e superam tudo isso ou uns estão mais tempo afastados do que eu e já conseguiu fazer cursos e estão lutando para voltar no mercado de trabalho com todas as forças, e eu espero, vou continuar pensando nisso e vou chegar lá também. O que foi mais importante foi está participando do grupo (...) se abrir falando do seu problema um para o outro, e para você também, de ter que escutar todos nós, nossos problemas porque a gente não tem oportunidade de falar, até lá mesmo na reabilitação, com os médicos, os problemas que nós estamos sentindo e você está estudando e vai levar isso pra frente pra alguém lá analisar. Acho que para mim o que importou foi o conhecimento disso daqui que aconteceu, essa palestra. Conhecimento da vida do homem que foi colocado em palestra, conversando com você quando colocou as músicas que o homem não é objeto, então hoje o conhecimento que nós temos é a divisão entre o homem a mulher e o trabalho.

Dificuldade, a primeira que encontrei foi quando você colocou o papel para deitar nele. E as vezes ficar sentado aqui, sentado é uma dificuldade que a gente enfrenta. A ansiedade acho que foi a minha maior dificuldade, a gente fica ansioso no começo.

Uma coisa engraçada que está acontecendo comigo, quando eu venho para cá e quando eu volto, a minha esposa está cheia de expectativas do que foi do que está sendo e se vai (gerar o meu espaço). Isso daqui então eu acho engraçado, quando você põe uma roupa para sair, cria-se aquela, opa, vai acontecer alguma coisa nova na nossa vida entendeu? Não adianta a gente falar que é só um estudo que a gente está colaborando com você, mesmo assim, você cria uma falsa, que vai mudar alguma coisa que vai progredir alguma situação. Não vejo o potencial que bolo que vai crescer, não sabe se é de laranja ou se é de chocolate, está se criando uma idéia muito bonita, mas vai ser aplicada? Vai ser praticada? Eu acho que quando a gente vai finalizando, no funil, quando vai precisando tirar um resultado eu acho que, como posso dizer a conclusão, a finalização não estou conseguindo encontrar. É ótimo esses encontros gostei queria que fossem mais encontros, mas assim talvez quem sabe com mais encontros a gente consiga mais transparências né? Porque houve muitas descobertas sim, mas também muitos conflitos, muitas coisas que impactaram que não foram aceitas.

Se você receber uma triagem mais perfeita e não deixar o INSS ficar com essa imagem de que é o lugar que você só vai para pegar o benefício no final do mês e pronto e acabou, e de dois em dois meses tem uma pessoa te julgando e olhando você, podia ser muito diferente não é verdade? Quando a gente tem contato, a gente conversa, que motiva que flui que oxigena aí as coisas na sua mente começa a querer sair daquela situação. A gente vê que tem muitos profissionais lá que tem capacidade não é verdade? E podia ser uma equipe, você entrou agora então vamos levar lá para a sala e fazer uma palestra, vamos começar, vamos mostrar para ele as capacidades as verdades, fugir dos mitos.

Se pega um grupo assim, com certeza, conversando cada um tendo sua visão, cada um mostrando a situação que cada um passa talvez começa a ter uma visão diferente. Até seria mais importante porque dá para ter uma visão melhor (...). Estava só pensando eu acho que esse tipo de trabalho que a gente está tendo aqui, esse tipo de conversa, devia acontecer bem antes, o quanto antes melhor. Eu pego uma pessoa que sofreu um acidente começa passando na reabilitação, vai para o grupo que te incentive, que mostre caminhos, outras opções. Agora, deixam o cidadão ficar cinco, seis, sete, dez anos na reabilitação as portas praticamente, vamos ser realistas, as portas já se trancaram quase tudo para depois fazer um recomeço fica muito mais difícil. O INSS ele não costuma dar atenção para a gente no começo. A sugestão é que isso possa fazer parte do programa do INSS, eu acho que foi interessante para todo mundo essas pessoas que estão afastadas as vezes estão com dificuldade na casa, principalmente na família. A família às vezes não entende tudo, às vezes a pessoas acha que está sozinha (...) o INSS poderia pegar esse tipo de coisa e mostrar para o trabalhador que ele não está sozinho, às vezes a ideia é de que está sozinho, de que está abandonado. Que nem ele falou se fosse uma coisa do INSS, o programa do INSS visando as nossas conversas, o chão de fábrica, pessoas que

estão sentindo realmente, não teorias psicológicas, da medicina, ortopedistas, mas quem está sofrendo a situação, uma entrevista, esclarecer para a gente chegar a um acordo. Ter uma visão diferenciada (...) A minha sugestão é que esse atendimento, essa atenção seja também dentro do atendimento que é periodicamente.

Eu cheguei meio ansioso um pouco para falar a respeito dessa questão de recomeço, eu acho que está ainda empacado, não andando, não caminhou muito, acho que é um assunto que está sendo trabalhado muito. Não vai ser acho só dois encontros, tem que caminhar um bom tempo ainda para definir como que se dará isso, mas acho que dá para começar, dá para pensar, nos motiva, eu sei que esses dois encontros embora sejam poucos eu acho que vai nos ajudar a pelo menos, mesmo que não defina, pelo menos nos faça pensar nessa questão do recomeço, analisar, sei lá alguma coisa nesse sentido, bem complicado. Acho que seis encontros foram poucos. Deveria ter palestras, encontros motivacionais para motivar, (...) encontros que falassem mais da sociedade, como que a gente vai fazer para conviver com aquela sociedade, eu acredito que não tem mais o que fazer a não ser viver com o que tem, o que nós podemos estar fazendo é tentando abrir a cabeça daquela geração que está vindo para que não seja igual a esta que nós estamos vivendo. Se fosse feito por módulos os encontros talvez por módulos de leis, (...) sobre os nossos direito. Sugestão é para você continuar com os outros grupos.

Idéia central: É bom compartilhar, não me sinto sozinho, a gente vai se fortalecendo. Ajudou-me a acreditar mais, não desanimar, ver a superação e conquistas dos outros. Difícil foi falar de si para todo mundo. Tive novos conhecimentos da vida do homem e a liberdade e oportunidade de desabafar e falar de sentimentos. Ficar sentado e segurar a ansiedade foi difícil. Vir para os encontros gerou em mim e na esposa expectativas de mudanças. Não enxergo qual será o resultado dos encontros, mas foram ótimos. O atendimento, olhar diferenciado para nós faz diferença, nos faz querer sair dessa situação. Esse trabalho deveria acontecer quando se chega na Reabilitação Profissional, deveria ser um programa do INSS. Seis encontros foram poucos, deveria ter palestras motivacionais, sobre leis. Os grupos devem continuar.

6. DISCUSSÃO

(1) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: O significado do trabalho e do trabalhar

Ao analisarmos os discursos relacionados a essa temática, observa-se que os trabalhadores apresentam algumas compreensões em relação ao trabalho e trabalhar, e essas compreensões estão associadas à história de vida de cada trabalhador participante do grupo, e nota-se que é trazido de maneira peculiar que o ato de trabalhar, de se ter um trabalho, é vital ao homem, estabelece com ele uma relação de identidade, dignidade, e quando não se veem mais nesse processo, que pode ser por motivo de adoecimento, há um sentimento de inutilidade, perde-se o sentido da vida, pois relatam que nasceram para trabalhar.

No entanto, também reconhecem que o trabalho e trabalhar estão relacionados à produção e, conseqüentemente, a venda da força de trabalho. Compreendem que nessa sociedade nascemos, crescemos e seguimos a vida condicionados a produção, e aceitamos isso como verdade absoluta, chegando a relacionar o trabalhador a uma máquina, que possibilita ao empregador um salto na produtividade.

O estudo, a partir dos discursos dos trabalhadores, demonstra a complexidade da relação capital x trabalho, pois retrata que o trabalho é reconhecido pelo homem como condição de sua existência, porém, devido às mudanças ocorridas no mundo do trabalho pelo interesse do capital, o trabalhador não se reconhece no trabalho para além da relação de troca, e, portanto, se aliena perdendo a liberdade humana por emergir no mundo do trabalho, que cada vez mais intensifica as formas de exploração da classe trabalhadora (ANTUNES, 2005). Segundo Iamamoto:

[...] Condenado pela divisão social do trabalho à pobreza virtual²², porque destituído de qualquer propriedade que não a força de trabalho, que em si é mera potência ou capacidade e só pode realizar-se ao encontrar lugar no mercado de trabalho quando demandado pelos proprietários de capital. [...] Assim, para o trabalhador, a venda de sua força de trabalho é um ato de circulação mercantil simples: vender para comprar, o que impregna sua visão do trabalho e a sua subjetividade [...] Logo, o objeto de sua troca é o objeto direto de suas necessidades (IAMAMOTO, 2012, p. 67).

²² “O conceito de trabalhador livre contém já implícito que o mesmo é *pauper*: pobre virtual. Com respeito às suas condições econômicas é mera capacidade de trabalho, e, por isto, dotado de necessidades vitais. Qualidade de necessitado em todos os sentidos, sem existência objetiva enquanto capacidade de trabalho para a realização da mesma. Se ocorre que o capitalista não necessita mais do trabalho do operário, este não pode realizar o trabalho necessário, produzir seus meios de obtê-los, só por esmolas que sobrem para ele da renda (de todas as classes)” (MARX, 1980, 110, t2). Esta noção de pobreza distingue daquela normalmente difundida, vista apenas como resultado da distribuição dos rendimentos do trabalho (IAMAMOTO, 2012, p. 67).

Nesse sentido, também é importante refletir quando expressam que o trabalho é condição humana e capacidade de exercer funções, pois, tal afirmação é realizada sem questionamentos, e ainda há a preocupação de produzir a partir do modelo exigido pelo capital, sem, contudo, avaliar as reais condições do trabalhador exercer determinadas atividades, bem como das condições de trabalho ofertadas.

(2) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: A organização do trabalho e o afastamento do trabalho

Essa temática aborda, a partir do discurso dos trabalhadores, a forma como está estabelecida a organização do trabalho na atualidade, expressam realidades vivenciadas no dia a dia, as situações e condições de trabalho que estão submetidos, e como relacionam esses fatores com o afastamento do trabalho.

O estudo apresenta que, os trabalhadores reconhecem que o lucro é maior, porque não dizer o único, objetivo das empresas, e que enquanto trabalhadores têm a utilidade de atender essa demanda. Dessa maneira, tem havido uma superexploração do trabalhador que, às vezes, se submete a determinadas situações de trabalho como, por exemplo, horas a mais trabalhadas, cumprimento de metas, atuação polivalente, tanto por medo do desemprego como pela demasiada concorrência no mercado de trabalho, que coloca o trabalhador em uma realidade competitiva tanto no ambiente de trabalho como na busca por recolocação. Cabe também salientar que essa realidade, de subordinação ao capital, inviabiliza a organização da classe trabalhadora.

Com relação ao excedente de horas trabalhadas é importante destacar que, os trabalhadores preferem fazê-la devido temer os riscos anteriormente citados, e também por ser a alternativa de angariar (conquistar, atingir) melhor salário ao final do mês e assim proporcionar melhores condições de vida à família.

Porém, reconhecem que o excesso de horas extras resultou em cansaço físico e mental, que culminaram tanto no adoecimento pelo trabalho, ou em um acidente de trabalho. Todavia, não realizam a crítica sobre o processo de mais-valia a que estão submetidos, mesmo compreendendo que o maior lucro é do empregador.

Nota-se que o trabalhador reconhece ser explorado, porém, não relaciona essa exploração com as horas extras realizadas, pois reconhece que esse é o caminho para conquistas e melhor qualidade de vida. Sobre tal compreensão Iamamoto cita Marx:

O que do ponto de vista do capital se apresenta como mais-valia, do ponto de vista do trabalhador se apresenta exatamente como mais trabalho para além das necessidades do trabalhador, ou seja, além da necessidade imediata para a manutenção de sua condição vital. O grande sentido histórico do capital é o de criar este tempo de trabalho excedente, trabalho supérfluo do ponto de vista do valor de uso, da mera subsistência (MARX, 1980. p. 266 *apud* IAMAMOTO, 2012, p. 73).

A realidade expressa pelos trabalhadores sobre a organização atual do trabalho, afirma (ou confirma) conceitos de Ricardo Antunes (2013, p. 22), que a caracteriza em um contexto intensificado de precarização, e isso em escala global, pois “[...] *a precarização vem se tornando a regra, e não a exceção*”, e se apresenta por meio de um cenário de desemprego estrutural, trabalhos informais, terceirizações, quarteirizações, trabalhos *part time*.

Além de desproteção de direitos trabalhista, e de novos mecanismos de controle e coerção, discursos participacionista, de integração, de colaboração, que o próprio trabalhador reconhece como armadilhas para envolvê-los e assim conseguir atender o objetivo do capital, ou seja, o lucro.

As condições de trabalho, bem como, as exigências a que estão submetidos no dia a dia, são reconhecidas pelos trabalhadores como fatores que influenciam no adoecimento e, conseqüente, afastamento do trabalho, pois referem que as atividades com grandes esforços físicos, ações repetitivas, sem proteção, à pressão psicológica para cumprimento de metas, ambiente competitivo, além do excesso de trabalho, resultam em acidentes de trabalho e / ou doenças relacionadas ao trabalho. Mas, os trabalhadores não deixam de considerar “natural” alguns acontecimentos como conseqüências do trabalho sem a relação com a superexploração²³.

Esse cenário coloca o trabalhador em situações de vulnerabilidades, que repercute no desgaste da saúde e vida destes, materializando sofrimentos tanto no corpo como na mente, e assim estão intimamente relacionados as relação sociais de trabalho, porém, na sociedade

²³ A superexploração da força de trabalho é uma categoria que vem sendo debatida nos últimos anos, sobretudo a elaborada por Ruy Mauro Marini. De acordo com esse autor “a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho – configuram um modo de produção fundado exclusivamente na maior exploração do trabalhador, e não no desenvolvimento de sua capacidade produtiva. Isso é condizente com o *baixo nível de desenvolvimento de forças produtivas* na econômica latino-americana, as também com os tipos de atividades que ali realizam. De fato, mais que na indústria fabril, na qual um aumento de trabalho implica pelo menos um maior gasto de matérias-primas, na indústria extrativa e na agricultura o efeito do aumento do trabalho sobre os elementos do capital constante são muito menos sensíveis, sendo possível, pela simples ação do home, sobre a natureza, aumentar a riqueza produzida sem um capital adicional. [...] Além disso, importa assinalar que, nos três mecanismos considerados, a característica essencial está dada pelo *fato de que são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho*: nos dois primeiros casos, porque lhes é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro: no último, porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal” (MARINI, 2009, p.156, grifo do autor)

moderna por vezes são tratadas como adoecimentos sem relação com o trabalho (LOURENÇO, 2009).

Este comportamento, muitas vezes é reforçado por profissionais da saúde que, além de não estabelecer a relação da doença com o trabalho, ainda transfere mais essa responsabilidade ao trabalhador relacionando a doença à pré-disposição genética. Porém, de acordo com Remijo, (2012, p. 42) *“as doenças relacionadas ao trabalho precisam ser reconhecidas como oriundas da superexploração do trabalho, para a partir daí contar com leis que refreiem esse processo”*.

Outro ponto apresentando no estudo é sobre a permanência no trabalho, mesmo que doentes. Os trabalhadores referem-se que, ao sentirem dor, e ao perceber o adoecimento, se automedicam, visando uma melhora e assim poder realizar mais um dia de trabalho. Reconhecem uma entrega total ao trabalho que se chega a acreditar que nada atingirá a saúde, pois essa é inabalável. No entanto, avaliam que devido ao trabalho exagerado surge o adoecimento e o consequente sofrimento frente essa realidade, pois se começa a ter contato com o corpo, porém, por meio da doença.

A situação anteriormente citada evidencia o que é chamado de presenteísmo, que segundo Paschoalin define-se “pela presença física do trabalhador em seu local de trabalho, porém, com algum problema de saúde que o impede de desempenhar plenamente, ocasionado redução de sua produtividade”. O mesmo autor ressalta ainda que:

O presenteísmo pode agravar os problemas de saúde já existente e promover danos à qualidade de vida no trabalho, conforme comprova o estudo realizado por Bergstrom *et al* (2009) na Suécia. Esse estudo mostra que trabalhar doente representa um impacto no futuro absenteísmo por doença, o presenteísmo em mais de cinco ocasiões em um ano foi um fator de risco estatisticamente significativo para licença médica de mais de 30 dias nos dois anos seguintes, entre os trabalhadores pesquisados (PASCHOALIM, 2012, p. 33).

Com relação à saúde, é importante destacar que, além da ausência do cuidado devido à imersão na organização do trabalho, o homem apresenta menor predisposição para o cuidado de saúde, pois segundo Boris *et al* (2012) o homem, por vezes, não se reconhece como um ser passível de adoecimento devido a virilidade e fortaleza culturalmente atribuída ao masculino, no entanto, essa realidade também o fragiliza, pois estão sendo acometidos por doenças psicossomáticas.

Por fim, essa temática chama a atenção sobre as ações em saúde do trabalhador que, em algumas empresas, não são desenvolvidos visando garantir a saúde e segurança no

trabalho, bem como não há a preocupação em acolher as queixas / demandas pelos trabalhadores em relação ao ambiente de trabalho.

A escuta das chefias imediatas em relação aos trabalhadores não é realizada, como uma engrenagem do sistema, os chefes não abrem espaço para dar voz ao trabalhador, seus semelhantes, pois são eles que conhecem o chão da fábrica, as atividades que realizam, mas preferem não serem ouvidos quando diz respeito ao seu “saber”.

(3) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: A organização do trabalho e suas marcas

Essa temática apresenta uma peculiaridade importante, pois os trabalhadores trouxeram a partir de seus discursos, a relação do trabalho, do trabalhar, com as sequelas e / ou doenças que possuem e que resultaram no afastamento do trabalho. Dessa maneira, são discursos singulares que envolvem a subjetividade desses trabalhadores.

As marcas registradas, no corpo do boneco que representava um trabalhador, trouxeram tantos aspectos positivos como negativos em relação ao trabalho. Reconhecem que, o ato de trabalhar dignifica o homem, traz prazer, satisfação, crescimento pessoal, que levarão para toda vida. Porém, o trabalho pode deixar marcas negativas que também levarão para uma vida inteira e associado a isso, o sofrimento de estarem afastados do trabalho.

Considerando os aspectos trazidos anteriormente, podemos refletir a partir de Dejours (1999), que a construção da identidade está sempre inacabada e que a esse processo em construção, no campo social, está o trabalho, que objetiva o real ao sujeito, ou seja, o reconhecimento do seu fazer pelo outro, a autorrealização, porém, essa expectativa gera sofrimento, mas o sofrimento, nesse caso, lança o sujeito no mundo e no trabalho.

Todavia, o trabalhador se depara com um mundo que o aparta do processo de trabalho devido os interesses do sistema capitalista. Nesse sentido, o trabalhador encontrará um mercado de trabalho opressor, precarizado, concorrente, e toda essa realidade influencia nas condições de trabalho e assim, resulta em outros sofrimentos para os trabalhadores, pois se acidentam e / ou adquirem doenças provenientes do trabalho (DEJOURS, 1999 e ANTUNES, 2013).

Os trabalhadores reconhecem que, há relação entre o afastamento do trabalho e as condições de trabalho e / ou superexploração do trabalhador, no entanto, a necessidade da subsistência, o desejo de conquistar melhor qualidade de vida, conforme refletido na temática anterior faz com que se submetam a determinadas realidades.

O estudo por meio dos discursos, exemplifica o quanto os trabalhadores sofrem, deprimem-se, chegam a pensar em morte, e até se culpam por apresentarem sequelas de acidente ou doença relacionada ao trabalho, pois tais situações trazem limitações, por exemplo, a dor física, que os impedem de realizar algumas atividades, e além disso, a dor emocional, subjetiva, que está relacionada ao julgamento social decorrente do afastamento, bem como pelo fato do afastamento do trabalho propriamente dito, e as consequências disso para a vida do trabalhador.

Sobre as vulnerabilidades desse contexto recorro a Dejours que afirma:

De fato, o trabalho tem efeitos muito poderosos sobre o sofrimento psíquico: ou o trabalho contribui para agravar o sofrimento, levando a pessoa progressivamente à loucura, ou ao contrário, o trabalho contribui para subverter o sofrimento, para transformá-lo em prazer, a ponto de, e, certas situações, ser mais fácil para a pessoa que trabalha defender sua saúde mental, do que para a pessoa que não trabalha (DEJOURS, 1999, p. 16-17).

O estudo também aponta o sofrimento dos trabalhadores pelo sentimento de abandono em relação às empresas, pois, devido toda a dedicação dada ao trabalho, de acordo com as exigências do capital, há uma expectativa de cuidado, por parte da empresa, que não é correspondida devido às relações estabelecidas entre empregador e trabalhador, que é de compra e venda da mão de obra.

No entanto, os trabalhadores se sentem desprezados pelo empregador, expressam o sentimento de inutilidade presente devido à rápida substituição para o exercício das funções que desempenhavam. Sobre essa situação é importante destacar o quanto o trabalhador está vulnerável frente às relações de trabalho, perdendo direitos e ainda em um mercado competitivo, com a realidade de subemprego e desemprego estrutural.

Caio Antunes (2013, p. 363) reforça essa ideia quando afirma que estamos vivendo uma “triste dialética”²⁴, pois além da precarização do trabalho e intensificação da exploração

²⁴ Dialética - é um método de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam a outras ideias e que tem sido um tema central na filosofia ocidental e oriental desde os tempos antigos. O conceito de dialética, porém, é utilizado por diferentes doutrinas filosóficas e, de acordo com cada uma, assume um significado distinto. Para a teoria marxista, dialética compreende a teoria do conhecimento, através dos filósofos Hegel, Marx e Engels. Para o marxismo, dialética é o pensamento e a realidade ao mesmo tempo, ou seja, a realidade é contraditória com o pensamento dialético. Para a dialética marxista, o mundo só pode ser compreendido em um todo, refletindo uma ideia a outra contrária até o conhecimento da verdade. Marx e Engels mudaram o conceito de Hegel, e introduziram um novo conceito, a dialética materialista, que dizia que os movimentos históricos ocorrem de acordo com as condições materiais da vida (WIKIPÉDIA, 2016 e <http://www.significados.com.br/dialetica/>. Acesso em: 31 de maio. 2016).

do trabalhador, há um desmonte nos direitos trabalhistas conquistados no passado, e uma fragilidade na classe trabalhadora para o enfrentamento dessa realidade.

(4) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: Sou “cabra macho” sim senhor!

Essa temática traz reflexões sobre a questão de gênero, e porque não dizer, quebra de paradigmas em relação ao machismo.

O estudo demonstra como o homem trabalhador se sente humilhado por não mais suprir as necessidades da família devido o baixo valor do benefício, bem como um sentimento de insegurança em relação à continuidade ou não do benefício, que é com o que ele pode auxiliar a família diante o afastamento do trabalho.

Diante dessa realidade, a mulher vai para o mercado de trabalho, para com seu rendimento, auxiliar nas despesas da casa. E sobre esse contexto os trabalhadores referem não se reconhecerem machistas, porém, há incômodos por verem a mulher provendo o sustento do lar.

Sobre esse contexto, podemos considerar que, está implícita a relação de gênero, pois o homem se sente inferiorizado por não mais responder a atribuições impostas a ele socialmente, e recordando Saffioti (1987), a sociedade brasileira apresenta em sua história um contexto patriarcal, no qual estabeleceu uma relação de domínio do homem sobre a mulher.

O homem se constituiu com a representação do poder, não sendo a ele permitido chorar, sentir medo, pois é viril, deve ter a coragem para desafios e situações perigosas, bem como a busca de autoridade e respeito, pois a dor, a subjetividade é expressão da mulher. (BORIS, 2012).

Porém, o homem após o afastamento do trabalho, além dos sofrimentos já citados anteriormente, também expressa sofrimento psíquico em relação à posição que a mulher assume na família, pois ele não se reconhece mais, se sente sem honra, sem dignidade, sem o “poder” atribuído a ele socialmente, pois se sente financeiramente dependente da mulher, e essa situação fragiliza a relação familiar e, conseqüentemente, o trabalhador, pois é difícil para ele aceitar ou desconstruir toda uma ideologia construída sobre o papel do masculino na sociedade.

O estudo retrata ainda que, essa ideologia permeia inclusive o ideário feminino, pois reconhecem o machismo na mulher que apresenta dificuldades em dividir a remuneração para além das suas necessidades, ou seja, busca a autonomia financeira visando garantir a vaidade

peçoal, e assim continua atribuindo ao masculino a responsabilidade pelo sustento da família, e isso gera novos conflitos.

No entanto, relatam compreender as mudanças sociais em relação à mulher na sociedade e a importância do apoio que a mulher pode oferecer à família, quando está inserida no mercado de trabalho, bem como o equilíbrio psíquico que a mesma pode oferecer ao companheiro e família.

O estudo também possibilitou trazer à discussão a relação entre virilidade e trabalho, pois segundo Dejours (1992, p. 72), *“a ideologia defensiva é funcional a nível do grupo, de sua coesão, de sua coragem, e é funcional também a nível do trabalho, é a garantia da produtividade”*. A ideologia defensiva é o sistema de defesa compartilhado pelas profissões com atitudes de negação e de desprezo pelo perigo, e tem valor funcional em relação a produtividade, pois se utiliza da exploração da ansiedade, do trabalhador, que busca responder aos ritmos do trabalho e de produção exigido. (DEJOURS, 1992).

No entanto, os trabalhadores expressam que a força, virilidade, “poder” que faz com que se sintam guerreiros, também são relatados como algo que nem sempre é bom, pois essa construção social traz uma ideia de que o homem não pode ser frágil, e essa ideia os fragilizam ainda mais, pois tanto pode exigir deles próprios a permanente força, como a fragilidade que também possuem, por vezes, não é notada socialmente, inclusive porque de acordo com Dejours (1992, p. 72) o *“[...] sofrimento mental e a fadiga são proibidos de se manifestarem numa fábrica”*, recorre-se a medicalização que tem por finalidade deslocar o conflito entre homem e trabalho e a desqualificação do sofrimento mental.

Contudo, o estudo nos possibilita refletir, a partir dos próprios trabalhadores, que a realidade citada deve ser questionada, mudada, pois a dor e fragilidade também são inerentes ao homem e devem ser consideradas e cuidadas socialmente, além do repensar quanto a reprodução do machismo em nossa sociedade.

(5) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: É possível recomeçar?

Os trabalhadores expuseram problemas que identificam em relação ao retorno do mercado de trabalho, pois relatam que devido às sequelas que possuem, não poderão corresponder as exigências existentes do mercado, decorrentes da atual organização do trabalho, como por exemplo, a produtividade, a polivalência, a competitividade etc.

Além disso, expressam em seus discursos que, durante longo período de sua vida, não tiveram oportunidade de estudar, se qualificar e desenvolveram na maioria das vezes, uma

determinada função, na qual se identificam e com ela construíram uma identidade, e que apreender outra atividade é possível, porém é mais difícil apreendê-la e praticá-la, pois tanto a idade como o grau de instrução não facilita o aprendizado, além de ser exigida experiência profissional na procura de uma recolocação.

Nesse contexto é presente um cenário de preocupações, de inseguranças e por vezes não visualizam solução, porém, há a necessidade de subsistência, assim o sofrimento psíquico mais uma vez se manifesta no trabalhador. E de acordo com Dejours:

Convencido da realidade do risco e excluído da ideologia ocupacional, o trabalhador acidentado deverá, a partir de então, enfrentar individualmente o perigo do medo. [...] Nessas condições, compreende-se que o trabalhador acidentado se recuse energicamente retomar ao trabalho (DEJOURS, 1992, p. 124).

No entanto, pensar na incapacidade para o trabalho também é outro sofrimento, tendo em vista a importância do trabalho na vida do homem, dessa maneira, envolvidos por dificuldades objetivas e subjetivas, acreditam no potencial da elevação de escolaridade e qualificação profissional, mesmo que por vezes desacreditados das reais possibilidades que terão no mercado de trabalho.

Nota-se que, os trabalhadores se sentem inseguros em relação às políticas do governo, bem como em relação à proposta do Programa de Reabilitação Profissional do INSS, pois identificam que falta infraestrutura para realmente reabilitá-los ao mercado de trabalho. Expressam que a sociedade, a família, o empresariado, necessitam estar preparados para recebê-los, porém, não encontram tal realidade, e isso traz dor, baixo autoestima, infelicidade, e insegurança, sobretudo financeira.

Analisa ainda que os cursos oferecidos pela Reabilitação Profissional do INSS, para qualificação, não favorecem o efetivo retorno e / ou recolocação ao mercado de trabalho, pois são básicos ou não atendem as exigências atuais do mercado, e se retornarem a empresa serão dispensados assim que acabar a estabilidade, caso a tenham, pois já não podem exercer a mesma função e se readaptado em outra, nem sempre será compreendido as limitações que possuem, e se deparam é com o “descarte” desses trabalhadores, pois a empresa está preocupada com a produção, com o lucro, pois, ressaltando Marx (1983) o trabalho se desconfigurou do lugar de realização humana, para meio de subsistência e mercadoria tendo como objetivo a valorização do capital.

Outro ponto que o estudo apresenta é sobre a angústia em permanecerem afastados do trabalho, e em benefício, pois essa realidade não é satisfatória, pois almejam novas

conquistas, e com o valor de benefício recebido, não conseguem realizar nenhum planejamento, assim desejam sair da realidade que hoje se encontram, e para tanto se apoiam na fé, no pensamento positivo, na necessidade de sobrevivência e de potenciais que acreditam ainda ter.

Todavia, há dificuldades em colocar em prática todas as expectativas e desejos que ainda permanecem subjetivos, pois conforme mencionado anteriormente sentem-se desamparados e desapoitados para tais conquistas. Reconhecem que a Reabilitação Profissional do INSS auxilia na construção desse novo caminho, porém, também com limitações, pois o objetivo maior é retornar o trabalhador para o mercado de trabalho para a continuidade e manutenção do sistema capitalista.

(6) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: Como ficam os direitos do trabalhador e a Seguridade Social?

A temática em questão apresenta reflexões e porque não dizer, críticas dos trabalhadores em relação aos direitos trabalhistas e as reais garantias da Seguridade Social, pois apresentam uma análise sobre a relação dos fiscais do trabalho e do sindicato junto aos empregadores e aos trabalhadores, bem como a insegurança em relação à Previdência Social e as dificuldades de acesso a saúde.

O estudo aponta que, o sindicato e / os fiscais do trabalho, que poderiam defender direitos trabalhistas, em alguns momentos, realizam alianças com os empregadores, passam por um processo de cooptação do capital e ainda acabam por aceitar propina para não multar as empresas, bem como não exigir segurança ao trabalhador. Assim, os trabalhadores expressam insegurança em relação aos sindicatos, pois não reconhecem que essa organização luta para a defesa dos direitos trabalhista.

Essa realidade, de acordo com Caio Antunes (2013, p. 362) é característica do neoliberalismo e ainda mais intensificado nas crises do capital, pois “*o capital vive de crise em crise*”, e para superar as crises intensifica a exploração do trabalhador e ataca os direitos trabalhistas duramente conquistados no passado, e tal realidade é afirmada por Lacaz:

Na contradição entre o modelo de desenvolvimento econômico industrial hoje adotado e as políticas sociais, apareceram várias realidades candentes que expressam a reação dos trabalhadores e essa situação: reação dos trabalhadores da Construção Civil quanto às suas más condições de trabalho e aos acidentes de trabalho fatais o que levou as greves em Jirau, nos canteiros de obras do estádio do Maracanã e do Mineirão. Fato marcante nesta realidade foi a ambigüidade e o atraso com que se

observou a participação das centrais sindicais neste processo, fruto de um processo de cooptação engendrado no governo Lula que arrefecer sobremaneira a capacidade de luta destas instâncias, particularmente da Central Única dos Trabalhadores (LACAZ, 2012, p. 349).

Todavia, Tardeli ressalta a importância do sindicato para a classe trabalhadora, tanto como espaço de organização e de luta, como promotor da conscientização da classe trabalhadora “quanto a sua condição de classe e a necessária superação do atual modo de produção”. Nesse sentido ressalta, a partir, de Ricardo Lara a importância do sindicalismo:

Portanto, emerge como tarefa do dia perquirir o sindicalismo, mas o sindicalismo que proporcione formação e clareza política aos trabalhadores. Um sindicalismo de corte classista, no qual seus dirigentes e trabalhadores tenham consciência da luta de classes, e ofereçam condição política para uma classe operária instruída e não submetida à degradação material e espiritual. Devemos buscar ininterruptamente o espaço para fortalecer o debate que objetive a construção de uma classe trabalhadora capaz e consciente das suas tarefas de construção de uma nova sociedade [...] O sindicalismo deve recuperar o princípio político clássico do sindicato como escola da luta de classes, uma luta de classes que exige cada vez mais sujeitos capazes de enfrentar a barbárie do sistema do capital. Os sindicatos devem tornar-se *centros de organização de classe*, capazes de ir além da luta econômico-corporativa, criando laços sociais e políticos com outros movimentos sociais dando um sentido à intervenção corporativa para além de si própria (LARA, 2010, p. 101, grifo do autor *apud* TARDELLI, 2012, p.146).

O estudo também nos apresenta que a Previdência Social é reconhecida como um direito, pelos trabalhadores, pois houve contribuições com essa política. Todavia, a sociedade julga o trabalhador afastado, como se vivesse à custa do governo. Sobre esse fato os trabalhadores, ressaltam estarem em benefício por direito, porém, também reconhecem que há uma instabilidade na garantia desse direito, tanto devido o constante medo de perder o benefício – quando são avaliados pela perícia médica do INSS, pois declaram ser atendidos por profissionais que não são sensíveis ao trabalhador e a seus problemas de saúde – como pelo valor do benefício que não atende as necessidades básicas da família.

Ainda no âmbito da Seguridade Social, os trabalhadores também revelam como as dificuldades de acesso a saúde influencia no quadro de adoecimento, o que pode resultar na piora e porque não dizer, na fragilidade emocional, frente todo o contexto de vulnerabilidade que passam a se deparar devido o afastamento do trabalho.

Dessa maneira, compreende-se que a noção de Seguridade Social, que supõe a proteção social ao cidadão que está vulnerável, bem como em seu ciclo de vida e trajetória de trabalho tem se estabelecido de maneira frágil, fragmentada, a partir de uma lógica mercadológica bem como compensatória em relação às desigualdades sociais, e no caso

específico da Previdência Social com um enfoque médico-centrado e biológico, o que dificulta de fato o olhar integral e de proteção ao trabalhador, que se torna refém do Estado (SILVA, 2010).

Contudo, é entendido que se faz necessário um repensar do trabalhador em relação a sua condição no trabalho, a partir das armadilhas surgidas da nova organização do trabalho, bem como o reconhecimento de direitos e potencialidades transformadoras.

(7) Discurso do Sujeito Coletivo sobre o Tema: Avaliação da proposta de grupo

Essa temática possibilitou compreender como os trabalhadores avaliaram o processo de trabalho proposto, pois expuseram sentimentos, sensações, expectativas e frustrações em relação ao estudo. Além disso, realizaram sugestões que muito poderão subsidiar a continuidade do trabalho, bem como a melhoria deste, e novas propostas de intervenção junto aos trabalhadores que estão inseridos no serviço de Reabilitação Profissional do INSS.

No geral, avaliaram que as oficinas possibilitaram o exercício de falar de si próprio, ou seja, enfrentaram essa dificuldade, bem como compartilharam problemas e isso é identificado como positivo, pois puderam sair do sentimento de solidão a partir do momento que observaram que há situações semelhantes e como cada trabalhador tem lidado com os problemas enfrentados. Identificaram também um potencial de fortalecimento no grupo devido à troca de experiências.

Relataram que, a partir das oficinas puderam ter o contato com a autoestima que haviam perdido devido o processo de afastamento do trabalho e todas as outras situações que o fragilizaram decorrente desde fato. Expressaram ainda que, o contato com outros trabalhadores que se encontram em condição semelhante, possibilitou a construção de novos objetivos, bem como gerou o desafio de sair da situação que hoje se encontram, pois ouvir que outros colegas conseguiram conquistar algo foi um incentivo. Despertou para a possibilidade de reconhecer potenciais, e de buscar a superação frente os problemas de saúde e seqüelas existentes.

Além do exposto, também surgiu o quanto a participação no grupo gerou expectativas de mudanças tanto para o trabalhador como para com quem convive com ele, pois estar nesse espaço criou a sensação de algo novo para acontecer.

Nesse sentido, ocorreu a frustração, pois apesar de reconhecerem a importância dos encontros e da proposta de trabalho, encontraram dificuldades em compreender de fato o real potencial do grupo, bem como seus resultados para além da troca de experiências.

Questionaram a continuidade da proposta, pois avaliam que para dar certo seria necessário um apoio institucional, no entanto, o que identificam é que o INSS não está preocupado em ouvir o trabalhador, e sim em reabilitá-lo para o mercado de trabalho, mas o mantém em benefício e na Reabilitação Profissional por anos, deixando-o sem perspectivas reais para esse retorno. Além disso, relatam observar que há profissionais que não conseguem compreender a real situação, condição do trabalhador afastado e assim não realizam um atendimento qualificado.

Contudo, avaliam que para maior efetividade do trabalho proposto o ideal é que assim que são encaminhados para o serviço de Reabilitação Profissional do INSS, e que nesse serviço se cadastrarem, deveriam ser encaminhados para o grupo, pois reconheceram que as oficinas podem auxiliar na desconstrução e / ou novas reflexões sobre ideias já construídas em relação ao afastamento, adoecimento, possibilidades de retorno ao mercado de trabalho, ou seja, um incentivo para o trabalhador.

No processo de avaliação os trabalhadores trouxeram sugestões visando aprimorar os encontros, bem como atender demandas pessoais em relação a outros conhecimentos que compreendem que irão favorecer a relação em sociedade e como trabalhador.

Dentre as sugestões recomendam que essa proposta de trabalho seja reconhecida como um serviço do INSS, pois o trabalhador se sentiria mais amparado pela Instituição, seria ouvido, respeitado e não somente visto como um diagnóstico. Haveria a escuta do chão da fábrica.

Os trabalhadores também avaliaram que seis encontros foram poucos, principalmente ao considerarem os encontros que trataram sobre o recomeço, ou seja, que discutiram sobre o retorno ao mercado de trabalho, possibilidades e desafios.

Sugeriram palestras motivacionais, que os encontros fossem organizados por módulos para se trabalhar legislações, e que pudessem continuar, pois é um espaço de incentivo para o trabalhador que está afastado e em benefício.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou que os trabalhadores reconhecem o trabalho como um componente inerente ao homem, e que sem o trabalho há um sentimento de inutilidade, e isso não somente pelo fato de estarem sem exercer uma função, mas também pelo julgamento social, pois se sentem marginalizados por não estarem trabalhando, e em dependência do benefício pela Previdência Social.

Os trabalhadores se reconhecem pela função que exerciam, e retirados desse papel, há um prejuízo emocional que afeta as relações sociais, pois, se sentem sem identidade, e com dificuldades de identificar outras potencialidades. Esse contexto é agravado pelo fato de apresentarem limitações para algumas atividades que poderão ser agravadas devido à dificuldade de acesso a saúde para a reabilitação física, e também emocional.

A relação com o trabalho é íntima, singular e isso foi observado durante o desenvolvimento da pesquisa, compreende-se que os trabalhadores realizam uma entrega de si na relação com o trabalho. O processo de entrega somente é questionado, ou notado quando estão afastados dele, ou seja, o estudo aponta que os trabalhadores só param para “pensar” na relação capital x trabalho, quando se deparam com a situação de afastamento do trabalho, quando estão adoecidos ou acidentados pelo trabalho, pois no dia a dia são engolidos pelas exigências do mercado de trabalho, e buscam cumpri-las inclusive visando maior rendimento, promoções, reconhecimento do empregador e até pessoal.

Esse contexto dialoga tanto com Iamamoto (2012) - quando afirma que a mais-valia do capital não é reconhecida pelo trabalhador, o que reconhecem é o mais trabalho que tem por objetivo atender as necessidades básicas, - como com Dejours (1992) quando relaciona o mais trabalho a necessidade humana do reconhecimento pessoal pelo outro como construção da identidade.

Ainda no aspecto quanto ao “pensar” dos trabalhadores em relação ao trabalho nota-se que podem até realizar a crítica, ou reconhecer a exploração no dia a dia do trabalho, porém, não realizam o enfrentamento da realidade, que podem até identificar. A concorrência no mercado de trabalho é massiva e os trabalhadores não compreendem ter uma alternativa diferente em âmbito mundial referente ao trabalho, não se sentem protegidos pelos direitos trabalhistas e assim temem o desemprego. Dessa maneira, se submetem a determinadas atitudes que retroalimentam o capital, ou seja, como relataram a partir da música que foi

utilizada como material de estímulo – “Admirável Gado Novo”, são peças que compõem a engrenagem do sistema capitalista.

No entanto, quando se deparam com a realidade de não mais “funcionar nessa engrenagem” do sistema capitalista, começam, de fato, **a refletir e questionar** esse processo de “entrega ao trabalho” e da superexploração do trabalhador. Essa realidade gera sofrimento, culpa, indignações pela dedicação oferecida, pouca conquista ou perda de algumas conquistas devido dificuldades econômicas que passam a enfrentar, e ainda a frustração frente ao descaso das empresas, local onde dedicaram anos e / ou horas de vida.

Compreende-se com a pesquisa que, os trabalhadores apresentam a conjuntura da nova organização do trabalho e tal contexto dialoga com o que é afirmado por Ricardo Antunes (2013) quando define a organização do trabalho como precarizada, opressora, concorrente, ou seja, característica da política neoliberal.

A pesquisa também demonstra que os trabalhadores reconhecem que há relação entre o adoecimento ou o acidente pelo trabalho, com as condições de trabalho que estão submetidos, mas como estão imersos no processo de produção capitalista, tanto pelas exigências da nova organização do trabalho como pelas “necessidades pessoais”, conforme descrito anteriormente, somente refletem sobre o processo saúde-doença e a relação desse com o trabalho, ou seja, sobre o contexto do seu processo de afastamento, quando estão adoecidos.

A reflexão sobre o afastamento do trabalho é outro fator de sofrimento para o trabalhador. Os trabalhadores apontam na pesquisa o arrependimento e a descoberta da fragilidade que também possuem, mas que consciente ou inconscientemente negam devido à ideologia masculina ainda presente na sociedade, conforme apresentado por Boris et al (2012), ao longo da pesquisa.

Exemplo desse fato, influenciado tanto pela ordem do capital como pela “cobrança social”, está o presenteísmo citado anteriormente por Paschoalim (2012), pois refere a permanência do trabalhador no ambiente de trabalho mesmo com dores / doentes. Assim recorrem a automedicações, e a coragem e resistência como exigência do ser “homem”, viril, nas relações de trabalho e interpessoal, sobretudo na família e perante os filhos.

Entretanto, esse contexto é questionado pelos trabalhadores quando estão afastados do trabalho, pois relatam se deparar com a necessidade de contar com o auxílio da mulher, tanto para os cuidados de saúde, financeiramente e emocionalmente. Reconhecem possuir fragilidades e a importância de contar com apoio familiar, do qual também chegaram a se distanciar devido a entrega ao trabalho. Porém, todo esse contexto de fragilidades e de

vulnerabilidades, também resulta em separações conjugais e assim referem mais “dor” e perdas nesse processo.

O trabalhador ao se colocar no centro da discussão, por meio do “boneco trabalhador”²⁵, em relação à organização do trabalho e o seu processo de afastamento, apresenta um conjunto de situações que o fragiliza demasiadamente e assim dificulta enxergar novas perspectivas de vida e as barreiras vivenciadas sobre o retorno ao trabalho. A pesquisa detecta ainda que os trabalhadores não se sentem apoiados pelas políticas de governo, que deveriam estar direcionadas, e / ou sensíveis aos adoecimentos ou aos acidentados gerados pelo trabalho.

O estudo apresenta de maneira contundente, que os trabalhadores referem possuir marcas deixadas pelo trabalho / organização do trabalho, que os farão tristes para uma vida inteira, apesar de reconhecerem que com o trabalho também houve conquistas pessoais significativas que marcaram positivamente a vida desses trabalhadores. Nesse sentido, o trabalho é reconhecido como algo bom, que possibilita uma satisfação pessoal, mas conforme apresentado por eles, o ruim é o trabalho exagerado, superexplorado, sem proteção, que visa somente à produção e o lucro retirado dos proletariados, restando ao trabalhador o desrespeito, anulação da liberdade humana, adoecimento e/ou seqüelas de acidentes e negação ou violação de direitos trabalhistas.

Nesse contexto perverso e desumano da nova organização do trabalho, o trabalhador se vê em constante insegurança em relação ao retorno ao mercado de trabalho, devido o tempo de afastamento, restrições para o desempenho de atividades e associado a isso as exigências atuais existentes no mercado de trabalho, mas mesmo assim referem haver o desejo nesse retorno. É apontado por eles que apesar de resistirem a elevação de escolaridade e/ou qualificação profissional, ou até mesmo a readaptação junto a empresa de vínculo, acreditam ser o caminho para o enfrentamento do descrédito deles próprios enquanto seres humanos e trabalhadores. Porém, sentem-se pressionados pelo INSS para serem reabilitados e também temem a suspensão do benefício a cada perícia médica, pois são tratados de maneira desumana e a desconsiderar toda sua trajetória como trabalhador.

Todo esse contexto apresentado foi abordado nas oficinas, e considerando a riqueza das reflexões realizadas pelos trabalhadores, as oficinas foram reconstruídas com o objetivo

²⁵ Boneco trabalhador – boneco que foi construído ao longo dos encontros, e no qual os trabalhadores projetavam suas experiências considerando as temáticas abordadas em cada oficina.

de atender as demandas surgidas, sobretudo em relação à organização do trabalho e o processo de afastamento.

Esse processo que foi de constante construção é compreendido como de educação e de educação em saúde, pois os trabalhadores relataram terem sido acolhidas suas angústias e no espaço de grupo ter sido possível dividir situações semelhantes, bem como conhecer situações que puderam empoderá-los para iniciar o pensamento para novas conquistas, mudanças ou simplesmente o repensar de conceitos.

Além disso, observa-se que refletiram de fato sobre a relação de trabalho e o processo de saúde-doença relacionado ao trabalho, e compreendendo a integralidade do sujeito é entendido que ocorreu a educação em saúde, e a reflexão sobre o “ser trabalhador” nessa sociedade capitalista e opressora, e essa discussão dessa problemática possibilita o repensar enquanto trabalhador.

Nesse sentido, é importante salientar que a proposta de pesquisa intervenção, aplicada nesse estudo, teve o objetivo de implicar o pesquisador em uma realidade dada, porém com um olhar a desvelar o que parece óbvio, sair do reducionismo, das generalizações, assumir uma postura científica e com compromisso social e político, além disso, possibilitar uma construção e transformação engendrada/produzida entre pesquisador e sujeito pesquisado. Assim, além de reconhecer o processo de educação e educação em saúde realizado com os trabalhadores, é possível afirmar que enquanto pesquisadora compreende-se que conceitos foram afirmados pela própria classe trabalhadora, e outros foram e ainda estão sendo revisitados com novas reflexões considerando a realidade daqueles que de fato estão vivenciando a dor de serem retirados do trabalho, e inseridos em um serviço da Previdência Social, no caso a Reabilitação Profissional. A intervenção possibilitou reflexões sobre os limites da atuação profissional frente a essa realidade perversa do sistema capitalista, na qual a pesquisadora também assume o papel de trabalhadora.

Por fim, e não menos importante, recorre-se a hipótese dessa pesquisa: O homem ao compreender que o processo saúde-doença sofre interferências da relação capital x trabalho, e nesse contexto o papel culturalmente atribuído ao masculino, se permitirá refletir sobre os direitos adquiridos visando exercitar o papel de cidadão e poderá descobrir potencialidades para uma melhor vida no trabalho e fora dele e, se possível, efetivamente exercitar a reabilitação profissional. Compreende-se que é de fundamental importância um espaço de reflexão sobre o processo de afastamento, relacionado a organização do trabalho e todos as implicações sociais desse processo na vida do trabalhador, ou seja, um espaço de cuidado em saúde do trabalhador, no âmbito da Previdência Social.

Destaca-se ainda que tal proposta se torna enriquecedora se amparada por ações intersetoriais, como a realizada junto ao CEREST, que poderão dar maior segurança ao trabalhador que se sente desamparado tanto pela empresa como pelo governo na situação de afastamento do trabalho.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marta Araújo; *et al.* **A oficina de trabalho como estratégia educativa com adolescentes na área da sexualidade.** REME – Revista Mineira de Enfermagem. Minas Gerais. p. 168-173, 2005. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/sumario/32>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ANSILIERO, Graziela; *et al.* **Evolução recente da proteção previdenciária e seus impactos sobre os níveis de pobreza.** In: Informe da Previdência, Brasília, v. 25, n. 10, p 1-40, 2013. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Informe_outubro_web.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2014.

ANTUNES, Caio. **Trabalho, alienação e crise estrutural do capital:** bases do receituário neoliberal. In: LOURENÇO; *et. al.* (orgs); **O avesso do trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas.** 1ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 353-366.

ANTUNES, Ricardo. **A corrosão do trabalho e a precarização estrutural.** In: LOURENÇO; *et. al.* (orgs); **O avesso do trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas.** 1ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 21-28.

_____, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo. 2005.

_____; *et al.* **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital.** 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 06 jan. 2013.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; *et al.* **Os rituais da construção da subjetividade masculina:** o público e o privado. Revista do PPG em Políticas Públicas da Universidade Estadual do CEARÁ. Ceará. nº 19, p.17-31, 2012.

BRASIL. Brasília: Despacho Decisório nº 2/DISART?INSS, de 24.11.2011. Manual Técnico de Procedimentos de Reabilitação Profissional.

_____. **Ministério do Trabalho e Emprego.** Disponível em: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php. Acesso em: 31 de maio. 2016

_____. **Ministério da Previdência Social.** Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

_____. **Ministério da Previdência Social**. Disponível em: <www.mpas.gov.br>. Acesso em: 07 out. 2013.

_____. **Ministério da Saúde. Normas e Manuais Técnicos nº 114, de 2001**. Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde: Doenças Relacionadas ao Trabalho.

_____. Congresso Nacional. **Decreto nº 3.048**, de 06 de maio de 1999. Brasília, Senado Federal. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3048.htm. Acesso em: 10 de novembro de 2014.

_____. Congresso Nacional. **Lei nº 8.213**, de 24 de julho de 1991. Brasília, Senado Federal. 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm. Acesso em: 10 de novembro de 2014.

_____. Congresso Nacional. **Lei Orgânica da Saúde nº 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Brasília, Senado Federal. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em 11 de novembro de 2014.

BREGALDA, Marília Meyer. **Terapia Ocupacional e Reabilitação Profissional**: práticas e concepções de terapeutas ocupacionais no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). 2012. 235f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

CHIESA, Anna Maria; *et al.* **A educação em saúde na prática do PSF**. In: Instituto para o Desenvolvimento da Saúde, Universidade de São Paulo, Ministério da Saúde. **Manual de Enfermagem**. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p. 34-42..

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Conferências brasileiras**: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap, 1999.

GAZZINELLI, Maria Flávia *et al.* **Educação em saúde**: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. *Caderno Saúde Pública*. Rio de Janeiro. Ano 21, p. 200-206, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Trabalho e indivíduo social**. 5. ed. São Paulo: Cortez. 2012.

LACAZ, Francisco Antônio de Castro. **Seguridade Social e saúde do trabalhador**: uma reflexão necessária. In: LOURENÇO; *et al.* (orgs); **Saúde do Trabalhador**: desafios para a Seguridade Social e Movimento Sindical. São Paulo: UNESP, 2012. p. 343-354.

LEFEVRE, Fernando; *et al.* **Pesquisa de representação social**: um enfoque qualiquantitativo. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. **Na trilha da saúde do trabalhador**: a experiência de Franca/SP. Franca: UNESP/FHDSS, 2009.

MACHADO, Maria de Fátima Antero Souza; *et al.* Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. **Ciências & Saúde Coletiva**. Vol. 12, p. 335-342, 2007.

MAENO, M.; *et al.* Reabilitação profissional como política de inclusão social. **Acta Fisiátrica**, v. 16, p. 53-58, 2009.

MARX, Karl. **Manuscrito econômico-filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Bomtempo. 2004.

_____. **O capital**. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Vol. 01.

MARINI, Rui M. Dialética da dependência. IN: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro. (Org.). **Rui Mauro Marini vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MENDES, René; *et al.* **Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador**. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo. Ano 25, p. 341-349, 1991.

MONTENEGRO, Leonardo. **O que é auxílio-doença?** 2011. Disponível em: <<http://previdenciaecidadania.blogspot.com.br/2011/11/o-que-e-o-auxilio-doenca.html>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

NEUVONEN, Laura. The Last Knit. (vídeo). 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M6ZjMWLqJvM>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

PEZZATO, Luciane M.; *et al.* **O uso de diários como ferramenta de intervenção da análise institucional**: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva. *Physis Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Vol. 21, p. 1297-1314, 2011.

PASCHOALIM, Heloísa Campos. **Presente no Trabalho mesmo doente**: o presenteísmo na enfermagem. 2012. 170f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

PAULON, Simone Manieri; *et al.* **Pesquisa-intervenção e cartografia**: melindres e meandros metodológicos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia Social* 2010; 10(1): 85-102.

QUEIROZ, Maria de Fátima Ferreira. **Compreendendo o conceito de fadiga**: Estudo de caso dos trabalhadores em uma indústria gráfica. 2013. 169f. Dissertação (Doutorado em Saúde Ambiental-Saúde do Trabalhador) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2003.

REMIJO, Alcides Pontes. **A situação da classe trabalhadora no Brasil**: sob o prisma de Rui Marini a superexploração do trabalho. In: LOURENÇO; *et. al.* (ogrs); **Saúde do Trabalhador**: desafios para a Seguridade Social e Movimento Sindical. São Paulo: UNESP, 2012. p. 35-44.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de Guarulhos. Disponível em <<http://www.guarulhos.sp.gov.br/index.php>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Perfil municipal de Guarulhos. 2016. Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/tabelas>. Acesso em: 31 maio. 2016.

SIGNIFICADOS. **Significado de Dialética**. Disponível em: <http://www.significados.com.br/dialetica/>. Acesso em: 31 de maio. 2016.

SIGNIFICADOS. **Significado de FOB e CIF**. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/fob-e-cif/>>. Acesso em: 06 out. 2013.

SILVA, Ademir Alves. **A gestão da seguridade social brasileira**: entre a política pública e o mercado. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TARDELI, Everson de Alcântara. **O Sindicalismo Brasileiro ante a Ofensiva Neoliberal**. In: LOURENÇO; *et. al.* (ogrs); **Saúde do Trabalhador**: desafios para a Seguridade Social e Movimento Sindical. São Paulo: UNESP, 2012. p. 135-148.

ZÉ RAMALHO. **Admirável gado novo** (Clipe original 1979). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_0sF3YuPnQg>. Acesso em: 09 jun. 2014.

WOLECK, Aimoré. **O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica**. 2012. Disponível em: <<http://www.iesc.ufrj.br/cursos/saudetrab/trabalho%20ocupa%E7%E3o.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

WIKIPEDIA. Guarulhos. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarulhos>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

WIKIPEDIA. Dialética. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>>. Acesso em: 31 de maio. 2016.

ANEXOS

ANEXO 1

Música – Construção (Chico Buarque)

Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido
 Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima
 Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
 Beijou sua mulher como se fosse a única
 E cada filho seu como se fosse o pródigo
 E atravessou a rua com seu passo bêbado
 Subiu a construção como se fosse sólido
 Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
 Tijolo com tijolo num desenho lógico
 Seus olhos embotados de cimento e tráfego
 Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
 Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
 Bebeu e soluçou como se fosse máquina
 Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
 E tropeçou no céu como se ouvisse música
 E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio náufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
 Beijou sua mulher como se fosse lógico
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
 E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado
 Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado

ANEXO 2

Música - Admirável Gado Novo (Zé Ramalho)

Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber

E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer

Êh, ô, ô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!

Lá fora faz um tempo confortável
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal

E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou!

Êh, ô, ô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!

O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos
Contemplam esta vida numa cela

Esperam nova possibilidade
De verem esse mundo se acabar
A arca de Noé, o dirigível
Não voam, nem se pode flutuar

Êh, ô, ô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!

ANEXO 3

Música - Guerreiro Menino (Gonzaginha)

Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas
Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura

Gerreiros são pessoas
São fortes, são frágeis
Gerreiros são meninos
No fundo do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sono
Que os tornem refeitos

É triste ver meu homem
Guerreiro menino
Com a barra do seu tempo
Por sobre seus ombros
Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
A dor que tem no peito
Pois ama e ama

Um homem se humilha
Se castram seus sonhos
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho
E sem o seu trabalho
O homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata

Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz

ANEXO 4

Música – Comida (Titãs)

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade

Diversão e arte
Para qualquer parte
Diversão, balé
Como a vida quer
Desejo, necessidade, vontade
Necessidade, desejo, eh!
Necessidade, vontade, eh!
Necessidade

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (GRUPO DE HOMENS)

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo. As informações existentes neste documento são para que você entenda perfeitamente os objetivos da pesquisa, e saiba da sua participação e importância, bem como que sua participação deverá ser espontânea. Após serem esclarecidas as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte deste estudo, você deverá assinar ao final deste documento, que está em duas vias, sendo uma da pesquisadora responsável e a outra sua.

Informações sobre a pesquisa:

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada **“Reabilitação Profissional do INSS: Trabalho(res), Gênero e Saúde – É possível cuidar de forma integralizadora?”**. Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo, que tem o objetivo estabelecer um espaço de cuidado em saúde para os trabalhadores (os segurados) da Previdência Social, para que possam refletir sobre a relação entre trabalho, gênero masculino, e saúde, possibilitando assim adequado enfrentamento de sua limitada condição no trabalho e reconhecer seus direitos e potencialidades transformadoras, tendo em vista não haver esse espaço atualmente no INSS. Serão realizados seis encontros em grupo, juntamente com a Responsável pela Orientação Profissional, com duração de 100 à 120 minutos, formado com o número máximo de 18 pessoas (n = 15 homens, n = 2 Responsáveis pela Orientação Profissional, n= 1 moderador assistente), em uma sala reservada para grupos na Unidade de Reabilitação Profissional da Agência da Previdência Social do INSS Guarulhos. O conteúdo dos encontros poderão ser fotografados, gravados e transcritos na íntegra para posterior análise, os dados coletados serão utilizados somente para uso exclusivo dessa pesquisa. Serão discutidos temáticas relacionadas à relação capital x trabalho, associado a esse contexto o lugar do masculino na sociedade, e como essas questões sociais tem interferido no processo de saúde-doença do trabalhador. Não são esperados riscos ou desconfortos relacionados a esse procedimento. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros voluntários, não sendo divulgada a identificação de nenhum sujeito da pesquisa. Não haverá despesas, compensações ou benefícios diretos pela sua participação, que deve ser livre e voluntária. Você também tem o direito de ser mantido atualizado sobre os

resultados parciais da pesquisa. Mesmo concordando em participar, você poderá desistir em qualquer momento do estudo, sem qualquer dano ou prejuízo. Em qualquer etapa da pesquisa, você poderá ter acesso as responsáveis pelo estudo, Andréa Domingues da Silva Souza, pelo telefone (11) 3878-9146, ou endereço Avenida Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, 930 – Vila Augusta – Guarulhos/SP – CEP: 07040-030; ou ainda através do e-mail: andrea.dsouza@inss.gov.br, e orientadora Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira Queiroz, pelo telefone: (11) 99973-5595, ou no endereço: Rua Silva Jardim, 136, Vila Mathias - Santos/SP - CEP: 11015-020, telefone (13) 3878-3846; ou ainda através do e-mail: fátima.queiroz@unifesp.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), R. Botucatu, 572, 1º andar, cj. 14, São Paulo, telefone (11) 5571-1062, E-mail: cepunifesp@epm.br.

Eu, _____ RG: _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li e que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa: **“Reabilitação Profissional do INSS: Trabalho(res), Gênero e Saúde – É possível cuidar de forma integralizadora?”** ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem utilizados, seus desconfortos e que não há riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Guarulhos, ____ de _____ 2014.

Assinatura do participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou representante legal para a discussão neste estudo.

Assinatura do responsável pela pesquisa

Data: ____/____/____